Collecção Antonio Maria Pereira
A. de Mesquita
MEMORIAS
DE UM FURA-VIDAS

OBRAS DE CAMILLO CASTELLO BRANCO

Edição popular das suas principaes obras em 80 volumes in-8.º, de 200 a 300 paginas impressa em bom papel, typo elzevir

1 — Coisas espantosas.
2 — As tres irmans.
3 — A engeitada.
4 — Doze casamentos felizes.
5 — O esqueleto.
6 — O bem e o mal.
7 — O senhor do Paço de Ninães.
8 — Anathema.
9 — A mulher fatal.
10 — Cavar em ruinas.
11 e 12 — Correspondencia epistolar.
13 — Divindade de Jesus.
14 — A doida do Candal.
15 — Duas horas de leitura.
16 — Fanny.
17, 18 e 19 — Novellas do Minho.
20 e 21 — Horas de paz.
22 — Agulha em palheiro.
23 — O olho de vidro.
24 — Annos de prosa.
25 — Os brilhantes do brasileiro.
26 — A bruxa do Monte-Cordova.
27 — Carlota Angela.
28 — Quatro horas innocentes.
29 — As virtudes antigas.
30 — A filha do Doutor Negro.
31 — Estrellas propicias.
32 — A filha do regicida.
33 e 34 — O demonio do ouro.
35 — O regicida.
36 — A filha do arcediago.
37 — A neta do arcediago.
38 — Delictos da mocidade.
39 — Onde está a felicidade?
40 — Um homem de brios.
41 — Memorias de Guilherme do Amaral.
42, 43 e 44 — Mysterios de Lisboa.
45 e 46 — Livro negro de padre Diniz.
47 e 48 — O judeu.
49 — Duas épocas da vida.
50 — Estrellas funestas.
51 — Lagrimas abençoadas.
52 — Lucta de gigantes.
53 e 54 — Memorias do carcere.
55 — Mysterios de Fafe.
56 — Coração, cabeça e estomago.
57 — O que fazem mulheres.
58 — O retrato de Ricardina.
59 — O sangue.
60 — O santo da montanha.
61 — Vingança.
62 — Vinte horas de liteira.
63 — A queda d'um anjo.
64 — Scenas da Foz.
65 — Scenas contemporaneas.
66 — O romance d'um rapaz pobre.
67 — Aventuras de Bazilio Fernandes Enxertado.
68 — Noites de Lamego.
69 — Scenas innocentes da comedia humana.
70 e 71 — Os Martyres.
72 — Um livro.
73 — A Sereia
74 — Esboços e apreciações litterarias.
75 — Cousas leves e pesadas.
76 — Theatro: I — Agostinho de Ceuta. — O marquez de Torres-Novas.
77 — Theatro: II — Poesia ou dinheiro? — Justiça. — Espinhos e flôres. — Purgatorio e Paraizo.
78 — Theatro: III — O Morgado de Fafe em Lisboa. — O Morgado de Fafe amoroso. — O ultimo acto. — Abençoadas lagrimas!
79 — Theatro: IV — O condemnado. — Como os anjos se vingam. — Entre a flauta e a viola.
80 — Theatro: V — O Lobis-Homem. — A Morgadinha de Val-d'Amores.

CAMILLIANA

Camillo Castello Branco — *Notas a margem em varios livros da sua bibliotheca*, recolhidas por Alvaro Neves. — 1 vol.

Camillo Castello Branco — *Tipos e episodios da sua galeria*, por Sergio de Castro. — 3 vols., contendo inumeras transcrições da obra de Camillo.

Hosanna! Por Camillo Castello Branco. Fiel reproducção zincografica da 1.ª edição de 1852, hoje rarissima. Tiragem 60 exemplares.

Os pundonores desagravados, por Camillo Castello Branco. Reproducção como acima da 1.ª edição de 1845. Tambem rarissima. Tiragem 60 exemplares.

Prefacio da 1.ª edição do Diccionario de Azevedo, por Camillo Castello Branco.

COLLECÇÃO ECONOMICA

VOLUMES PUBLICADOS

1 — **Aventuras prodigiosas de Tartarin de Tarascon, seguidas de Tartarin nos Alpes, por A Daudet.**
2 — Esgotado.
3 — **Sergio Panine, por Jorge Ohnet.**
4 — Esgotado.
5 — Esgotado.
6 — Esgotado.
7 — Esgotado.
8 — Esgotado.
9 — Esgotado.
10 — Esgotado.
11 — Esgotado.
12 — Esgotado.
13 — **Um coração de mulher, por Paul Bourget.**
14 — Esgotado.
15 — Esgotado
16 — Esgotado.
17 — Esgotado.
18 — **O ultimo amor, por Ohnet.**
19 — **Um bulgaro, por Ivan Tourgueneffe.**
20 — **Memorias d'um suicida, por Maxime du Camp.**
21 — Esgotado.
22 — Esgotado.
23 — **Camilla, por G. Ginisty.**
24 — **Trahida, por Maxime Paz.**
25 — **Sua Magestade o Amor, por A. Belot.**
26 — Esgotado.
27 — Esgotado.
28 — Esgotado.
29 — **Mentiras, por Paul Bourget.**
30 — **Marinheiro, por Pierre Loti.**
31 — Esgotado.
32 — **A Evangelista, por Daudet.**

33 — Aranha vermelha, por R. de Pont Jest.
34 e 35 — Esgotado.
36 — Parisienses! .. por H. Davenel.
37 — Ao entardecer!... por Iveling Rambaud.
38 — A confissão de Carolina, trad. de J. Sarmento.
39 — Esgotado.
40 — Esgotado.
41 — O abbade de Faviéres, por J. Ohnet.
42 — Esgotado.
43 — Esgotado.
44 — A nihilista, por C. Mendés.
45 — Esgotado.
46 — Morta de amor, por Delpit.
47 — João Sbogar, por C. Nadier.
48 — Viagem sentimental, por Sterne.
49 — O milhão do tio Raclot, por Emile Richebourg.
50 — A confissão de um rapaz do seculo, por Musset.
51 — Esgotado.
52 — O castello de Lourps, por J. K. Huysmans.
53 — Amor de Miss, por J. Blain.
54 — A sogra, por Laforest.
55 — Colomba, por P. Merimée.
56 — Katia, por L. Tolstoï.
57 — Alma simples, por Dostoiewsky.
58 — Duplo amor, por Rosny.
59 — Esgotado.
60 — A princeza Maria, por Lermontoff.
61 — Rosa de maio, por Armand Silvestre.
62 — Esgotado.
63 — O romance do homem amarello, pelo general Tcheng-Ki-Tong.
64 — A dama das violetas, por F. Guimarães Fonseca.
65 e 66 — Nemrod & C.ª, por Jorge Ohnet.
67 — Prisma de amor, por Paul Bonnhome.
68 — Historia d'uma mulher por Guy de Maupassant.
69 e 70 — Educação sentimental, por G. Flaubert.
71 — Depois do amor, por Ohnet.
72 — A fava de Santo Ignacio, por Alexandre Pothey.
73 e 74 — O herdeiro de Redclyffe, por Mrs. Yongue.
75 — Uma ondina, por Theuriet
76 — A familia Laroche, por Marguerite Sevray.
77 — As grandes lendas da humanidade, por d'Humive.
78 e 79 — A filha do Dr. Jaufre, por Marcel Prevost.
80 — A dama das camelias, por A. Dumas, Filho.
81 — Dezeseis annos..., por F. C. Philips.
82 e 83 — O Desthronado, por A. Ribeiro.
84 — Ninho d'amor, por A. Campos.
85 — Bodas Negras, por Almachio Diniz.
86 — Do amor ao crime, por Alphonse Karr.
87 — A ilha revoltada, por Ed. Lockroy.

COLLECÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA

56.º VOLUME

MEMORIAS

DE

UM FURA-VIDAS

DE ALFREDO MESQUITA:

JULIO CESAR MACHADO (retrato literario)....	I vol.
PORTUGAL MORIBUNDO....................	I vol.
VIDA AIRADA............................	I vol.
DE CARA ALEGRE........................	I vol.
TERRAS DE HESPANHA....................	I vol.
CARTAS DA HOLLANDA....................	I vol.
LISBOA.................................	I vol.
MEMORIAS DE UM FURA-VIDAS.............	I vol.

ALFREDO MESQUITA

MEMORIAS

DE UM

FURA-VIDAS

LISBOA
PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA EDITORA
Rua Augusta, 50, 52 e 54
1905

1905

OFFICINAS TYPOGRAPHICA E DE ENCADERNAÇÃO
Movidas a vapor
DA PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
Rua dos Correeiros, 70 e 72, 1.º

LISBOA

Quanta gente conhecida tem morrido nestes ultimos tempos! Morreu o Beldemonio, morreu o Urbano de Castro, morreu o José Isidoro...

José Isidoro não era bem um «conhecido». Era antes um ignorado. Mas era um conhecido meu. Poderia ter tido uma bella nomeada, e só teve, afinal, um triste destino.

Costumava estar, ás tardes, encostado á porta de uma loja pequenina do Rocio, que só vende flores e agua, ao lado da botica dos Azevedos. Era um rapaz de trinta annos, alto, encorpado, muito loiro, muito córado, com um ligeiro buço de pontas eriçadas, sempre bem vestido e sempre com a sua bonita flor ao peito, janota, mas janota sóbrio, de gravatas escuras. As mulheres reparavam muito nelle, quando passavam para a Avenida; e quando voltavam, ainda de longe, reparavam outra vez, a vêr se elle ainda lá estava.

Era uma d'estas criaturas que não reservam surpresas a quem uma vez se defrontou com ellas. A' primeira vista, ás primeiras palavras, descobriam-se-lhe as quali-

dades altas e distinctas. Na intimidade, reunia todas essas variadas fórmas que a virtude attinge pela expressão popular, quando se diz de alguem «que tem o coração ao pé da bôca». A sua morte espalhou um vasto e profundo sentimento de pesar nos corações que o amavam. Pobre José Isidoro, quem tal diria! Parecia vender saude.

Era dos Açores, e Bruges, da familia illustre dos Bruges. Tinha vindo muito novo para o Continente, em companhia d'uma tia viuva, abastada e sem filhos, que o tomára á sua conta para o educar, poupando os paes d'elle a esse encargo pesado, pois ainda lhe ficavam nove (tres rapazes e seis meninas) com que se entreter, e com que gastar os sobejos d'uma grande fortuna mal administrada.

Aqui estudara e fizera, sem desmandos, o seu curso de commercio, e aqui se lhe desenvolvera uma paixão por leituras, que trouxera incubada, da Ilha.

Coisa muito singular, porém, do seu modo de ser tão harmonioso e tão corrente em tudo o mais: elle que tanto amava as Letras, não podia tolerar os Literatos! Frequentes vezes tentei pô-lo em contacto com alguns dos seus auctores dilectos: nunca foi possivel.

Uma vez, em Paris, encontrámos Eça de Queiroz, e eu apresentei:

—«O meu amigo José Isidoro... O senhor Eça de Queiroz...»

—«Muito prazer...» disse José Isidoro, pallidamente, entre dentes. Mas logo, aclarando a voz, e seguro do seu effeito, fixando muito a mascara exquisita do ro-

mancista: «... Vossa excellencia é tambem português —ou brasileiro?»

Eu teria desejado que o chão se abrisse, e me engulisse nesse instante. Eça de Queiroz sorriu, complacente, sem sombra de despeito, mas bem longe de suspeitar a enormidade de semelhante mistificação. E disse:

—«Sou tambem português.»

José Isidoro sabia de cór paginas inteiras do *Mandarim,* e paginas inteiras da *Reliquia.* Mas era assim.

Elle explicava e justificava essa grande ratice, dizendo que se disposera a não perder nem mais uma das illusões que lhe restavam. Perdera muitas, e sentia que lhe faziam uma immensa falta. A illusão, dizia elle, é o mais avultado elemento da felicidade. E então criava e adoptava preceitos que podessem assegurar-lhe essa felicidade. Ao conjuncto d'esses preceitos, José Isidoro chamava—a higiene da Illusão ou profilaxia do Desconsolo, o que vinha a dar no mesmo.

Por isso, e a todo transe, elle se esquivava ao convivio intimo dos homens de letras, dos tribunos, e dos medicos. Acreditava muito nas influencias beneficas do escripto, da palavra e da droga, sobre os espiritos desprevenidos. Pensava que a acção de todas as propagandas poderia ser sempre uma salutar acção, se ninguem conhecesse os precedentes e os intuitos dos propagandistas. Toda a propaganda revestia, aos seus olhos, uma seductora fórma; o insuccesso de muitas propagandas, o facto de muitas d'ellas se tornarem contraproducentes, provinha de não encontrarem já na alma das multidões

aquelle preparo de primitiva ingenuidade, que foi o segredo das religiões eternas.

A obra de Jesus — dizia José Isidoro — teria sido uma coisa fugaz e circumscripta á caturreira dos seus doze Apostolos, se algum calumniador do tempo se tivesse lembrado de affirmar, simplesmente, que o encontro de Jesus com a Samaritana, naquelle recanto de estrada onde havia o poço de Jacob, não fôra um encontro de acaso, como se diz na Biblia, mas um *rendez-vous* previamente e discretamente combinado e fixado, para fins que nada tinham que ver com o velho culto do Garizim...

A Revolução francesa—dizia elle—nunca se teria feito, se no meio de uma das tremendas invectivas de Mirabeau, alguem tivesse levantado a voz para o accusar de corrupção, como depois, um dia, o accusaram aquelles que o quizeram expulsar do Pantheon.

Finalmente—dizia José Izidoro—se os doentes que creem na efficacia dos remedios homeopathicos podessem suspeitar que o Doutor Rebello da Silva, o homeopatha, sentindo-se uma tarde incommodado, mandára chamar á pressa o Doutor Pitta, alopatha, nunca mais haveria uma cura a registar nos opulentos annaes da nossa Homeopathia.

Tinha pontos de vista muito originaes, e era sufficientemente teimoso para converter esses pontos de vista em formulas de opinião, que poderia ter defendido e que poderia ter feito vingar. Com um pouco de methodo coordenador, e um pouco de cuidada fórma literaria, elle teria deixado, talvez, um saboroso espolio intellectual.

Quando se soffre de amor — dizia — o unico allivio consiste em fallar do nosso mal. O mal agrava-se, exaspera-se; mas como é o mais estranho de todos os males, quanto mais d'elle se soffre, mais conforto se tira do proprio soffrimento. E' escusado procurar outro remedio. Não ha. Quem uma vez d'elle soffreu, e depois deixou de soffrer, não se curou — morreu. Morreu para o amor. Muitas vezes acontece que aquillo que se suppõe ser o amor, não é senão uma illusão do amor. E nestes casos, tendo-se soffrido, e tendo-se deixado de soffrer, a morte é apenas apparente. Dorme-se. A maior de todas as concepções da arte foi a que simbolisou o Amor numa criança, e d'essa criança fez um deus. E a mais alta, a mais bella expressão da ideia de Liberdade foi a que se encontrou admittindo na adoração d'esse deus a inteira liberdade de cultos. Simbolisar o Amor numa criança, e tornar essa criança eterna, é ter encontrado a definição do sentimento indefinivel. Criança é a primeira fórma humana, integral, da natureza pura, bella e livre. Eternisar nesta primeira fórma a pureza, a belleza, e a liberdade com que a vida irrompe, triumfante, do nada, é definir o amor...

Assim lançava elle, ousadamente, os seus paradoxos e os seus sofismas, como um cimento forte, nos intersticios das verdades humanas.

Mas na graça, na boa graça, na graça que vae buscar aos rodeios da troça e da pilheria a chispa luminosa do conceito, é que elle se achava, e devéras se sentia, como se costuma dizer, nas suas sete quintas. Quasi sempre sob a fórma fugaz da anecdota, ou no artificio de um

trocadilho, que se desfechava em mil sentidos como a exquisitice risonha de algum fogo chinês, o seu espirito tinha encantos, cuja recordação mais aviva ainda, neste momento, e entre aquelles que foram da intimidade d'esse espirito, a saudade d'elle.

Vivia dentro da blague como vive o peixe dentro d'agua. Fazer blague é facil—explicava. Basta simular um certo despreso por tudo quanto os outros tenham convencionado acatar, venerar, exaltar, e ter o desplante necessario para tornar esse despreso legitimo. Mas convindo prevenir, por alguma parcimonia no uso d'este desplante, o perigo de que elle não é isempto. É a blague um acido mordente, que dissolve tudo quanto toca; e não pouco acontece a quem o emprega ter de soffrer-lhe a acção nefasta. Porque a blague dá aos espiritos o habito mau de tudo falsear—o bom e o péssimo, o justo e o iniquo. Façamos blague de tudo, que tudo a ella se presta: façamos blague da Patria, façamos blague do Amor, façamos blague da Esthetica. Mas guardando sempre a dóse bastante de enthusiasmo, ou a porção de sinceridade ingenua, que num dado momento possam de nós sollicitar a Esthetica, o Amor, a Patria... Pois não o vi eu, a esse blagueur sem emenda, ir empenhar a guitarra num dia de penuria para ajudar a Patria a munir-se de armas contra a Inglaterra?

Era um grande trocista; mas a sua troça era a menos offensiva, a menos impertinente, a mais amavel por isso. Era a troça facil, espontanea, de momento, sem o tom sibilino, nem o gesto acre, nem a côr esverdeada da troça de mau humor, que busca de preferencia pretextos de

rixa-velha. Ha trocistas tão identificados com alguns dos pretextos da sua troça, que por fim a gente se habitua a vê-los sempre juntos, e acaba por moquejar de ambos, indistinctamente. São criaturas que cultivam o odio, a quisilia e o despeito, com o cuidado de quem cultiva begonias numa estufa; criaturas que em cada triumfo alheio descortinam um ataque á sua propria pessoa e ao seu proprio merito; criaturas que, envaidecidas, como o pavão, pela plumagem rutilante de que se consideram revestidas, não podem ver, nem querem ver brilhar pennas alheias.

José Isidoro não era assim. A sua má lingua, que a tinha, e poderosa, exercia-se legitimamente, no pleno direito e na plena liberdade da critica imparcial, honesta, e *sans rancune*. Ninguem dirá com verdade que da sua bôca alguma vez saiu uma calumnia, ou escorreu o fio de uma infamia. Cada uma das suas piadas era um articulado integro; cada uma das suas troças um veridictum sem apelação. Perante a justiça da sua critica, os homens e os factos eram julgados em simples processo de policia correcional, sem mais libellos nem contrariedades, sem mais replicas nem embargos.

No fundo, lá muito no fundo, era um timido. Assustavam-no as inimizades; e como soubesse que o talento é uma insolencia que sempre se expia pelos odios surdos e pelas calumnias verminosas, não quizera nunca affectar o melindre dos mediocres do seu tempo.

E assim morreu ignorado, d'um anthraz.

José Isidoro tinha o espirito voluvel, soffreado por

um temperamento molle. Foi um aventureiro pacato. Não podia parar em ramo verde. Não poude nunca encarreirar na vida. Pedra que muito rola não cria musgo —dizia elle. E era elle, precisamente, a pedra que muito rolava. Teve mil empregos, experimentou todos os ensejos de variar a existencia, não se acomodou em nenhuma situação definitiva. Foi burocrata, metteu-se no commercio, esteve no Brasil, tentou a politica, deu lições de guitarra, andou em jornaes, fez-se actor e empresario, teve um collegio—e não sei que mais. E viajou. Viajou muito. Gostava muito de viajar.

Conheci-o nos jornaes. Era uma aptidão decidida para o jornalismo. Muitos dos seus artigos, sempre anonimos, tiveram o exito de ser attribuidos a outros de nomeada. Elle sorria, e deixava; nunca promovia a reivindicação d'esse exito. Sem ambição e sem vaidade, o simples facto do engano publico bastava para contentá-lo. Enchia um jornal de cabo a rabo, desde o artigo de fundo que versasse sobre caso politico, religião ou arte, até á mais circumstanciada noticia d'algum efemero caso de reportage.

O folhetim, a chronica, o suelto, eram-lhe familiares. Algumas novellas fez. E a anecdota, por elle contada, revivia uma vida d'outro tempo, do tempo em que a arte de contar a anecdota era ainda uma arte...

Muitas vezes e muito teimei com elle para que juntasse num livro as coisas dispersas do seu bom humor. Havia de ser um livro desconnexo, um livro sem principio nem fim, baralhado e fugaz, sem rumo certo e ao Deus dará—á maneira da propria vida d'elle. E eu lhe garantía que havia de ser um livro curioso. Promettia-me

sempre que sim—e nunca o fez. Apenas um dia me disse:

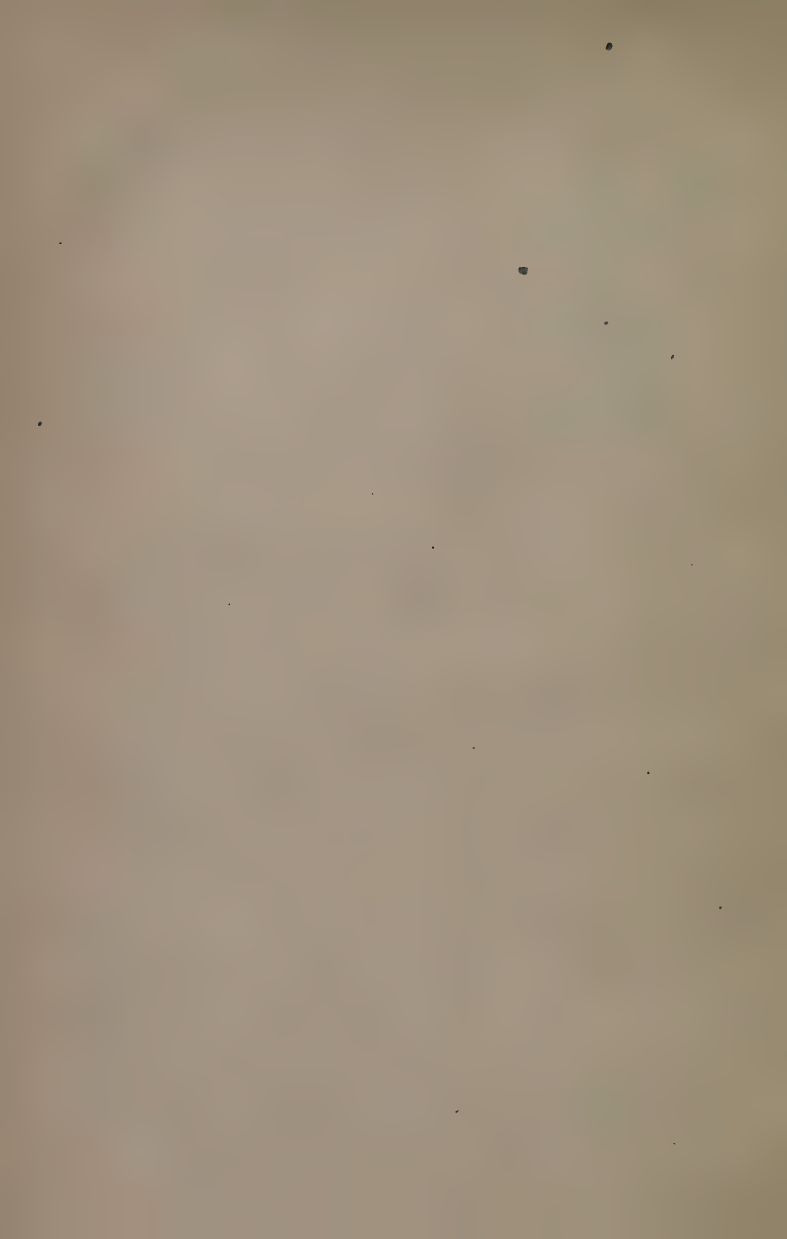
—«Olha, sabes? Já não falta tudo para o livro... Tenho o titulo...»

—«E que titulo?»

—«*Memorias de um fura-vidas!*»

Achei bom. Elle depois adoeceu, e morreu. Já não faltava tudo, em verdade. Mas faltava o resto. Recolhi então, conforme pude, das muitas coisas que sabia serem d'elle, aquellas que juntei neste volume.

Memorias são, afinal.

A. M.

MEMORIAS
DE UM FURA-VIDAS

I

MEU CARO MINISTRO:

Chegou a vez de tambem eu te pedir um favor—o primeiro, talvez o unico—porque todos vossês, Ministros, são excellentes pessoas emquanto não é necessario pedir-lhes alguma coisa, mas deixam de o ser desde que chega o momento de lh'a pedirmos, porque ou no-la fazem, e tornam-se então d'uma tão grande exigencia de provas do nosso reconhecimento, que uma pessoa acaba sempre por lhes pagar o favor com lingua de palmo; ou não no-la fazem, e passam a occupar um logar inferior no nosso conceito, porque todos andamos no erro de que um ministro, tendo, como tem, numa das mãos a faca e na outra o queijo, só não faz um favor quando não quer... Deixa-me declarar-te, antes de mais nada, que não se trata de coisa alguma para mim. Eu sou d'aquelles que se contentam com o que têm, ainda mesmo quando o que têm é pouco; e pertenço tambem ao numero dos que julgam que se um funccionario cumpre o seu dever com a muita intelligencia e o muito zelo de

que nos fallam as portarias de louvor, que eu nunca tive, não lhe será preciso andar atrás do Ministro para que o promova, quando lhe chegue a vez. E se porventura nos acontece, a mim e aos d'esta minha ingenua laia, ser preteridos na justiça, quasi sempre cega, das promoções e dos concursos, a consolação nos resta de que a patria honrámos e a patria nos contempla.

Não se trata, pois, de mim. Trata-se do Manoel Gregorio, que tu conheces tão bem como eu, do tempo em que andámos juntos no latim do Conego Rocha, que Deus haja. E' chegado, talvez, o momento de saldarmos para com elle—pobre Manoel Gregorio!—a grande divida de gratidão que para com elle contrahimos, precisamente nesse mesmo curso de latim, porque não se apagam facilmente da alma os traços profundos d'uma tremenda desdita, como essa que foi a nossa, emquanto andámos sob o dominio tiranico do Conego, durante tres longos annos, e á razão de duas vezes por semana; e tu deves lembrar-te, como eu me lembro, da sollicitude e da audacia, com que o Manoel Gregorio, que era o numero 13 da aula, pontava as declinações aos numeros que lhe ficavam dos lados: ora ao numero 12, que era eu, ora ao numero 14, que eras tu... Podemos bem dizer que todo o latim, com que depois entrámos na vida publica, e com que depois d'ella nos temos sahido nos mais difficeis transes, ao Manoel Gregorio o devemos. Quando, porém, chegou o dia do exame final, e fomos, os tres, passar pelo crivo d'aquelle jury a que nós chamavamos—jury de missa cantada—por entrarem nelle os tres lentes padres do Liceu, que eram o Padre José Pe-

dro, o Conego Rocha e o Padre Antonio Marianno, Vigario de Santa Luzia, cada um de nós, eu e tu, ó irrisão da sorte! teve sua *distinção,* e quem ficou reprovado foi o Manoel Gregorio, que nos levava o latim aos domicilios!

Deixámos depois o Líceu, seguindo cada qual o seu destino, e ainda ao Manoel Gregorio vinha a faltar um anno, por conta d'aquella reprovação injusta—tão injusta, pelo menos, como cada uma das reluzentes distinções com que ornámos a fronte nesse dia, para descer, em triumfo, a Ladeira de São Francisco.

A esse tempo, era elle já tão infeliz, que ainda por cima da reprovação apanhou uma formidavel sóva, de que só tiveram noticia duas pessoas e uma besta. A besta foi o pae de um garoto a quem o Manoel Gregorio explicava o latim do primeiro anno, para auferir uns espremidos dois mil réis por mês, com que pagava a renda da casa onde morava com a mãe, viuva; as duas pessoas foram elle, que aguentou a tunda, e eu, a quem elle contou que a levara, mas pedindo segredo, porque se o caso constasse, peor teria sido. O garoto não alcançara média no primeiro anno, a despeito dos bons esforços que o Manoel Gregorio dispendera nas explicações; e o pae, quando soube que o explicador tambem ficara chumbado, foi espera-lo, á noite, atrás do Convento de São Gonçalo, sitio escuro e deserto por onde elle devia passar para chegar a casa, e ahi o desancou, com o guarda-chuva de varetas de baleia, invectivando-o nestes termos desabridos:

—«Agora é que vossê m'as paga, seu mariola!...»

E o guarda-chuva descrevia no espaço a linha sinuosa das sóvas bem puxadas...

«Com que então, vossê, seu fiel patife...»

E já o guarda-chuva, outra vez no ar, voltava para baixo...

...«não sabia latim para passar no exame...»

E o guarda-chuva, implacavel, outra vez subia...

...«e andava a intrujar o rapaz e a intrujar-me a mim, em dois mil réis por mês...

E o guarda-chuva, zás!

...«fingindo que lhe explicava uma coisa que nem sabia para si!... Agora é que vossê se vae *explicar* comigo, seu grandissimo mariola!...»

Atordoado, dolorido, e, todavia, resignado, Manoel Gregorio nem cuidou em defender-se. Apanhou e calou. E só quando ao aggressor doeu o pulso, em signal de que bem podia considerar-se reembolsado, por esse meio violento, do dinheiro que gastara com as explicações do latim, é que o nosso pobre amigo conseguiu continuar no seu caminho, e ainda assim não sem dar razão ao pae lesado, e dando-lhe até as boas noites, quando se separaram.

Ora a verdade, a grande verdade, a verdade com todas as letras e com V maiusculo, era que o Manoel Gregorio sabia mais latim que o proprio Conego Rocha, que o ensinava no Líceu, em virtude de nomeação régia. Mas a razão que elle dava, nessa memoravel noite tenebrosa, ao pae exasperado do discipulo cábula, era toda uma razão de boa coherencia entre principios e conclusões, que já então esclarecia, explicava, á viva chamma de uma logica bondosa, as palavras e os actos

do nosso bom amigo. Elle entendia que esse pae se achava realmente no exercicio licito de um direito, quando desancava o explicador do filho, porque tendo-lhe pago pontualmente o trabalho das explicações, não tirara d'ahi o proveito com que contava, na média indispensavel para que o rapaz passasse de anno. E como já então, a vida e a experiencia lhe tivessem dito, ao Manoel Gregorio, que a tendencia natural dos paes vae sempre mais para a crença de que os filhos são uns prodigios e os mestres umas alimarias, o sentimento que naquelle momento lhe ditaram os seus raciocinios, que a pesada sombra do guarda-chuva de varetas de baleia não pudéra obscurecer, era todo um sentimento evangelico de perdão—porque o outro lhe batera, sem saber o que fazia.

Eu posso affirmar-te, porém, porque tive conhecimento directo do estado em que ficou o dorso do nosso triste condiscipulo, e pelas minhas proprias mãos lhe appliquei fórtes fricções de flanela embebida em arnica—que o pae do rapaz soube muito bem o que fez, de cada vez que ergueu ao ar o guarda-chuva, para lh'o assentar em seguida em toda a extensão do lombo...

Sóva tão grande foi essa, que o Manoel Gregorio teve de ir á cama, e de cama esteve tres dias. Depois, quando poude levantar-se, endireitar-se e sahir, para continuar com afan no seu cruel fadario de explicador, nos intervallos das aulas, porque d'isso vivia, teve para mim esta sincera confidencia:

—«Foi a melhor lição de latim que tenho apanhado em toda a minha vida!»

E, não ha ainda muitos mêses, tendo chegado até nós o echo d'essa encarniçada campanha emprehendida em França contra o Preconceito do Latim, quando Jules Lemaître elevava na Sorbonne este lamento sonoro: —«E porque passei doze annos da minha vida a aprender essa lingua, conheço cada vez mais que nada sei, ignoro o inglês que a metade do mundo falla, sei tão pouco allemão que mette dó, sem que, todavia, a culpa tenha sido minha, porque emquanto fui criança, e como quasi todas as crianças só dispunha de uma faculdade de trabalho mediocre e limitado, essa faculdade me foi absorvida completamente pelo estudo das linguas defuntas, que uma céga tradição me impunha, e de que tão pouco resultado me havia de provir...»—Manoel Gregorio publicou, debaixo d'um pseudonimo, em uma folha pouco lida da capital, toda uma série de artigos vernaculos com que destruiu, um a um, os argumentos mais ou menos razoaveis de Lemaître, terminando nestes termos:—«O que eu posso dizer, por ultimo, ao illustre academico da França, é que só o meu latim me garante uma boa sintaxe, me permitte evitar as impropriedades, conservar ás palavras o seu verdadeiro sentido, robustecê-las muitas vezes, aproximando-as da sua verdadeira significação etimologica. E' ainda ao meu latim que devo poder comprehender os escriptores dos tres ultimos seculos, communicar com elles plenamente; a elle devo ainda não acreditar nos sollecismos que o digno Monoclet descobriu em Racine...»

Toda a gente entendida asseverou, em Lisboa, que o pseudonimo de Manoel Gregorio, nesses artigos, occul-

tava, pelo menos, o nome venerando de Meirelles, o latinista!

Muito, e bem, poderia rir Lemaître á custa d'esse articulista seu contradictor, se soubesse quem elle éra e lhe conhecesse a vida por miudos, como eu! Porque a melhor prova, talvez a mais palpavel de todas, que o propagandista teria encontrado para a ousada affirmação de que o latim nada serve para governarmos a vida, seria a propria historia do proprio Manoel Gregorio, o latinista!

E' tempo de dizer-te que o antigo condiscipulo por quem hoje intercedo junto de ti—de ti, que és homem de coração e homem justo—tem a honra de ser teu subordinado, dentro do teu Ministerio; e é justamente para o caso possivel de lhe proporcionares, a par d'essa honra, mais algum proveito, que o abaixo assignado, esperando receber mercê, vem sollicitar o empenho da tua boa vontade, um olhar bondoso da tua misericordia.

Manoel Gregorio é amanuense da tua Secretaria de Estado, ha bons dez annos, tendo entrado para esse logar por meio de um brilhante concurso, cujas provas o teriam collocado, sem favor, em numero 1, mas a quem a sorte mais uma vez collocou no numero 13—a triste sorte de quem encontra sempre na vida, para qualquer parte ou para qualquer concurso que se volte, doze concorrentes mais felizes adeante de si. E se d'essa vez a desventura não foi até ao ponto de o deixar excluido—pois eram dez as vagas—elle o deveu á circumstancia fortuita de ter sido absolutamente necessario á vida do Gabinete despachar o concorrente que ficara no decimo

quarto logar, tendo-se movido para isso as mais altas influencias e os mais altos empenhos.

Quando, porém, se deu a primeira vaga de segundo official, e chegou o momento da primeira promoção, viram os primeiros treze amanuenees classificados passar-lhes á direita, sobranceiro e risonho, o ultimo admittido!

Manoel Gregorio foi, por essa occasião, o unico cuja boca sagrada não se abriu, nem para uma lastima, muito menos ainda para um protesto. Depois, e como no decorrer aprèssado de oito annos, nada menos de doze vagas de segundo-official se houvessem dado, quando elle se suppunha, por lei, e pela ordem natural das coisas—circumstancias estas que raras vezes vêm juntas—em numero 1 para a promoção, chama o diabo ao Governo o ministro teu antecessor, e, com a entrada funesta d'esse estadista funesto, os regulamentos alteram-se, e á sombra d'elles vêm bachareis formados disputar, como galfarros, ao Manoel Gregorio, a mais risonha esperança de toda a sua vida!

Muitos outros tenho eu conhecido que, em circumstancias bem mais faceis e mais em harmonia com os principios estabelecidos da injustiça humana, desesperaram, e se converteram em maus quando eram bons, em perfidos quando eram leaes, em tortos quando eram rect s—sem contar com os que procuraram refugio no suicidio, ou foram correr as aventuras amargas da emigração. Manoel Gregorio encontrou, porém, no segredo da sua logica, e no conselho dos seus auctores latinos, a resignação bastante para ficar na mesma: amanuense

e calado. Talvez tu não acredites, mesmo sendo eu quem t'o diga, que o Manoel Gregorio não teve sequer como desabafo um artigo violento no *Rebate*—no *Rebate* que é na nossa imprensa, como por certo não ignoras, o orgão de quantos serventuarios descontentes das Instituições pretendem levar ao conhecimento publico as razões de queixa, que os indispôem com os chefes, intercalando as verrinas de tipos normandos, bem negros... Pois pódes acredita-lo; e quando o acredites, pasma d'este requinte inaudito da maldade humana: Manoel Gregorio foi accusado—e em termos taes o foi, que sobre a sua cabeça pesou, num momento dado, a infamante ameaça de uma sindicancia—de ter enviado á publicidade indecorosa d'esse falso *Rebate*, toda uma serie de artigos, que só mais tarde se soube terem sido redigidos pelo proprio punho d'um ministro d'estado honorario, contra os actos da gerencia do então ministro d'estado, effectivo, da mesma pasta!

Pertence este Manoel Gregorio a uma classe de individuos de quem podemos julgar que vieram ao mundo com o estigma d'uma predestinação implacavel de desdita. São criaturas, em geral, bondosas e maleaveis, eternamente ingenuas, de quem é possivel tirar, pelos meios mais usuaes da sedução e da manha, quantas provas quizermos de uma boa-fé sem limites, de uma confiança absoluta, de uma sempre prompta e sincera dedicação. Ellas fornecem o contingente mais abundante e mais seguro das corporações humanitarias, cuja bella missão desinteressada é andar pelo mundo a realizar em silencio as grandes obras de misericordia, consolando os

tristes, vestindo os nús, visitando os enfermos e os encarcerados; ellas são, em tempo de paz, as Irmãs dos Pobres, e em tempo de guerra a Cruz Vermelha. Embaladas no sonho dôce da recompensa eterna, ou levadas pela arreata no cortejo triumfal dos Vencedores da Vida, passam eternamente pela terra sob a condição submissa de comparsas e vassallos, escravos sempre risonhos, vencidos sempre contentes. Para que o Desplante e a Audacia, augustos soberanos, possam subir com commodidade e garantia ao throno auriluzente dos seus vastos reinos, ellas se rojam por terra, e assim vão formando em successivas camadas sobrepostas, os degraus aveludados d'esse throno. São os humildes, são os simples, são os desamparados. Ao fim de uma existencia amarga de soffrimento e vexame, de privação e supplicio, de silencio e resignação, a ironia chama então a um ultimo concurso todos esses desventurados, e por cada milhão confere a um o premio de virtude, não sem d'ahi tirar ainda, no estimulo insuflado aos outros, algum proveito para si, e alguma garantia...

E todavia, meu amigo, meu dilecto amigo, Manoel Gregorio é um optimista! Tendo tanto soffrido, elle continua sendo, entretanto, o mesmo homem confiante nas probabilidades de melhores dias, na esperança de um futuro mais desanuviado, quasi na certeza de uma felicidade plena, tardia embora.

Para quem sabe das penurias por que elle tem passado, e que só póde apreciar devidamente quem não possúa, como elle, mais que um logar de amanuense num Ministerio onde nem ha extraordinarios, porque

da Repartição de Contabilidade baixaram ordens muito expressas prohibindo até os serões; e quem, como elle, tenha a sustentar uma mulher e um filho—a surpreza que offerece esse optimismo do Manoel Gregorio é tão grande, como a que experimentaram os primeiros exploradores dos pólos ao encontrar nos horriveis desertos de neve da Groenlandia, embrulhada em pelles de foca, a gente mais jovial que tinham visto no mundo. E um optimismo illimitado e enraizado, um sentimento instinctivo que não o abandona, que nunca o abandonou, nas peores situações. A idéa d'esse futuro melhor, que ao Manoel Grégorio sorri imperturbavelmente, e que parece imprimir a cada uma das celulas do seu ser um movimento constante de actividade fecunda, elle a guarda, com effeito, na propria força da sua consciencia, determinando bem a função regular e continua de toda a sua vida.

Devo dizer-te que, em parte, será possivel talvez explicar essa pertinacia, essa quasi teimosia na lucta de viver, e de esperar da vida, em regalias e confortos, a compensação dos maus dias.

A mulher que o acompanha na desdita, que é sua esposa e já lhe deu um filho, dir-se-ia enviada por Deus para fortalecer e continuar, no espirito de Manoel Gregorio, a acção benefica, meiga e carinhosa, dos seus auctores latinos. Essa criatura, que ao desamparo do nosso amigo trouxe, após a morte da mãe, encantos que ao elogio do proprio Legouvé escaparam no poema em que elle cantou o Merito das Mulheres—essa criatura é mais que uma mulher, é uma santa, canonisada já

entre os vizinhos do predio e as poucas pessoas que com elles se dão. Ah! meu amigo! Se algum dia o teu nobre collega da pasta da Fazenda viesse a possuir a sciencia de bem administrar, que essa pobre mulher emprega no amanho da sua casa, do filho que amamenta, e do marido que remenda; e se esse ministro soubesse administrar os dinheiros do Thesouro, com o mesmo zelo e com a mesma arte de obter d'elles a elasticidade que a mulher de Manoel Gregorio emprega na administração dos parcos vencimentos do marido, esta seria bem, no respeitante a finanças, a muito ditosa patria minha amada...

Disse-te eu que essa mulher é uma santa, e não exagerei. E' uma santa, authentica—com milagres; por que tudo quanto ella chega a realizar com os dezoito mil reis do Manoel Gregorio, e o pouco mais que lhe rendem os engomados para fóra, tudo isso equivale a verdadeiros milagres.

Ora, o que eu quero pedir-te, se não com o mesmo poder convincente de frase com que o Alexandre Herculano enterneceu um ministro do seu tempo sobre a miseria das freiras do Lorvão, e com que, ainda depois de ter morrido a ultima d'essas freiras, commoveu até ás lagrimas quantas gerações aprenderam a ler correntemente nos trechos da Selecta Nacional—o que eu quero pedir-te é isto: promove o Manoel Gregorio! Debate-se elle, neste momento, com essa vaga de segundo official dos Negocios Ecclesiasticos, que até agora lhe tem sido invencivel, e na sua pessoa concorrem, já como funcionario, já como homem — se me permittes

que assim junte estas duas entidades—todas as circumstancias, todos os meritos, e mais partes, capazes de garantir ao ministro, que houver de promovê-lo, a certeza de que todos os jornaes, sem distinção de côres politicas, hão de dizer que a escolha «não podia ser mais acertada.»

E, como dizia o Herculano ao fechar a carta—se tu entenderes que este memorial de uma testemunha ocular póde servir de thema a louvaveis considerações, publica-o. Lembra-te que até as freiras quizeram, num excesso de desesperação, romper tumultuariamente a clausura, para ir pedir pão pelas cercanias; e que ao Manoel Gregorio nunca passou, ao menos, pela idéa, pedir-te que o promovesses.

—«*Dum spiro spero!*» diz elle. «Emquanto respiro, espero!» E neste breve resumo se concentra toda a sua filosofia, dando a essa verdade biologica fundamental a fórma d'um saboroso calembur classico.

II

Na Rua Nova da Palma encontrei esta tarde o actor Amaro. Vinha elle do ensaio no Principe Real. Achei-o triste.

—«Estou triste, estou. O Pratas, sabe vossê? o meu querido Pratas, está ás portas da morte...»

—«Que me diz, Amaro?»

—«Digo-lhe isto! Imagine que desgraça; elle numa cama, abandonado já p'los medicos; a mulher noutra cama, moribunda... Lá vou agora.»

—«Coitados!»

—«E amigos um do outro, como elles eram... Ambos viuvos ao mesmo tempo!»

—«Sabe vossê quem tambem está muito mal, ó Amaro?»

—«Quem é?»

—«E' o Ventura.»

—«Já sei. Não me admira. Morre de estroinice.»

—«Mas é que morre!»

—«Ora! Quantas vezes eu lhe tenho dito: Ventura, Ventura, olha que tu, com a vida que levas, não chegas ao fim dos teus dias... E é que não chega, vossê verá. Morre muito antes!»

—«O Salvador é que lá conseguiu arribar, hein?»

—«E' verdade! Aquillo é que é um barra! Elle é rheumatismo, elle é bexiga, elle é lesão no coração...»

—«E agora, por ultimo, a pneumonia!»

—«Mas já sae. Ainda hontem o vi. E lá lhe disse: que saude precisa vossê ter, Salvador, para suportar tanta doença!»

Amaro, fóra de scena, é invariavelmente assim.

III

Se aos modernos bôbos da Côrte ainda hoje se consentisse terem talento e graça, como se permittia aos antigos, que originalissima figura de bufão sagaz e critico não seria a d'esse Antonio Euzebio, cantador de Setubal, a realçar d'um fundo de sombra, como um vulto vivo de Velasquez, em pinceladas luminosas! Olhem

aquella cara! Olhem aquelles olhos e aquella boca rasgada, entre aquelle queixo e aquelle nariz! Elle que fale, elle que cante, elle que improvise...

Tragam do guarda roupa do passado a farpela rica de Gringoire, e vistam-lh'a. Deem-lhe a licença, que tinha Gil Vicente, para entrar na camara da Rainha parturiente a distrai-la com o seu monologo do Vaqueiro. Reconstituam a scena de uma merenda real nos jardins de Santos-o-Velho, e chamem-no á presença de El-Rei enfadado, para que elle o faça sorrir. Deixem-no dizer em voz alta o que elle sabe dos embustes e lisonjas, das intrigas e perfidias que formam a trama doirada da vida palaciana. Arrebatem-no, em summa, a outro tempo, ponham-no em meio d'outra gente, façam-no viver uma outra vida com que elle nem sonha, e desafiem-no, e estimulem-no, e puxem-lhe por a lingua...

«Por ser pobre, mal fadado,
ninguem me serve d'empenho.
Como padrinho não tenho
morro sem ser baptisado.»

E o bôbo immortalisar-se-ha no poeta.

IV

Noutro tempo, as pendencias d'honra liquidavam-se em duelos, trocando-se algumas espadeiradas ou algumas balas.

Agora, liquidam-se em conversas, trocando-se apenas algumas desculpas.

D'antes, os duelos eram — actos. Hoje, os duelos são —actas.

V

...Nos seus achaques e nas suas desditas, o alfacinha de hoje já não espera que do céo lhe venha o remedio. A vida é o que é, as coisas são o que são.

Emquanto tem saude e pode trabalhar, elle gasta quanto ganha e gosa quanto póde. Desambicioso e commodista, a unica forma por que ainda tenta fortuna é jogando na loteria. O cauteleiro de Lisboa é a sombra do alfacinha. Conhece-lhe a balda, e não o larga. Para onde vae um, vae o outro.

—«E' o trez, trezentos e um! que depois d'amanhã anda a roda.»

—«E' a ultima de seis... Quem me acaba o resto!»

Pôe-se-lhe ao lado, acerta o passo com elle, mette-lhe á cara as cautelas, os decimos, os vigesimos, os meios bilhetes. Segreda-lhe tentações, vaticina-lhe mil venturas, acena-lhe com todas as probabilidades do ganho, garante-lhe que tem ali a sorte, a grande, a maior de todas, a taluda! E que se elle não compra, arrepende-se... E que se aquillo hade ir parar á mão de outro, o melhor será deitar-lhe já a mão...

O alfacinha hesita, disfarça, volta a cara, finge-se maçado, manda o cauteleiro ao diabo; mas quando o cauteleiro, que já o conhece, lhe faz crer que o deixa, o alfacinha pára, apalpa as algibeiras, resolve-se, chama-o, e compra-lhe o resto das cautelas!

No dia seguinte anda a roda. Um ou outro cambista, que

vendera o numero mais premiado, espalha areia encarnada á porta. Apparece depois a lista geral, e o alfacinha procura nella os numeros que traz no bolso. Tudo branco! Não ha nada mais certo, como dizia o Garrido: a sorte grande é uma coisa que sae sempre aos outros!

Imprevidente por indole, o alfacinha fia-se sempre nestes dois grandes e ultimos recursos: a agiotagem e a beneficencia.

Emquanto ha que empenhar, empenha-se. Nem para outra coisa servem os pregos, de que Lisboa está cheia. Começa-se por lá ir pôr as joias, que é o que faz menos falta; depois das joias, o piano, que menos falta faz ainda ao vizinho do andar de baixo; depois do piano, a mobilia da sala, dando-se ordem á criada para dizer ás visitas que os senhores foram para fóra; depois da mobilia da sala, a mobilia da casa de jantar, e o guarda-fato com porta de espelho, e a cama á francesa, e os quadros, e as loiças, e os vestidos de seda, e o fato de verão se estamos no inverno, ou o fato de inverno, se já chegou o verão... Por fim, vae tudo. E depois de ter ido tudo, vae ainda—o resto!

Quando já não ha que empenhar, recorre-se á letra, ao adeantamento sobre o ordenado, ao *encosto*—que na giria patusca do lisboeta significa o pedir a algum amigo dois mil e quinhentos emprestados, com a firme tenção de nunca mais lh'os pagar.

Nestas alturas, as Cozinhas Economicas começam a prestar ao alfacinha o grande serviço social de lhe amparar e conservar as forças, para a manutenção da especie. E a especie, agradecida, reproduz-se: mas já então

em circumstancias tão difficeis, que o alfacinha, renunciando ás alegrias da paternidade, delibera entregar a próle aos cuidados maternaes da Santa Casa da Misericordia, indo metter os filhos na roda. A's vezes, para nem se dar ao trabalho de lá ir leva-los, limita-se a pô-los da parte de fóra da porta; e é o Albergue das Crianças Abandonadas que toma conta d'elles.

O Estado, o Municipio, a Maçonaria, as Ordens religiosas, as Associações de beneficencia, todos quantos podem, pelo coração e pelo bolso, valer ao infortunio, se acercam do alfacinha, generosos e apiedados. Se a doença o acommette abrem-lhe as portas dos Hospitaes, chamam-no ás consultas dos Dispensarios, proporcionam-lhe os soccorros da Assistencia. Se elle não tem casa, nem pousada, abriga-o o Albergue Nocturno. Se a força lhe escasseia no manejar da ferramenta, ampara-o o Albergue dos Invalidos do Trabalho.

No dia em que tudo acaba para o alfacinha, e vem o medico passar-lhe a certidão de obito, se os seus herdeiros se não julgam habilitados a fazer-lhe o enterro, em coche doirado, puxado a quatro cavallos, com acompanhamento de gatos-pingados a trote, corôas de violetas e goivos e participação nos jornaes (não se fazendo convites especiaes pelo estado de consternação em que todos se acham) é ainda a Santa Casa da Misericordia que o transporta na sua tumba ao Cemiterio dos Prazeres, se elle morreu na parte occidental da cidade, ao Cemiterio do Alto de S. João, se foi na parte oriental que elle morreu, ao Cemiterio da Ajuda, se elle foi morrer em Belem.

E é de ver então a serenidade, a attitude resignada, quasi diriamos a filosofia contente, com que o alfacinha vivo acompanha á ultima morada o alfacinha morto, pegando-lhe ás borlas do caixão, fazendo-lhe um discurso á beira da sepultura, ou espalhando-lhe sobre o cadaver a primeira mão cheia de terra; e depois do implacavel *Requiescat in pace!* na debandada dos amigos do finado, o animo leve dos que ainda cá ficam, retomando o caminho da vida, retrocedendo ainda uma vez pelos atalhos d'aquelles jardins ladeados de mausoleus e inscripções piedosas, onde a flor da saudade é a que mais viceja, e a rama dos ciprestes a unica que dá sombra...

E' que o alfacinha crê que será sempre leve a terra da sua patria ao coração dos que verdadeiramente a amaram.

VI

Por baixo da minha janella desfecha-se um drama.

Um pequenote de seus doze annos apaixonou-se por uma rapariguita que terá a mesma idade. Lá lhe fez seus madrigaes confórme poude, e o caso foi tomando taes e tão rapidas proporções, que a mãe da pequena teve de intervir. Houve barulho, veiu a policia, e o rapaz, vendo o seu caso muito mal parado, enfiou por uma trapeira, desappareceu pelos telhados, e ninguem mais tornou a pôr-lhe a vista em cima.

A rapariguita, entretanto, desfazia-se em lagrimas.

E então, uma velha visinha, para a consolar, ponderava:

—«Deixa lá, pequena, deixa lá... Ha mais garotos na terra!»

VII

O *Diario de Noticias* pergunta hoje:

«As colonias representam um beneficio, ou representam um encargo?»

Se é de colonias portuguezas que se trata, a resposta é prompta: representam um beneficio para a Inglaterra, e um encargo para Portugal.

VIII

Uma caravana de felizes lisboetas parte amanhã para Paris, não escarranchados no dorso de dromedarios, nem armados de carabinas contra o ataque dos salteadores hespanhoes, mas com a commodidade e segurança de quem viaja em carruagem de 1.ª classe, nas linhas ferreas que tão vantajosamente nos pôem já em rapida communicação com o resto da Europa.

Uma reducão muito sensivel no preço das viajens ordinarias, entre a primeira cidade de Portugal e a primeira cidade do mundo, facilmente juntou essa multidão de negociantes, de medicos, de padres, de juristas, de cocottes, de archeologos, de jurisconsultos, de artistas, de jornalistas, de industriaes.

A economia nivelou assim, nesse agrupamento, as classes mais variadas, misturando-as, confundindo-as bem, constrangendo-as a essa promiscuidade de trato e de convivio das excursões baratas, que não é por certo

uma das menores conquistas, nem um dos peores triumfos, do nosso moderno espirito democratico.

Da alegre caravana, uns vam só para gosar, outros para ver e aprender, outros para tratar de seu negocio, outros só para dizer que já lá foram.

E outros ha, ainda, para haver de tudo, que não vam nem para gosar, nem para ver, nem para aprender, nem para negociar: são os que vam, muito expressamente, para apoquentar os outros. Não ha viajem de prazer sem elles. Não porque sejam elemento indispensavel para o prazer da viajem; mas porque são elles os que mais farejam a excursão barata, para que nenhuma lhes escape. Obedecem todos a um mesmo tipo, e esta condição ainda os torna muitissimo mais maçadores.

A primeira preocupação d'este tipo de excursionista é o vestuario. Pode a excursão limitar-se ás Caldas da Rainha ou á Figueira da Fóz, que nem por isso elle deixará de nos aparecer vestido e equipado como se fosse partir para a *Viajem á roda do mundo,* em cinco actos e dez quadros, na Trindade. Parece vestido no guarda-roupa do Cruz. Calça e jaquetão aos quadradinhos, polaina até meia perna, botas de salto de prateleira, capacete de linho, binoculo de grande alcance a tiracolo, luvas côr de rato, lunetas defumadas, um cinto com revolver, um relogio de algibeira com despertador, uma bussola, um apito, e a ponta d'um chavelho de familia.

A sua outra preocupação é a bagagem. Elle ha de sempre exceder a concessão dos 30 kilos, que costumam fazer as Companhias dos caminhos de ferro — além

dos chamados volumes de mão, com que elle se apressa a marcar, no compartimento da carruagem para onde sobe antes de mais ninguem, os quatro logares dos cantos, a afugentar os que chegam depois, e que tambem só querem, como elle, um canto ao pé da janella. Elle já devia saber, por experiencia propria, que nos comboios especiaes das excursões baratas não ha possibilidade de uma pessoa guardar para si mais de um logar, o que já é uma boa fortuna, porque muitas vezes acontece ter a gente ainda de repartir com outros o logar que mal chega para nós. Mas não senhor!

Elle ha de, cada vez, todas as vezes, sempre, fazer o mesmo espalhafato, pondo a um canto o cobertor enrolado em correias, collocando noutro canto o cabaz dos comestiveis, indo espetar no outro o guarda-sol e a bengala, espapaçando-se no ultimo, e estendendo bem as pernas por cima dos assentos do seu lado, a vêr se pode, assim, tomar ainda mais algum logar.

Como Lisboa é uma terra onde toda a gente se conhece, e onde todos se tratam por tu ou por vossê, não se passam dois segundos sem que uma cara conhecida, extremamente jovial, se chegue á portinhola do compartimento que o excursionista maçador escolhera só para si; e ahi começa, verdadeiramente, para o desprevenido, o prazer inefavel, incomparavel, da viajem: encontrar um bom companheiro de viajem.

—«Olá! Tu por aqui!» exclama o que já lá estava para o que chegou depois.

—«Pois claro! diz o outro. Por este preço... quem não ha de ir a Paris?! Isto está já tudo tomado?»

—«Não. Isso sim! Estou cá só eu. Sobe tu, tambem. Isto é nosso. Vamos aqui optimamente.»

O outro sóbe e instala-se. Ora! E' uma alegria. Muito vam divertir-se.

—«Tu já foste a Paris?» indaga logo o maçador.

—«Eu já, e tu?»

—«É a primeira vez. Por issó ainda mais folgo com o encontrar-te. Já não te largo. Para onde tu fôres, vou eu.»

—«Falas francez?»

—«*Quelque chose...*»

—«O' menino! tu has de dar-me licença para que te observe que estás em grande erro de conversação franceza. O nosso *alguma coisa,* vertido para francez, e empregado em tal caso, não quer dizer coisa alguma. A resposta, no teu caso de modestia, perguntando-te alguem:—*Parlez-vous français?* seria esta: *Oui, un peu...*»

—«Ah! muito obrigado. Não sabia. Mas olha, o melhor, como eu agora já te não largo, será entenderes-te só tu com elles.»

—«Pois está dito.»

Fatal compromisso! Pernicioso compromisso! Porque desde esse momento, o desprevenido torna-se, fatalmente, perniciosamente, a victima do maçador. Em má hora elle chegou e espreitou á portinhola d'aquella carruagem.

A animação da gare, quando já se ouviu o segundo toque da sineta aproximando o momento da partida, offerece muita curiosidade. O painel das fisionomias é uma coisa estranha: o traço dominante não é já aquelle mesmo traço de pesada semsaboria que marca

fundo o aspecto das multidões das nossas gares quando chega o aprazado momento de abandonar a cidade, para correr os riscos d'um itinerario de villegiatura por campos onde não ha arvores, e praias onde não ha casinos. Não é já o dissimulado enfado de quem deixa, constrangido pela moda, a sua casa, os seus habitos, as suas commodidades, para ir metter-se nas hospedarias da provincia, dormindo em leitos duros como tarimbas, comendo os almoços e os jantares das mesas redondas, entre os arrôtos e cotoveladas das viscondessas e dos viscondes. E' um outro ar, é uma outra animação, é uma outra alegria, é uma outra coisa.

E' talvez a ancia do nunca-visto, a esperança do imprevisto, o atavismo da aventura. Porque Paris é ainda, para muito boa gente, a aventura.

O Boulevard!

A Mulher!

A Civilisação!

Outro toque de sineta, e o comboio parte.

A' entrada do tunel, do immenso tunel, o fumo da machina vae invadir as carruagens. O desprevenido aventa que será melhor deixar as vidraças abertas para que o ar circule; mas o maçador pretende que o contrario é melhor: fechar as vidraças, para que não entre o fumo. O desprevenido é asthmatico, a falta de ar inquieta-o; mas é mais tolerante do que asthmatico. E o maçador puxa para cima as vidraças.

O resto da viajem, até Paris, faz-se sem incidente.

Apenas, em Valladolid, experimentando o maçador uma necessidade fisica inadiavel, e pedindo ao des-

prevenido o favor de lhe arranjar um jornal, tudo isto leva seu tempo, e perdem ambos o comboio.

O comboio a meios preços!

O comboio barato!

Bem. Paciencia. O unico remedio é comprar outro bilhete, o bilhete ordinario, e seguir viajem. Se tívessem descarrilado, ou se tivessem tido um choque, não poderia ter sido muito peor? Ora, ora!

Chegam a Paris. Procuram um hotel, e ficam no mesmo quarto, onde ha duas camas. O maçador, como quem não quer a coisa, vae apalpando os colchões, e guarda logo para si o que lhe parece mais mole.

Tomam o seu banho, mudam de roupa, fazem a sua toilette. O desprevenido, homem pratico, está prompto em meia hora. O maçador, que ainda está em fralda de camisa e piugas, pede-lhe o favor de esperar que elle acabe de vestir-se, de fazer o laço da gravata, de frisar o bigode, de procurar um lenço... Diabo! Diabo! mas onde traz elle os lenços, que não ha meio de dar com elles?! E á procura dos lenços se vae o melhor de outra meia hora. Meia hora perdida em Paris! em Paris, onde a gente conta os minutos!

E só então o desprevenido sente uma vaga suspeita de que o companheiro de viajem que lhe conviria não era bem aquelle. Mas é apenas uma suspeita, uma vaga suspeita, por ora.

—«Vamos ver o Louvre?» diz elle.

—«Homem, boa idéa! diz logo o outro. Nem que vossê adivinhasse... Preciso piugas, lá deve haver. Tenho ouvido dizer que no Louvre ha de tudo.»

O desprevenido sorri. Não é dos Armazens do Louvre que elle fala. E' do Museu, do Muséu do Louvre!

—«O' menino! O' menino! Por amor de Deus... Pois a gente ha de ir metter-se num museu a esta hora, por este calor?!...»

E propõe que tomem antes uma tipoia descoberta, para dar uma volta nos boulevards. Ao meio dia, debaixo d'um sol que racha!

Se o desprevenido conduz o maçador a um restaurante onde o jantar é a preço fixo, o maçador insinua que melhor será irem a outro onde o jantar seja *à la carte;* mas se no dia seguinte, o desprevenido, complacente, o conduz a algum restaurante onde o almoço seja *à la carte,* o maçador não occultará o subito desejo de que almocem, nessa manhã, a preço fixo.

Se o desprevenido acha barato, o maçador acha caro; se o desprevenido acha fresco, o maçador acha quente; se o desprevenido acha bom, o maçador ou acha mau, ou acha então que, em Portugal, ha muito melhor!

No momento em que o desprevenido vae deixar de o ser, o maçador tem o presentimento nitido da catastrofe, e corre, sollicito, ao encontro do desejo em que o outro já ferve de se ver livre d'elle. E' o momento decizivo.

—«O' menino, tenha vossê paciencia... Empreste-me ahi uns quinhentos francos, que em nós chegando a Lisboa eu lh'os pago. Não contava demorar-me tanto, estou á dependura.»

O outro cae, e nunca mais vê os quinhentos francos. Cento e dezesete mil e quinhentos, ao cambio d'hoje.

IX

Dignos pares e senhores continuos da Nação Portu gueza...

Informa o *Diario Illustrado* que o numero dos continuos da Camara dos Deputados acaba de ser elevado, com algumas novas nomeações, a cento e vinte e um.

Evidentemente, o Governo quer estar prevenido para os casos de urgencia, nos dias em que naquella Camara não possa haver sessão por falta de numero.

Faz-se a chamada. Verifica-se que só estão na sala vinte e dois senhores deputados. O Presidente chama então vinte e oito senhores continuos, e procede-se á votação. E'uma maioria supplente.

Para o resultado final de uma sessão legislativa, o effeito será absolutamente o mesmo.

X

Vejo nos jornaes que proseguem com muita actividade os ensaios dos officiaes do exercito que vam tomar parte em um festival do Coliseo dos Recreios, a favor dos famintos de Cabo Verde. E assegura-se desde já que a parte militar será um numero esplendido d'essa festa de caridade.

O que eu estranho é a abstenção do clero e da magistratura no programma do espectaculo.

Acaso não teriam sido convidados?

XI

Não tinha papas na lingua, o Pote. O que tivesse para dizer, dizia-o. A um dito sacrificava tudo: sacrificava a sua propria pessoa, sacrificava o seu melhor amigo. Era terrivel!

E' vivo ainda, são e escorreito, certo homem de letras, que muito bem conheceu o Pote, e que me não deixa mentir. Lisboa toda o conhece; póde perguntar-lh'o. Foi precisamente com esse cavalheiro que se deu um dos casos que melhor definem a infinita ratice do nosso grande ratão.

Pote pretendia um logar de continuo no Ministerio das Obras Publicas; mas não conhecia o Ministro, nem se lembrava de alguem de seu conhecimento que porventura estivesse nas boas graças do Ministro. Andou, andou, e tanto andou, que acabou por descobrir o que lhe convinha.

O Ministro estava sendo descomposto, a esse tempo, por um jornal da tarde que o arrastava pelas ruas da amargura, dizendo d'elle o mais que se póde dizer d'um homem. Empreendia se uma obra formidavel para o melhoramento da primeira cidade do reino, entrava-se em negociações com poderosos empreiteiros para a sua realisação, e o Ministro que com elles se entendia, por lhe correr o caso pela pasta, era violentamente atacado em dois ou tres jornaes, orgãos de dois ou tres grupos que viam grande o bolo, e queriam parte no bolo.

Pote, farejador de escandalos, andâva seguindo, com

toda a curiosidade dos seus pequeninos olhos redondos de mops, e em todos os seus detalhes, essa campanha sangrenta dos jornaes. Ao caír da tarde, com pontualidade, estivesse onde estivesse, lá se encaminhava para o Café de Santa Justa, onde era assiduo, tomando sempre o mesmo logar á mesma mesa, no mesmo canto, junto da mesma porta. Chegava, avançava dois passos miudinhos, tirava o chapelinho de côco com dois dedos, fazia um grande e sorridente cumprimento para um lado e outro, invariavelmente—quer estivesse o Café cheio de gente, quer não estivesse lá vivalma. Era por estas e outras, muito suas, que elle explicava ser o homem uma pobre coisa automatica, tacitamente impellida pela móla da convenção, sem vontade propria, sem dignidade, e com uma falsa consciencia da sua força.

—«Convencionou-se que uma das muitas e variadas fórmas de apparentar uma boa educação seria esta: cumprimentar as pessoas que se encontram em qualquer ponto de reunião, e que já lá estavam antes da gente chegar. Porque? Não sei, nem me importa saber. O que eu quero é passar por pessoa bem educada, justamente porque o não fui... E como sou muito distraído, adopto, para não me traír, este simples meio—que é tirar sempre o meu chapéo e fazer o meu cumprimento, esteja lá quem estiver, ou quem não estiver!»

Sentava-se, batia as palmas. Vinha o criado:

—«Olha, Antonio—dizia elle então—já vieram os jornaes?»

Ou sim, ou não. Se já tinham vindo, ia o Antonio busca-los a outra mesa, e trazia-lh'os.

—«Ora ainda bem!» rejubilava o Pote.

E quando o Antonio ia a abalar:

—«Espera, Antonio, espera ahi, homem de Deus, que a pressa só se inventou para arreliar os entrevados...»

O Antonio sorria, e esperava.

—«Traz-me um palito e um copo com agua.»

O Antonio ia buscar o copo com agua, e trazia tambem o paliteiro. Já outro freguez batia com a ponteira da bengala no marmore da mesa, e o Antonio ia acudir-lhe...

—«Olá, olá, ó menino! gritava o Pote—primeiro estou cá eu...»

E como o rapaz se detivesse, dando-lhe razão:

—«Agora fecha aquella porta, e podes ir-te embora!»

Então, com regalo, afundavá-se na leitura dos iracundos jornaes, repletos de injurias e normandos, tresandando a calumnia e a tinta fresca.

Um dia, a meio de uma d'essas leituras, teve o Pote uma idéa, uma grande idéa. O homem de letras, o tal homem de letras, dizia-se seu amigo, era com effeito seu amigo, déra-lhe mais de uma prova de ser realmente seu amigo. Esse homem era, justamente, redactor de um dos jornaes que esfolavam o Ministro, e grande amigo tambem do redactor principal, que Deus haja, e cujo nome não vem para o caso. Ora, da leitura seguida e ponderada dos artigos com que a folha se atirava ao Ministro, como quem se atirasse a um bombo em festa, o Pote depreendera que a coisa estava por pouco, e que, como tudo levava a crêr, esse redactor

principal seria, dentro de breves dias, um novo e alentado esteio do Governo na imprensa.

—«Portanto, pensou o Pote, dirijo-me a Fulano, Fulano pede a este patife que se interesse por mim junto do Ministro, e o Ministro nomeia-me, acto continuo, continuo!»

D'ali foi, a correr, a casa do homem de letras, que morava na Rua do Alecrim. Chegou lá esfalfado. O outro estava a jantar, a acabar de jantar, quando o Pote bateu á porta. Veiu a criada, toda espevitada, e disse logo «que o senhor, áquella hora, não recebia...»

—«Pois ainda bem, minha menina, ainda bem! Elle que não recebe, é porque não precisa. Isso é fartura. Ainda bem! Mas diga-lhe sempre que está aqui o Pote, que talvez elle se resolva...»

A casa era pequena, o Pote falava alto, e o dono da casa, sentado á mesa, de lá mesmo ouvia a conversa.

—«Pódes entrar, ó Pote! pódes entrar!» gritou-lhe o homem de letras.

Pote rebolou para dentro, contentissimo.

O amigo offereceu-lhe cadeira, quiz que elle comesse duas colheradas d'uma compota de pecegos que ainda estava sobre a mesa, fez-lhe servir café, encheu-lhe as algibeiras de charutos.

O Pote aceitava todos aquelles favores como coisas que lhe eram devidas, com satisfação, sim, mas sem agradecimento. E começou a expôr o fim da sua visita.

—«Não ponhas mais na carta!—interrompeu-o, a certa altura, o amavel homem de letras.—Ainda esta noite, em São Carlos, pedirei o que queres E arranja-se.»

Mas Pote parecia pôr alguma coisa em duvida. Não era, por certo, a boa vontade do seu amigo! Mas era a respeito do outro, do patife!

—«Descança! dizia o dono da casa. Esse homem não é tão máu como tu o julgas. Estás enganado...»

E desatou, por ahi fóra, a fazer o elogio do outro, pondo-o nos córnos da lua, chegando a pontos de affirmar, batendo com a mão espalmada no peito largo «que se fosse preciso dar a vida por elle, a dava...»

—«Podia dá-la—observava depois o Pote—podia dá-la, que não dava lá grande coisa!»

XII

Paulo e Virginia, Romeu e Julieta, Fausto e Margagarida, todos os grandes amorosos do romance e da lenda, passam aos pares, enlaçando-se as cinturas, pelos atalhos relvosos e macios, sob o arvoredo frondoso d'esse bosque imaginario para onde fogem agora, buscando a sombra e o fresco isolamento, refugiando-se da calma que pesa sobre Lisboa, as dôces filhas do Tejo e os apaixonados trovadores da Alfandega, os bardos insubmissos das Contribuições Directas...

Verão excita Amôr, e os cupidos brejeiros, seus sequazes, seus pagens e seus arautos, acorrem de toda a parte por onde andavam dispersos, vêm pressurosos juntar-se ao cortejo magnifico das graças vaporosas, dos sentidos irrequietos, dos pecados côr de rosa; e uma vez atrelado ao carro d'oiro do deus o Phalus imponente e relinchão, ajaezado de veludos e coruscações, eis

que em marcha se põe, atravessando a cidade e a caminho dos campos, das thermas e das praias, o cortejo triumfal, que em cada novo anno reaviva a doce alliança, victoriosa sempre, do Verão e do Amôr!

Todas as boas e galantes alegorias, todos os frescos e luminosos simbolos se encorporam na opulenta marcha, cuja guarda avançada de cupidinhos nús cavalga alegremente um esquadrão fogoso de borboletas azues.

Vam as toilettes claras em corpos juvenis de mulheres involtas, como a Loïe Fuller, nos remoinhos perfumados das rendas e das musselinas; vam os fatos ligeiros de fustão branco e liso, que os janotas vestem com grandes laços berrantes de gravatas; vam os leques e os abanicos, febril, graciosamente agitados entre dedinhos ageis e papudos de japonêsas e de sevilhanas; vam os cannotiers de palha enfeitados de papoulas rubras, e os chapelinhos redondos de linho, amarello ou branco, de Biarritz. Vae o carro da Neve, em fórma de sorvete rodeado de fructas novas, cheias de côr, de gosto e de perfume. Vae o bock espumoso, a carapinhada loira, o capilé popular. Seguem as bilhas airosas e os delicados moringues d'agua fresca, as anafadas melancias á faca e os penujosos pecegos. Vem o baile campestre cheio de musica alegre, balões venezianos e desordens; vem a vindima côr de môsto, emergindo de um enorme cesto de uvas, engrinaldada de parras como Baccho, distribuindo cachos; vem o banho do mar em calção de malha riscado de vermelho; vem a regata com seus remos de oiro; vem o criquet, vem o lawn-tennis; vem a zarzuela, vem a serenata por noites de luar...

XIII

Adolpho Augusto, meu sobrinho, já bastante espigadote, voltou para o collegio onde é alumno interno. Depressa passaram os dois mezes de férias que veio gosar em casa, e lá recomeçou agora para elle, e para os seus tristes companheiros na desdita, o martirio do internato. Fui acompanha-lo até lá, o que elle me agradeceu com soluços, com beijos, e um demorado abraço, como se eu tivesse ido acompanha-lo ao patibulo. Na sala de espera, onde a mesma scena de despedida se repetia entre outros grupos de alumnos e parentes, os pequenotes e os rapazotes choramingavam, e esfregavam os olhos ás mangas das blusas.

Tinha chovido, estava um dia sombrio, e nas quatro ou cinco arvores do quintalorio para onde deitava uma das janellas da sala, já não se via uma folha! Das paredes baixas, sob o velho tecto de taboas de forro, fendidas e desunidas, desprendia-se um fedor triste de bafio; o camapé de palhinha tropego e sordido, a um canto; a mesa redonda, de pé de gallo, coberta com um resto de reposteiro; a meia duzia de cadeiras truncadas; todos aquelles tarecos encontrados e regateados num dia de feira da Ladra, estavam cobertos de poeira, da poeira que sobre elles se acumulara durante o tempo das férias, em que toda a gente fugira do casarão pombalino, como d'uma coisa negregada e excommungada.

Por uma porta, que ora se abria, ora se fechava, e constantemente rangia nos gonzos ferrugentos, entrevia-

se a hediondez das aulas, afundadas na penumbra d'um saguão; os mapas geograficos e de pesos e medidas, descoloridos e bolorentos, caindo em bocados das paredes; os bancos muito altos enfileirados entre as renques das carteiras, muito baixas, como se houvesse o proposito pedagogico de deprimir a capacidade thoraxica dos rapazes, em beneficio da sua capacidade intellectual, obrigando-os a uma curvatura permanente sobre os compendios e sobre os cadernos da escripta; o estrado alto para o professor, dominando tudo, marcando uma superioridade de nivel, que só assim, e por um exagero impertinente de disciplina, se impõe aos alumnos.

O meu sobrinho choramingava, com os outros; e eu procurava, com difficuldade, anima-lo e convencê-lo de que era uma vergonha, uma deploravel vergonha para um rapaz da sua idade, do seu tamanho, e quasi com bigode, mostrar-se renitente em voltar para o estudo, depois de dois mezes de férias, dois largos mezes em que se não fez outra coisa senão comer, dormir e brincar! Depois, procurando outros argumentos, sabendo encontrar nelle uma boa corda a vibrar pelo lado do coração, falei-lhe na necessidade de elle muito se adeantar e de muito saber, para entrar cêdo a ganhar a vida. Elle não ignorava que a pobre mãe não tinha outra ambição que não fosse a de vê-lo forte e feliz; elle era toda a sua esperança e toda a sua fortuna; só elle poderia restituir-lhe um dia toda a alegria que ella perdera no braço forte do marido, e no apressado desmantelamento do seu lar.

Pouco a pouco, o meu rapaz conformava-se com

aquillo que suppunha ser, de todos os avisos, o melhor aviso. Enxugavam-se-lhe os olhos, desoprimia-se-lhe a alma, todo elle se recompunha e desanuviava. Quando o vi prompto a recomeçar de bom grado o sacrificio, apertei-o nos braços, fingindo querer transmittir-lhe esse fluido de energia que do exemplo dos fortes parece desprender-se para o estimulo dos tibios,—e safei-me. O meu desejo, o meu grande desejo nesse momento, seria dizer-lhe que se safasse tambem...

Nas nossas casas de ensino, vive e perdura a tradição de que a escola é uma especie de jaula onde as familias e os tutores encerram as crianças até á idade em que ellas, crescidas e robustecidas, se insubordinam contra essa clausura. O horror da escola começa para ellas num momento em que, porque commetteram alguma ligeira maldade, se lhes diz em ira:

—«Ora deixa-te tu estar, que não tardas em ir para o collegio!»

Associadas assim, no espirito infantil, a idéa da falta e a idéa da penalidade, quando as crianças entram num collegio vão já muito certas de que entram numa clausura.

Na sua imaginação pequenina, confundem-se logo, e invencivelmente, na mesma perspectíva ameaçadora, a idéa do trabalho e a idéa da condemnação. A escola é uma prisão; o regimen do ensino é um regulamento de presidio; o estudo é um castigo aplicado sob as mais variadas fórmas torturantes.

Esta é a noção que as crianças levam do que seja um collegio, quando entram num collegio. Uma vez lá

dentro, tudo se entende, se conjuga, e concorre para lhes fazer crêr que aquella era a verdadeira noção, a noção exacta do infortunio irremediavel.

A casa é negra, é nua, e é fria. A cama é dura, o aceio é pouco, a alimentação é má. O professor é um pesadelo; o prefeito é um carcereiro; o sistema do internato é um sistema penitenciario.

Sommando todo o tempo de férias—férias grandes, férias do Natal, férias da Paschoa—ficam oito a nove longos mezes dentro de cada anno, para o exercicio nefasto do internato. Quando acontece que este multiplicando se toma por um multiplicador quatro, cinco ou seis—pois não são raros os casos em que as crianças ficam internadas nos collegios durante quatro, cinco e seis annos—tem o pequeno condemnado adquirido habitos de rancor por tudo quanto possa parecer-lhe obrigação de trabalho. A' saída do collegio, restituido áquillo que suppõe ser a liberdade, esse adolescente entrará na vida corrente de lucta e de incessante faina, obcecado pela mesma idéa pueril de que o trabalho é uma condemnação perpetua.

E fugirá ao trabalho, de que nunca poderá conhecer os intimos encantos e as gratas compensações, como teria fugido, se podesse, ao estudo que elle nunca poude amar, porque nunca lh'o mostraram sob um aspecto amavel.

Desprendido então de todos os laços fortes da familia, afeito já ao isolamento de todos os affectos, indifferente a todas as legitimas alegrias da força e da vontade, elle nem sequer cuidará de procurar um estimulo, ou

de tentar uma resistencia. Será a victima, timida e imbelle, do abandono e das paixões.

XIV

Numa sindicancia aos actos por que é perseguido o prior de uma freguezia de Lisboa, apurou-se o seguinte caso, que não deixa de ter sua graça.

Um dia apresentaram-se na egreja parochial um homem e uma mulher, declarando que queriam fazer baptisar uma criança.

—«Não ha coisa mais facil—disse-lhes o prior. A questão é trazerem dois mil reis...»

O homem e a mulher olharam muito espantados um para o outro, e depois disse o homem:

—«Com seiscentos diabos! Dois mil reis não será muito, ó senhor prior?»

—«E' o preço. E é para quem quer.»

E então a mulher, toda sacudida, puxando p'lo braço ao marido, para que se fossem embora:

—«Essa agora! quem é tolo? Pois a criança não nos custou nada a fazer, e havia de nos custar dois mil reis só para a baptisar! Anda d'ahi, ó Tónio.«

XV

Dando noticia da visita de um addido militar inglez, Edouard Stuart Wortley, ás nossas fortificações, diz uma folha que esse official anda vendo se nós estamos realmente bem fortificados.

Não. O que elle anda a ver é se nós estamos, realmente, mal fortificados.

XVI

O livro de Fialho d'Almeida—*A' Esquina*—abre por uma auto-biografia do auctor. Nessa pagina surpreendente de bem alta e audaciosa pujança, senhor do seu logar e orgulhoso da sua acção, Fialho apparece-nos em um plano superiormente distanciado e luminoso, para onde o afastam da multidão de contemporaneos, altivo e só, o desassombro das suas idéas e o prestigio da sua escripta.

A amargura do seu começo de vida literaria parece pesar, todavia e sempre, na sua obra, e persegui-lo ainda em pleno triumfo. Sem sombra de pedantismo, mas bem tido no resoluto proposito de não calar verdades, Fialho verbera quantas circumstancias se oppôem, na existencia portuguesa, em virtude de uma sordida e imbecil hostilidade, ao reconhecimento justo de todo o valor de quem o tenha em letras; e cada um dos seus sarcasmos é bem o indicio de quanto elle deve ter soffrido profundamente, concentrando e constrangendo esse soffrimento na sua vida interior. Por tal maneira elle fala, porém, e de tal humor, embora nunca disposto a transigir com as amarguras ou petulancias da sua verve, mas englobando sob uma fórma facil e impetuosa tudo quanto um pintor tem de mais fino, fluido e brutal nas suas tintas—como elle mesmo acentúa—que ao fim todos acham razão no que elle costuma dizer, de mal, de toda a gente...

Sem constancia de trabalho, sem vontade firme, sem vigorosa disciplina, sem continuidade de producção, Fialho d'Almeida tem podido ser, entretanto, no meio de tantos outros a quem não faltam taes qualidades e habitos, o mais estranho e mais admiravel prosador português da sua geração. A originalidade das suas idéas e a supremacia da sua prosa criaram-lhe um logar excepcional e tanto mais notavel, superior e unico, quanto mais se compare o que nos escriptores contemporaneos da nossa terra ha de manifesto talento e manifesta arte.

Tem a linguagem d'este escriptor taes esquisitices de escolha, taes complicações de torneado, taes singularidades de brilho, e, sobretudo, tal propriedade dos assumptos por onde a sua prosa córte, que o seu estilo se estabelece, se fixa, e se impõe, com todos os fóros e prestigios de uma incomparavel personalidade.

Fialho foi, principalmente, um superior contista, ao qual não faltavam, como á maior parte dos nossos contistas tem escasseado sempre, além da observação paciente, o talento critico e a visualidade de psichologia interior. Escrevendo a *Cidade do Vicio* e os *Doentíos*, criou-se elle o direito de condemnar em outros o descriptivo frio, a adjectivação desconexa, as obscuridades de vocabulario, o deboche do estilo e do colorido, o aproveitamento de modelos rebuscados nas impudencias de Mendès e de Maupassant, o entrelaçar dos episodios sem criterio intencional, nem justificação das personagens em temperamentos e acções.

Os seus primeiros contos assignalaram desde logo a apparição de um formosissimo espirito. A naturesa, atra-

vez do seu temperamento, nalgum trecho de paisagem, recanto de cidade, pedaço de marinha ou esquisso de individuo, dava logo a impressão da mais intensa arte. O *Paiz das Uvas* e a *Lisboa Galante* não assignalaram depois, na sua maneira de contrista, modificação alguma de arrependimento ou emenda. Fialho escreveu sempre, pelo menos desde que o seu nome começou a impôr-se a espiritos delicados, com todos os dotes de uma imaginação poderosa, e com todos os materiaes de um estudo paciente. Nunca se havia visto, em lingua portuguesa, tão surpreendentes effeitos de prosa, ao serviço, por vezes, d'essa sublime poesia a evaporar-se, alada, da Madona do Campo Santo e da Mater Dolorosa. Nunca se havia acompanhado em detalhes de descripção, em larguesa de scenario, em minucias de local, com tão vivo interesse, e tão intenso empenho, a idéa de algum escriptor conterraneo nosso, porque ainda nenhum outro realisára assim, com aquella justa dóse de observação e de luz, de sentimento e de tintas, a decoração vivida de alguma scena rustica, o inventario exterior de algum episodio de cidade. E ainda na accentuação chamada realista de algum caso romantisado, como esse da Ruiva, a filha do Coveiro, a quem o vicio chegava para amar cadaveres, nunca Fialho baixou ao exagero e desproposito de outros que, no genero, haviam formado escola. Cada uma d'essas pequenas peças, que constituem toda a extraordinaria obra do contista, foi o esforço de um excepcional espirito, poderosamente dominado, e sempre, pela preoccupação da fórma e do imprevisto que, como em nenhum outro, a sua arte realisa.

A outra face d'este complexo caracter, aquella que ultimamente tem dado um perfil diverso de tão estranho escriptor, é a do critico truculento e pamphletario humurista, assignalado pela intensidade flagrante da prósa em que são escriptos os *Gatos*. Não será possivel dizer-se que da sua critica, sempre cruel, violenta e ponderada, uma perduravel obra de moralista resulte; mas o que d'ella fique será, sem sombra de duvida, um fórte exemplo de altivo desassombro, e todo um curso de superior ironia.

Sem nenhuma cautela por não ferir susceptibilidades, inabalavel no desdem de irrisórias consagrações, educado no desrespeito de toda a convenção, dizendo tudo quanto lhe venha á bôca, tudo escrevendo quanto aos bicos da sua pena chegue, Fialho é, e sempre, intransigentemente verdadeiro e abertamente sincero. Se alguma vez haja alguem de exprobrar a sua critica não será, com razão, porque á sua critica convenham, de vez em quando, reticencias malevolas ou meias-palavras dubias. Justamente porque nunca elle use de interrupções na frase, e porque de mais abuse de palavras que nem sempre devem lançar-se com todas as suas letras, é que a sua critica muito a miudo pecca.

Toda a originalidade da obra pamphletaria de Fialho consiste na profusão de extravagantes idéas, que a respeito de politica, de filosofia, de literatura, de arte, elle resume e condensa em fórmulas definitivas de bom senso e de troça, que é a sua maneira pessoalissima de humurista. Esta predominante melancolia da epoca, embora artificial pela maior parte, mas que tudo invade,

homens e factos, modos de vêr e costumes, não attingiu a menor parcella do seu trabalho critico. Ainda mesmo quando condescende em vir, pouco a miude e por gradações mal sensiveis, da sua esfusiante e fulgente fantasia ao amargo exame das coisas positivas, a sardonica imaginação de Fialho não se quieta nunca, e ao serviço d'ella a sua prósa liberrima, larga e leve, disparata e corre, pula e brinca, volteia e revolteia, enlaça-se e desenlaça-se, em paginas de satira que são, como na *Vida Ironica*, coloridas e loucas bacchanaes de Theocrito...

XVII

—«Jura dizer toda a verdade?»

—«Juro!»

....Conheço este homem ha perto de quinze annos. Quando mudei para a Rua dos Cavalleiros, já elle morava no predio onde fomos vizinhos, até á data do crime. Moravamos no ultimo andar, o quinto andar, elle do lado direito, eu do lado esquerdo. A esse tempo, não teria a pequena mais de cinco annos, e andava ainda de lucto pela mãe. Era uma criança linda como os amôres, muito lourinha, muito branca, d'olhos muito azues, muito esperta e muito falasona. Nos primeiros tempos, tanto minha mulher como eu andavamos intrigados com aquella vizinhança, porque só a pequenita apparecia, na varanda, pela manhã, e á tarde, e durante o resto do dia não se sentia ninguem. Mas as mulheres são sempre mais curiosas do que nós, e a minha não descançou emquanto não soube quem era

aquella gente. Uma manhã, ouvindo abrir-se a porta, foi vigiar pelo ralo e veiu dizer-me que vira sair um homem já bastante idoso, todo vestido de preto, levando a pequenita pela mão, e que fechara a porta á chave, como se não deixasse outra pessoa em casa. Na manhã seguinte, appareceu a pequena á janella, como de costume, e minha mulher, com a habilidade que as mulheres têm sempre, quando porfiam em descobrir alguma coisa, começou a puxar-lhe por a lingua, e tão bem o fez, que quando voltou para dentro já podia pôr-me ao corrente de quem deviam ser os vizinhos.

O sujeito vestido de preto era este homem, e a pequena era sua filha. A mãe, como ella dissera, tinha fugido para o céo, e ella, agora, andava no collegio, aonde o pae a levava todas as manhãs, voltando a busca-la ao entardecer. E emquanto andavam por fóra, não havia mais ningem na casa. Era o pae quem acendia o lume, quem fazia o café para o almoço, quem lhe arranjava o lunch que ella levava numa cestinha para o collegio; e á tarde, quando voltavam, era ainda elle quem tornava a acender o lume, para aquecer o jantar, que era feito fóra. Aos domingos vinha a engomadeira trazer alguma roupa, e demorava-se um instantinho a arranjar a casa, varrendo e limpando o pó, e fazendo as camas, coisa que, nos outros dias, ninguem mais fazia. Depois, ia-se embora, sempre com muita pressa, e ahi ficavam os dois outra vez sósinhos.

A desdita d'aquellas criaturas, paredes meias com a felicidade do meu lar, onde apenas caía a sombra do desgosto de não termos filhos, enterneceu-nos e attraiu

a nossa compaixão. Eu proprio me puz então á espreita do momento em que este homem devia sair de sua casa, para eu sair da minha ao mesmo tempo, e preparar o ensejo que nos faria encontrados. A primeira tentativa, porém, não deu o resultado que eu esperava, porque o senhor Assumpção me pareceu, desde logo, pouco accessivel a relações facilmente entaboladas, e não quiz ser impertinente com elle. Minha mulher, que viera dizer-me adeus á escada, levantou a pequenita nos braços e beijou-a. Elle apenas sorriu, tristemente, levou a mão ao chapéo, sem dizer palavra, e começou a descer, muito devagar, para dar todo o tempo necessario aos passos miudinhos da sua companheira.

Entre minha mulher e a pequenita, porém, estreitavam-se as relações, e todos os dias andavam as duas de grande conversa á janella, até que d'uma vez, tendo minha mulher repartido com ella um presente de bolos e dôces que nos viera da provincia, o senhor Assumpção resolveu-se a sair d'aquelle isolamento obstinado em que vivia, e veiu bater á nossa porta, muito enternecido pelos mimos com que lhe tratavamos a filha.

A partir de então, a estima que elle nos tem merecido veiu augmentando sempre de dia para dia.

Considerei sempre o meu vizinho como um verdadeiro homem de bem. A nossa casa foi, e continua sendo a d'elle, como sua filha tem sido e continuará sendo nossa. Eu não quero dizer que não haja, á face do mundo, outros homens de bem, como este é; mas ffirmo a vossa excellencia, senhor Juiz, que até hoje não conheci ainda, nem creio que possa haver criatura

mais direita, mais leal, mais bondosa, nem mais intransigente em principios de honestidade.

Depois que pouco a pouco, e muito lentamente, foi minorando a immensa dôr em que o deixára a morte da mulher, que eu não cheguei a conhecer, como já disse, mas que devia ter sido uma santa, veio um tempo em que o vi abraçar outra vez a vida com a esperança e com a fé anciosa que de ordinario só se encontram na mocidade e na ignorancia absoluta da desgraça. Houve um periodo, na vida d'este homem, em que a criatura mais feliz da terra teria podido ver maior ventura que a sua propria ventura. A filha, que crescera e se desenvolvera numa grande exuberancia de saúde, de faculdades e sentimentos puros, tornara-se, por um d'estes singulares caprichos da natureza bondosa, o retrato vivo, mais completo e mais perfeito, segundo elle nos dizia, da mãe, que Deus levara. Aos quinze annos era já uma senhora; para o pae, e para nós, que a adoravamos, era um anjo. A casa dos nossos vizinhos foi então o feliz *pendant* da nossa. Quantas vezes, ao cair d'essas tardes calmas de verão, que para quem não póde sair de Lisboa têm encantos de paz incomparaveis, nós nos encontrámos em feliz convivio, sentados na varanda corrida d'onde viamos o rio e os telhados vermelhos da casaria da Baixa; e quantas vezes pensámos, e dissémos, que em volta de nós, e por ali fóra, e por ali abaixo, não seria talvez possivel encontrar outros dois pares tão contentes como nós, e com tão pouco!

Tão alto nós moravamos, que se diria até não chegar

lá a ambição dos que nesta vida incessantemente luctam por grandesas de dinheiro, de gloria e de prestigio. Se quando nós desciamos á rua, e no contacto perverso da cidade nos achavámos ainda sufficientemente humanos para não atravessar com absoluta indifferença, hombro a hombro, a multidão dos que enriqueceram sem trabalho, dos que venceram sem escrupulos, dos que triumfaram sem meritos; se a nossa perfeição não ia até o ponto de não olharmos com desdem, nem cubiça, nem odio, o enfatuamento dos ridiculos, o perigo das seducções, a impunidade dos crimes; e se a virtude dos nossos sentidos não sabia evitar, como conviria, a visão diabolica, a musica de sereias, o perfume embriagante das mil e uma coisas que á roda de nós dançam, na cidade, a farandola doida do vicio, da mentira, do luxo, da réclame—quando tornavámos a subir os dez lanços de escada da nossa habitação, iamos certos de encontrar lá em cima, no nosso quinto andar, na atmosfera desanuviada e alta, na face limpida e calma das nossas companheiras, e no aconchego do nosso lar, e na frescura da nossa varanda, coberta de trepadeiras, e perfumada de cravos, o esquecimento de tudo quanto, em baixo, se nos afigurava maldade, perturbação, veneno... E ahi, então, emquanto as nossas companheiras entretinham esse pouco tempo que sobejava do arranjo da casa até o anoitecer, continuando algum bordado ou apontoando roupa, eu e o meu caro vizinho repousávamos com satisfação da lucta de mais um dia, conversando, conversando interminavelmente, de mãos cruzadas sobre a nossa digestão tranquilla,

revirando os dedos pollegares á volta um do outro...

Então conhecia eu já toda a vida, a principio misteriosa, do senhor Assumpção, como conhecia a minha propria vida. O senhor Assumpção vivia das suas lições de pintura, quanto é possivel viver-se parcamente, apenas sem privações e sem dividas. Saía de casa ás oito horas da manhã, voltava ás cinco, e só raras veses tornava a sair, para acompanhar a filha a dar algum passeio, e a ver as montras das lojas, mais pela necessidade de lhe proporcionar alguma distração do que pelo desejo que ella mostrasse de sair d'ali. Não tinham outras relações além das nossas, e, como elle proprio chegou a confessar-me um dia, não tinha outro amigo além do que sabia poder contar em mim. Aos domingos, deixava-se ficar em casa, e dava lição á filha, que parecia aproveitar melhor essa unica lição, de oito em oito dias, do que os outros discipulos a quem elle dava tres e quatro lições por semana. A pequena tinha, com effeito, uma verdadeira propensão para a pintura, e quando pouco mais o pae lhe ensinara além das primeiras regras, já ella vinha copiar da varanda os nossos cravos em flôr.

Pouco a pouco, e á medida que no espirito d'ella se desenvolvia o sentimento da arte, com a execução feliz das primeiras tentativas, com o ensino e o estimulo que lhe dava o enthusiasmo do mestre, mais e mais se identificava com ella a existencia do pae. O meu vizinho, que até ahi estremecia a filha, por tudo quanto nella havia, mais que do seu proprio sangue, da sempre viva imagem, fiel, bondosa e meiga, da esposa que Deus

levara, sentia que alguma coisa nova, evidentemente transmigrava d'elle proprio para o ser d'aquella criaturinha perfeita que ajudara a formar; e para elle começava então essa dôce tarefa do amôr paterno que procura aperfeiçoar, afinar, lapidar as qualidades de um novo ser, desdobrado do seu proprio ser, até o ponto maximo em que a perfeição attinge a bellesa radiante, em que os sons exactos produzem a harmonia commovedora, em que o polido das facetas descobre o deslumbramento do diamante... Operava-se então no meu vizinho, a despeito da sua grande cabelleira embranquecida, como que um rejuvenescimento moral, que até nos surpreendia devéras, nos momentos em que elle deixava expandir-se todo o contentamento, que a vida parecia proporcionar-lhe pela aspiração do perfume desprendido d'aquella flôr a desabrochar. Emquanto outros, que elle tão bem conhecia, e de quem tantas vezes nos falava, pintores como elle, e poetas, e esculptores e musicos, viviam da vaidade de um renome, e d'essa estima superficial do publico a que se chama vóga, habituados a olhar a vida intima sempre a distancia como quem olha um quadro—consolava-se elle da injustiça com que o publico ignorante de Lisboa acolhia os seus trabalhos, e da certeza de não lhe ser já possivel resistir a essa corrente malevola de opinião que tanto o hostilisava, vivendo só para a filha, e por amôr da filha, parecendo bem decidido a pôr de parte, e de vez, o despeito que, durante tanto tempo, nelle exacerbavam o publico e a critica. Todo o horisonte das suas ambições se limitava agora ao espaço que a sombra d'ella,

quando de pé, ao sól, marcava sobre a terra... E a tudo o mais levantava os hombros, num gesto familiar, que era como que a summula do seu modo de vêr, conformado a principio, e pouco a pouco indifferente... Quando a pequena já podia lançar as tintas á téla, sem que o pae lhe guiasse a mão medrosa e incerta, vinha sentar-se elle ao seu lado, silencioso, embevecido, quasi sem já ousar interromper com algum conselho, com alguma ligeira indicação sequer, o trabalho d'aquella mão que conduzia o pincel e procurava na paleta os tons, mão muito branca e linda, nem muito cheia nem magra, nem grande nem pequena, e terminada por unhas brilhantes como joias... E dir-se-ia então que todo elle, toda a sua materia e todo o seu espirito, perdiam a consciencia da existencia propria, attraídos nos movimentos d'essa mão de artista, realisando um prodigio na sua primeira obra...

Por esse tempo, perdera o senhor Assumpção duas das suas melhores lições; e como não encontrasse immediatamente um meio de receita equivalente a essa que lhe faltara, pela primeira vez na sua vida annunciou nos jornaes a offerta dos seus prestimos de professor de pintura. Não se decidira elle a essa tentativa sem custo e sem magua. Nunca elle precisara sollicitar de alguem auxilios de qualquer especie, e quem viesse procura-lo desejando ser seu discipulo, teria sempre de usar uma como que amavel diplomacia, para conseguir o seu fim. As suas lições eram sollicitadas como se sollicita uma honra; e quem pretendesse desmonta-lo d'essa attitude altiva e intransigente, que era a sua, achava-se

enganado, porque não o teria conseguido nunca. A razão de quantas antipathias o senhor Assumpção contava no meio dos artistas seus contemporaneos e da sua terra, está principalmente, creio eu, nesse seu modo de ser altivo e intransigente, que o distingue e torna, na opinião dos que bem o conhecem e bem o julgam, um verdadeiro caracter. Se eu entendesse necessario, neste momento, e em proveito da sua defesa, ir até ao fim nas declarações de tudo quanto sei a tal respeito, diria aqui os nomes de alguns illustres artistas, vivos, consagrados, e presentes até, senhor Juiz! neste tribunal, que só entraram a deprimir o alto valor que d'antes reconheciam e admiravam no meu vizinho, quando o meu vizinho se recusou, sobranceiramente, á cumplicidade de uma tremenda maroteira na decisão de um concurso, em que elle era o presidente do jury!

Vossa excellencia, senhor Juiz, ha de desculpar-me, se a minha indignação exceder a cortezia que devo ao tribunal, mas eu jurei dizer toda a verdade, e a verdade, neste ponto, é cruel, porque entre a multidão que enche as bancadas d'esta sala, anciosa pelo momento em que vossa excellencia deverá pronunciar a sentença d'este homem de bem, eu vejo, eu conheço aquelles para quem a condemnação do réo será uma grande alegria e um alivio.

Quando o senhor Assumpção publicou o annuncio das suas lições, appareceu-lhe em casa um rapaz que dizia ter saído nesse anno da Academia de Bellas Artes, e procurava aperfeiçoar-se pelos conselhos d'um bom mestre.

Era um rapaz simpathico, muito vivo, de maneiras muito insinuantes. Em breves palavras, numa conversa despreocupada, e com uma grande sinceridade juvenil, que nem ao meu vizinho nem a mim deu tempo para qualquer suspeita, contou-nos uma simples historia, que disse ser a sua, e com uma perfeita discrição tratou com o meu vizinho o numero e o preço das lições que desejava receber. Não tinha casa, disse, aonde fosse o mestre, pois habitava um pobrissimo quarto num beco triste d'Alfama, e muito naturalmente perguntou se o senhor Assumpção teria duvida em consentir que elle viesse ali, nos primeiros tempos, emquanto não mudassem, como esperava, as circumstancias difficeis da sua vida de desamparado. Assim se fez, e o novo discipulo do nosso amigo foi, durante os primeiros cinco mezes, d'uma grande pontualidade ás lições. O pagamento, porém, que ao principio fôra feito tambem com pontualidade, começara a falhar, e embora o senhor Assumpção não se atrevesse a pedir-lh'o, era elle proprio que de cada vez se desfazia em desculpas e alimentava a promessa de que na semana seguinte, e sempre na semana seguinte, satisfaria todos os atrasados e adeantaria mesmo a importancia de mais algumas lições... Isto durou ainda algum tempo, até que d'uma vez, sorrindo já ás evasivas em que o discipulo se embrulhava, o senhor Assumpção declarou não querer que elle tornasse a falar-lhe de dinheiro, continuando a vir ás lições como viera até ali.

O rapaz era realmente insinuante, e todos nós approvámos a generosidade do mestre, comquanto soubesse-

mos bem quanto transtorno causava essa largueza de animo ao exiguo orçamento das suas finanças.

Para compensar de alguma maneira esse transtorno, o senhor Assumpção resolvera juntar as lições ao discipulo com as lições á filha, e quantas vezes o vi então embevecido na regencia d'esse pequeno curso de arte, que transformava a trapeira do meu amigo num atelier de improviso! Essa lição em commum naturalmente aproximava agora os dois discipulos, e embora o perigo, sempre certo, do lume ao pé da estopa, não arreceasse o mestre, só preocupado com a sua linda arte e o seu doce magisterio, não nos passavam desapercebidos, a mim e a minha mulher, os primeiros vislumbres do incendio que já minava... Toda a difficuldade estava, para nós, que a todo o transe o queriamos evitar, em encontrar o meio de apaga-lo no começo, sem despertar no espirito do nosso pobre vizinho a sombra d'uma suspeita. E andavamos muito empenhados em procurar esse meio, quando uma noite, entrando eu em casa, minha mulher me lança os braços ao pescoço, e no meio de uma grande commoção me diz que a pequena lhe confessara a culpa irremediavel...

Eu não ouvi mais nada, senhor Juiz, e tornei a descer á rua, meio allucinado, protestando que encontraria o maroto, e que comigo elle teria de ajustar as contas. Offegante, depois de ter corrido os quatro bairros da cidade, ao acaso, desesperava já de o encontrar nessa noite, quando o avistei abancado a uma mesa do Martinho, em grande risóta com outros de cabelleiras compridas como a d'elle, e que naquelle momento se me

afiguravam uns tão grandes bandalhos como elle. Cheguei-me, bati-lhe com a mão no hombro, e disse-lhe, secamente, que precisava falar-lhe. Na rua, agarrei-lhe com esta mão bem no peito, levei-o ainda, numa violencia, contra á parede, e eu mesmo tê-lo-ia naquelle momento espatifado, se não pensasse que o mal, embora feito, poderia ainda talvez remediar-se. Desculpou-se o maroto como poude, amolgou-se, queria enfiar-se pela terra dentro, e acabou por me prometter, pela vida da mãe, o mariola! que saberia reparar a sua infamia, casando com a rapariga, estimando-a, trabalhando para ella.

O resto, senhor Juiz, sabe-o vossa excellencia tão bem como eu. Mas o que vossa excellencia não sabe, porque eu não lh'o disse ainda, é que se o meu vizinho não tivesse ido esperar o discipulo á saída da egreja onde acabava de casar com outra rapariga, que não era a filha, a victima teria sido minha, o criminoso teria sido eu, porque eu mesmo, senhor Juiz, eu mesmo lhe teria mettido nos miolos a bala que o matou. A arma de que o meu vizinho se serviu era minha, e se elle não tivesse vindo pedir-m'a para fazer justiça pelas proprias mãos, eu teria ido!

XVIII

A' porta de S. Bento:

—«Mas então, desde janeiro até agora, o que é que se tem passado no Parlamento português?»

—«Tem-se passado—dois mezes!»

XIX

Monsieur e Madame Etienne, ex-manicuros de Sua Majestade a Imperatriz de Austria, annunciam os seus prestimos em Lisboa, onde se encontram apenas de passagem, pois que a sua missão é andarem pelo mundo a tornar perfeita a humanidade defeituosa.

Monsieur e Madame Etienne fazem verdadeiros prodigios. A sua fama é universal. O segredo da sua arte assume, por vezes, as proporções do milagre. Em Lisboa, onde toda a gente tem um pouco a pretenção da elegancia, a sua clientela deve ser muito numerosa.

Confia-se aos cuidados de Monsieur e Madame Etienne a mão calosa de um trabalhador de enxada, e Monsieur e Madame Etienne fazem d'ella a mão aristocratica de um duque. Entrega-se á sciencia de Monsieur e Madame Etienne um pé de boi, e Monsieur e Madame Etenne fazem d'elle um pé que poderia calçar a pantufa doirada da Cendrillon.

Na terra onde Monsieur e Madame Etienne abrem o seu consultorio, só terá rugas na face quem porventura quizer tê-las; só será corcunda quem teimar em sê-lo; só não poderá vêr-se magro quem se achar bem na obesidade.

No tratamento intimo de Monsieur e Madame Etienne desaparecem de uma vez para sempre todos os signaes de nascença comprommettedores; corta-se pela raiz o mal de viver com calos; arrancam-se todos os pêlos que nasceram fóra dos logares do costume.

No capitulo das transformações fisionomicas, Monsieur e Madame Etienne são surpreendentes. O seu processo de caracterisação psichica representa a ultima palavra da arte aplicada á natureza. Do rosto, outr'ora bello, de uma distinta senhora da nossa primeira sociedade, que os annos e a erysipela haviam desprestigiado, Monsieur e Madame Etienne fizeram maravilha só comparavel ao que já hoje se não faz dos bellos coiros de Cordova.

O annuncio das consultas de Monsieur e Madame Etienne está causando em Lisboa um inefavel sobresalto. Monsieur e Madame Etienne não chegam para as encomendas. Cáe-lhes em casa o poder do mundo.

Tão extensa é já a lista de condessas e actrizes que têm procurado no tratamento de Monsieur e Madame Etienne a maciesa da pelle, a frescura dos labios, e o oiro ou o ébano dos cabellos—tão extensa ella é, que todo um numero do *Diario Illustrado* não lhe daria vasante.

Desde os mais altos poderes do Estado, que procuram remedio para a obesidade, até ás mais infimas camadas da burocracia, que desejam engordar um pouco; desde o que ha de mais distinto na nossa aristocracia, até o que ha de mais pechisbeque na nossa elegancia da Baixa; desde o que se conta de mais requintado no bairro de Buenos-Ayres, até ao que se conhece de mais catita na área do 2.º Bairro—tudo quer penetrar, experimentar, o misterio d'essas consultas.

Lobinhos, verrugas, borbulhas renitentes, tudo se esváe, se reduz, se esmóe, se desvanece...

...—«Experimente sempre, Barão! Talvez elles possam desgastar-lhe essas duresas que tem na testa...»

XX

Vae começar uma nova epoca de inverno para os theatros de Lisboa, e já os jornaes vêm cheios de noticias a respeito do que esses theatros preparam para nos surpreender e para nos divertir. Uns estão sendo pintados e dourados de novo, outros alargam a platéa, outros instalam a luz eletrica. Os scenografos, os carpinteiros, os machinistas, os aderecistas, os alfaiates, as costureiras, os cabelleireiros, toda essa gente já anda na lufa-lufa que precede o pôr-em-scena das peças de grande espectaculo. Nas bilheteiras, já estão abertas as folhas de assignatura, e os contratadores já rondam nas proximidades dos theatros, a farejar, a palpitar, a ver em que param as modas.

Entre o publico habituado ás primeiras representações nota-se tambem já um certo bulicio correspondente ao bulicio que vae nos palcos e ao redor d'elles. As modistas cortam e alinhavam já os vestidos que foram encomendados para tal ou tal dia, em que deve ser a primeira recita em tal ou tal theatro. Do Monte-pio Geral são retirados já alguns braceletes e algumas gargantilhas, que ali tinham ido passar a estação calmosa.

Só os actores se mostram indifferentes a todo esse movimento, que parece interessar a tanta outra gente.

Porque?

Porque o actor tem uma absoluta confiança em si, e

entende que está sempre prompto a entrar em scena e a contentar e seu publico. Os outros que trabalhem, que suem, que se amofinem. Elle, não.

Costuma se dizer que os povos têm os governos que merecem. Pode-se dizer tambem que o publico dos nossos theatros tem os actores que merece. Nem mais, nem menos.

O nosso actor sabe isto, e entende que não precisa fazer mais do que faz para agradar e para viver. Não é um artista: é um amanuense. Vae para o palco como se fosse para a repartição. O que elle faz em scena não é arte: é o expediente. Elle não cria nem interpreta personagens: exerce funções. Ser actor, assim, não é fazer do theatro uma profissão: é fazer do theatro um emprego.

O publico das nossas platéas é uma grande familia de empregados publicos. Sabe o que a vida custa, e desculpa ao actor os meios de que elle se serve para ganhar a vida. Não é, portanto, exigente. E' benevolo.

O actor que não deu attenção á deixa, não entra em scena a tempo. E o espectador sorri, pensando: «Ora, ora! quando é que eu tambem entro a tempo na minha repartição!»

O actor, que não estudou o papel, perde o fio d'um monologo, e fica-se. E o espectador sorri, dizendo com os seus botões: «Ora, ora! quantas vezes me aconteceu aquillo mesmo no Instituto, ou na Polytechnica!»

O actor, que não se importou com os ensaios, sae por uma porta devendo sair por outra, fala alto devendo falar baixo, levanta-se devendo ficar sentado, braceja de-

vendo cruzar os braços, hesita, gagueja, embrulha tudo, atrapalha-se, mette os pés pelas mãos. E o espectador sorri, desculpando tudo, e dizendo: «Ora, ora! quantas vezes, na vida real, nos acontece aquillo mesmo!»

Nestas condições, o actor entende, e entende muito bem, que não precisa inquietar-se, nem atormentar-se.

Não estuda, não observa, não compara. Cuida que para ser actor lhe é bastante a vocação de que deu prova nos theatros de amadores e nos theatros de feira. Ha livros que ensinam a estar em scena e a declamar em scena: elle não leu nunca um d'esses livros. Ha uma aula de arte dramatica no Conservatorio: elle sorri, desdenhosamente, á flor dos labios, se lhe falam de frequentar essa aula. Ha ainda uma coisa, a que se chama arte de viver na sociedade e que mesmo fóra do theatro aproveita a muita gente boa; e o nosso actor, proveniente em geral de classes que têm mais em que pensar, voltará todavia as costas, melindrado, a quem ouse insinuar-lhe a necessidade de penetrar um pouco mais nos segredos amaveis d'essa arte.

O nosso actor não admitte o dizer-se-lhe que elle é, em geral, um ignorante. Confunde a ignorancia com a estupidez. O grande erro da sua vida consiste precisamente nesta confusão. Porque a verdade é que se elle se compenetrasse da sua ignorancia, como se compenetrou da sua esperteza, salvava-se. O mal é elle supôr que essa esperteza supre tudo quanto se lhe diz que elle precisaría aprender.

Essa especie de instinto pelo qual se adivinha, se descobre ou se conhece *o que é, ou o que deve ser,* é mui-

to rara nos actores. Dos nossos, entre os mortos, só um a teve, verdadeiramente: foi o Antonio Pedro. Entre os vivos, que são muitos, raros a possuem.

Os francezes dizem: *Tout le monde peut devenir cuisinier, mais on naît rotisseur*—o que em português quer dizer: Toda a gente sabe cozinhar, mas o segredo do assado é um dote da natureza. No theatro dá-se o mesmo que na cozinha; toda a gente póde saber representar, mas o segredo do actor nasce com elle.

Uns, predestinados, nasceram actores. Os outros fizeram-se actores. Mas isto não implica desdouro para os outros. De nenhum modo. Antes redunda em elogio das qualidades de intelligencia e de vontade de que poderam dispôr para chegar a ser, por teimosia, aquillo que outros já eram de nascença.

Resta saber se o conseguiram apenas pela sua intelligencia e pela sua força de vontade. Não. Não foi só por isso. Foi tambem, e muito, pela complacencia do publico!

O nosso publico teve sempre um fraco pela gente de theatro, pelos *comicos,* como tão apropriadamente se lhes chamava ainda no tempo da Senhora D. Maria II. Cada espectador das nossas platéas teria dado um dia em actor, se as diversas circumstancias da sua vida o não houvessem desviado para outro officio. Os theatrinhos de amadores constituem ainda hoje um dos nossos dilectos entretenimentos, a despeito de todos os modernos e variados generos de sport e passatempos de sala, que d'ahi têm afastado uma parte da nossa mocidade, incluindo a Mocidade Catholica. Nos nossos melhores col-

legios, onde existe o internato, um dos recreios mais em uso é o theatro improvisado, com recita para as familias dos alumnos no dia em que se parte para férias. Ainda ha pouco, no fim do anno lectivo que passou, houve uma d'essas recitas no Real Collegio Militar, onde alguns dos nossos futuros coroneis e tenentes-coroneis representaram a capricho, e penteados á Cléo de Mérode, as *Semi-Virgens*, ou coisa semelhante. Na Universidade, é tradicional a recita do 5.º anno, em que os bachareis formados, com a carta do curso já mettida na mala, e promptos para a vida a sério, se despedem de Coimbra em trajos de tricana, de pespontada chinelinha de verniz, e cara rapada para o effeito de melhor dar a illusão d'outro sexo, com musica de Barbas.

Ter sido actor uma vez na vida, é ainda para muito boa gente uma feliz recordação.

Por isso o actor se encontra sempre rodeado de tantas simpathias, e de tão affectuosas deferencias; por isso elle faz o que faz, e faz o que quer, sem que ninguem se queixe...

XXI

O *Diario de Noticias* propõe que, á semelhança do que Monthyon fez em França, a Santa Casa da Misericordia estabeleça tambem em Portugal alguns premios á virtude.

E' justo.

Ao menos, o mesmo dinheiro

XXII

Dois moços literatos, realisando cada um o tipo de janota que o Conde de Arnoso pintou, com preciosas tintas, em um artigo do *Primeiro de Janeiro* ácerca de Garrett, encontram-se á porta do Turf.

—«Lêste o artigo do Arnoso?» pergunta um d'elles.

—«Li, e gostei. Aquillo que elle diz é bem verdade. Os maltrapilhos das letras não nos perdoam o córte irrepreensivel da sobrecasaca, nem a cava justa da calça, nem a perola que nos morde o laço da gravata...»

—«E a respeito de obras, tens agora alguma em preparação?»

—«Sim... Tenho...»

—«No Tavares Cardoso?»

—«Não. No Nunes Correia. Um fato de cheviote inglez, magnifico, todo ás riscas...»

XXIII

A Associação dos Jornalistas de Lisboa fez distribuir por todo o paiz um questionario sobre se o ensino elementar deve ser livre ou obrigatorio. E formula doze perguntas.

Uma d'essas perguntas é esta:

«Deve ser proibido o casamento a todo o individuo que não souber ler nem escrever, ou só ás mulheres?»

A resposta vem logo aos bicos da penna: só ás mulheres.

Mas a Associação dos Jornalistas vae mais longe, parecendo querer que, pela proibição do casamento ás mulheres que não souberem ler, se chegue a preparar a futura maternisação do ensino elementar. Tambem me parece.

Como chegar, porem, a essa perfeição? perguntar-se-ha.

Proibindo á mulher o conceber?

Não, mil vezes não! Mas proibindo-a de dar á luz, emquanto não tiver sido aprovada no seu exame para o magisterio.

Foi assim—diz a Associação dos Jornalistas—que Carlos XI fez os filhos da Suecia.

XXIV

Morreu em Paris o Conselheiro Carrilho, que toda a sua vida tranquibernou com os orçamentos do Estado. E referem os correspondentes de lá para os jornaes de Lisboa que as irmãs de caridade, chamadas para junto do cadaver, lhe tinham mettido umas contas nas mãos.

Nem depois de morto o deixaram as contas!

XXV

No principio, quando o primeiro homem se encontrou, sem camisa, sobre a terra, tal como virá a encontrar-se um dia sobre a mesma terra o ultimo contribuinte, o seu embaraço foi grande, e só com a muita astucia e o engenho de que Deus o dotara, em compensação de o haver feito surgir do nada e para nada, é que elle pou-

de chegar ao que depois se viu em materia de conforto, de comodidade, e de situação remediada.

Certo é que a nenhum de nós aconteceu ainda vir ao mundo com o curso dos liceus já feito. Todos nós nos achámos tambem, um dia, sem o saber como, á face da terra, e voltados para o sol, como o primeiro homem e como a primeira flor; mas nenhuma das arestas hostis do solo que deviamos pisar nos maguou os pés, nem a percepção tivemos, tão cedo, do isolamento que a vida viria a ser para nós, se cada um de nós, depois, não tivesse o cuidado de encostar-se aos outros...

Nascidos em leitos fôfos, como nascem os principes, ou sobre palhas modestas, como nascem os pobres; sob o tecto doirado dos palacios, ou á beira do caminho agreste, cada um de nós teve a ampara-lo duas mãos amigas, e o conforto d'um berço ou d'um regaço. Em seguida, ou a nossa mãe nos deu a sugar o leite dos seus peitos, ou nos pozeram a mamar, sofregamente, gulotonamente, na maminha da nossa ama — sendo até costume o dizer-se que bebemos com o leite tudo aquillo de que pela vida adeante damos prova em questão de sentimentos nobres ou baixos, de valorosa acção ou expediente perfido, conforme damos depois em homens bons ou maus, mesquinhos ou generosos.

Ora, Adão achou-se no mundo, por uma bella manhã da primeira semana, homem já feito, com a barba crescida segundo uns, com a cara rapada segundo outros, mas homem feito em todo o caso, segundo as melhores versões. E achou-se só, e nu.

A primeira sensação que elle experimentou foi a sen-

sação do frio; e a essa sensação correspondeu logo, em virtude do machinismo complicado, mas muito regular e muito exacto, que Deus criara nelle, a necessidade do calor; ao primeiro arrepio, que nelle indicou o começo do movimento fisico, succedeu naturalmente a ídéa do fogo, e essa idéa lhe foi o inicio da actividade mental.

Dado assim o impulso a tão estranha engrenagem que nunca mais parou, a segunda idéa que teve Adão foi a de procurar nas algibeiras uma caixa de fosforos. Só então reparou no seu estado de nudez, e d'esse simples reparo se formaram os primordios da arte do alfaiate, pois na mente de Adão surgiu a idéa do estofo, e logo a idéa do córte, do alinhavo, e da machina de costura.

Por muito e por mais que procurasse, Adão só encontrava, despontando da terra, pequeninos rebentos de folhagem curta, que para o fim de roupagem não bastavam. Urgia, entretanto, ao primeiro homem, cobrir-se com alguma coisa. E Deus então lhe deparou a vinha, de que elle arrancou a parra com que se cobriu, e se mostrou contente, sendo bem certo o dizer-se depois que sempre Deus deu o frio conforme a roupa.

Debaixo da parra, estava a uva. E Adão, ainda em jejum, ousou verificar se a uva seria coisa de comer. Trincou, saboreou, gostou, enguliu o primeiro bago, e devorou dez cachos. Eram uvas loiras, enormes, muito dôces.

Pondo-se a brincar com um bago entre os dedos, cheio da curiosidade das primeiras coisas, Adão apertou, expremeu, e obteve o sumo. Ao cair da tarde d'esse primeiro dia, Adão conseguira encher, com o licôr que encontrara dentro da uva, um vaso improvisado que leva-

ria bem tres litros. E quando o sol desaparecia já aos seus olhos, muito pequeninos e muito vidrados, e se sumia nos confins da terra, Adão, que bebera os tres litros, via as coisas andarem-lhe á roda, tinha tonturas, cambaleava, caía embebedado, e a dizer tolices. Adormeceu depois, profundamente; e quando, pela manhã do domingo, acordou, com amargos de bôca e muito mal do estomago, encontrou já a seu lado a primeira mulher, que Deus, durante o somno pesado, lhe tirara de uma costela, sem dôr, como quem tira um dente. E Adão disse então a Eva:

—«Eva, vê se me arranjas depressa uma chavena de chá de macela!»

A experiencia e o industrialismo, com o decorrer dos tempos, estabeleceram que ao resultado da fermentação alcoolica do fructo da vinha se chamaria vinho, e depois d'isso inventaram toda uma serie infinita de manipulações que, chegadas hoje a um grau de aperfeiçoamento inexcedivel, nos podem fornecer, transformado em vinho, tudo o que se queira, menos aquillo que está dentro da uva.

Já Plinio e Virgilio, ha dois bons mil annos, se dedicavam a tentativas e cuidados para dar ao precioso sumo a fixidez e o grau de conservação que os progressos da vinicultura, experimentados mais tarde nas melhores adegas, acentuavam de anno para anno, á medida que, pelo fenomeno chimico da fermentação, as ignoradas substancias das uvas de Corintho, e da ilha grega de Samos, se transformavam em licores inestimaveis, destinados ao consumo de uma privilegiada clientela de deuses.

Um dia se averiguou que os vinhos eram verdadeiros alimentos, em virtude dos corpos soluveis que continham, como o alcool e os assucares, tidos por excellentes alimentos respiratorios, e a glicerina e as materias gordas azotadas, magnificos alimentos constitutivos. E os amigos da Humanidade recommendaram então á Humanidade o uso moderado d'essa bebida, que avigorava as forças fisicas, e dispunha a natureza para os trabalhos asperos e contrariedades da vida, dando-lhe um sobrio caracter de bom humor muito conveniente ao trato das sociedades.

Veio depois a medicina e estabeleceu a aplicação therapeutica do vinho, explicando que, pela simples ingestão d'esse producto, era possivel imprimir aos orgãos, aos nervos, aos musculos, as vantagens fecundas de uma boa alimentação. Os anemicos deitaram-se aos vinhos ferruginosos, os diabeticos foram-se aos vinhos brancos sêcos, os gastralgicos atiraram-se, de cabeça, aos palhetes aveludados... E o vinho foi o alivio dos convalescentes, e a jovialidade dos sãos!

Com o uso generalisado das bebidas fermentadas, veio o abuso d'ellas. Sobre um tonel engrinaldado de parras, os beberrões, que quizeram ter um deus, escarrancharam Baccho, e ao redor d'esse grandissimo patusco, de larga venta cabelluda e rubra, mal equilibrado sobre o seu altar, a desbragada farandola desembestou, entre as dez e as onze, pela noite tenebrosa da bórga...

Desde então, a divindade de Baccho é invocada para um sem-numero de casos e situações difficeis, e a ella sacrificam, disparatadamente, o Amor, a Virtude, o Bom-

Senso, o Estro e o Dinheiro. E, com effeito, nunca um fiel, dos billiões de fieis que esse deus galhofeiro conta sobre a terra, se lhe dirigiu, sem que d'elle houvesse recebido a desejada graça. Indistintamente, com elle se entendem os sectarios das mais contrarias seitas, os fanaticos das religiões mais oppostas, os defensores dos mais intransigentes dogmas, ricos e pobres, nobres e plebeus, ignorantes e sabios. O orador a quem falta a fluencia que é natural em outros; o timorato que empreende um grande golpe de audacia; o desgraçado que procura o esquecimento da sua desgraça; o maltrapilho que tem frio; o socialista que tem odio — todos elles encontram, na invocação de Baccho, a ventura, passageira ventura, mas ventura, d'aquelle conjunto muito jovial de fenomenos que succedem sempre ao abuso das bebidas espirituosas...

XXVI

Entre os dois supremos — o supremo Bordallo e o Supremo Ente, existe uma afinidade que será eterna. Bordallo completou a obra de Deus. Deus fez o primeiro homem á sua imagem e semelhança, para o fazer perfeito. Mas esse primeiro homem, logo á primeira experiencia, falhou. Veio depois Bordallo e fez a caricatura humana. E essa caricatura tem resistido a todas as experiencias. A humanidade, que não poderia nunca eternisar-se pela perfeição, eternisou-se assim — pela caricatura.

XXVII

Ali defronte, naquelle predio velho onde só vive gente de trabalho, ha uma pequenita que tem immensa graça. Chama-se Rósa, tem talvez seis annos, e é a abelha mestra do enxame de petizes que todo o dia me zumbem por baixo da janella. A mãe bate-lhe. O pae escorraça-a. Sou eu só a achar-lhe graça, coitadita. Ninguem mais faz caso d'ella, me parece. Mas as coisas que ella diz! os modos que ella tem! as caras que ella faz! os disparates que ella inventa! No outro dia arranjou d'um trapo uma cauda, poz na cabeça um barrete velho de sota dos americanos e espetou-lhe ao lado uma grande penna de gallo, abriu a armação de uma sombrinha sem panno, e veio para a rua assim, muito tesa, com o irmão mais pequeno atrás a pegar-lhe á cauda.

Uma vizinha perguntou-lhe, de risota:

—«Aonde vaes assim, ó Rosa?»

E ella, muito séria:

—«Vou vizitar as Cosinhas Economicas!»

Mas o melhor foi hontem. Uma das mulheres que ali moram costuma lêr o *Diario de Noticias* em voz alta, todas as manhãs, á porta, quando as outras voltam de levar o almoço aos seus maridos. E a Rósa, com as outras, emquanto dura a leitura, toda ella é ouvidos. O jornal d'hontem falava do Albergue das Crianças Abandonadas, contando como ellas ali são criadas, tratadas, amimadas..

E no fim da leitura, sae-se a Rósa com esta:

—«Ai! ai! quem me déra ser tambem criança abandonada!»

XXVIII

Antonio todo se dedica, neste momento, ao estudo das sciencias naturaes, para repousar, diz elle, das sciencias mathematicas.

Conversando com um illustre naturalista sobre assumptos da sua nova especialidade, veio por elle a saber que o cuco é o mais esperto dos passaros.

—«O cuco não cria os filhos...»

—«Ora essa!»

—«Não cria, não senhor. Tem o costume de ir pôr os ovos nos ninhos de outras aves, que não percebem o logro, e os chocam juntos com os seus.»

Antonio foi-se a scismar naquillo; e quando subia a Rua de S. Roque, viu um cuco fugir d'uma gaiola. Foi andando, e seguindo-o com o olhar. O cuco descreveu no ar uma curva, e enfiou-se pela porta da Santa Casa da Misericordia.

E Antonio logo tirou a conclusão scientifica de que o cuco, esperto como é, fôra pôr um ovo—na roda!

XXIX

Como fosse eu o correspondente em Portugal da *Revista Moderna*, que então se imprimia em Paris, em lingua portuguêsa, a mim coube o encargo de reunir a collaboração de escriptores nossos para o numero exce-

pcional, inteiramente dedicado a Eça de Queiroz, com que aquella revista quiz prestar uma formosa homenagem ao auctor da *Illustre Casa de Ramires*.

A esse tempo, era a Revista enriquecida pela collaboração effectiva de Eça, o qual lhe imprimia já esse cunho de elevado intuito que predominou na ultima fase da sua estranha obra. Mas depois de dez annos, em que parecia ter abandonado o Romance, elle empreendia a publicação de um novo trabalho, que devia marcar na vida do escriptor o começo de um outro periodo, em que o estudo da realidade seria de novo o motor da sua obra; e, generosamente, dava á nossa Revista a preferencia da publicação, proporcionando um elemento poderoso para essa tentativa que aspirava a ser, não um monumento, mas uma expressão formosa de literatura e de arte.

Ligada assim a um tão glorioso resurgimento, a Revista queria registrar, com alegria e com desvanecimento, a data preciosa em que, por assim dizer, restituía ao publico o Romancista dilecto. O sentimento de quem organisava uma tão merecida homenagem ao seu emerito collaborador era o da verdadeira e natural gratidão da criatura para com o criador, pois Eça de Queiroz fôra, indirectamente a principio, directamente depois, o criador da Revista.

A homenagem seria prestada no mesmo dia, e no mesmo numero, em que a *Illustre Casa de Ramires* começasse a aparecer.

Informando-me d'este excellente proposito, Luiz Serra, que era dentro da *Revista Moderna*—ao lado do poder

moderador representado por Eça—o poder executivo, escrevera-me uma carta minuciosa, dando-me todas as necessarias indicações para a realisação da tarefa, na parte que me era distribuida. O desempenho da minha missão começou logo no mesmo dia em que recebi essa carta.

Tratando-se de uma homenagem a Eça de Queiroz, o primeiro passo estava indicado. Dirigi-me a casa de Ramalho Ortigão. A pagina com que deveria abrir esse numero da Revista tinha de ser escripta pelo incomparavel amigo, com quem a admiração de todos sempre costumava associar o nome de Eça, em lembrança das denodadas campanhas em que outr'ora juntos pelejavam. Infelizmente, Ramalho Ortigão não podia estar comnosco. Esta falta, que logo nos desmanchou em grande parte o prazer, foi assim explicada, na pagina em que se reproduziu uma velha fotografia dos dois amigos juntos, datada de 1875, em pleno exito das *Farpas:* «... De outro qualquer mortal diriamos que o motivo d'esta ausencia foi a doença. De Ramalho Ortigão só podemos dizer que a sua infatigavel saúde, tendo pedido umas curtas férias, bem ganhas e merecidas, se achou o celebre escriptor casualmente separado d'aquelles que hoje se reunem para saudar o auctor da *Illustre Casa de Ramires.*»

Descendo de casa de Ramalho Ortigão, na Calçada dos Caetanos, se o caso se passasse pouco tempo antes, eu ter-me-ia detido no outro patamar d'essa mesma escada, e teria batido á porta de Oliveira Martins. Mas Oliveira Martins já não era vivo.

A dois passos d'ali, em face do Conservatorio, residia o Conde de Ficalho, outro do grupo dos Vencidos da Vida. Lá fui.

Disse ao Conde o que me levava a procura-lo naquelle momento, e lamentei que nos faltasse, na projectada homenagem, a parte opulenta com que nella poderiam ter entrado os seus dois vizinhos. A ausencia de Ramalho Ortigão justificava-se; e mais dia, menos dia, elle a compensaria de algum modo, sob qualquer outra fórma de consagração. Mas a ausencia de Oliveira Martins, essa, era irremediavel. E a conversa derivou, impregnada de saudade, para a memoria do «Filosofo».

—«Uma noite, seriam dez horas—contava o Conde de Ficalho—vinha eu da Foz com o Eça. Isto devia ser ahi por agosto ou setembro, e o Porto estava deserto, d'uma desolação soturna e quente. Na impossibilidade de entrar logo para o hotel, o Eça lembrou:

—«Vamos vizitar o Oliveira Martins.»

—«Mas eu não o conheço.»

—«O Filosofo? Conheço-o eu, e basta.»

Nas Aguas-Ferreas—creio que era nas Aguas-Ferreas—não passava vivalma; e na casa a que nos dirigimos nem um postigo aberto, nem uma fisga de luz. Tudo tão absolutamente socegado, que eu ainda protestei contra aquella violação de domicilio. Mas o Eça insistiu e bateu. Passados instantes, d'uma janella que se abriu, uma voz perguntou:

—«Quem é?»

—«Eu... José Maria.

—«Ah! espera que eu vou.»

Houve uma bulha de ferrolho corrido, de volta de chave na fechadura, e o proprio Oliveira Martins appareceu á porta, embrulhado numa especie de gabão, com um lenço de sêda enrolado á pressa no pescoço.

—«Que estavas tu a fazer?» perguntou o Eça.

—«Na cama; levanto-me ás cinco e deito-me ás nove.»

E como eu me desculpasse, na minha qualidade de intruso, acrescentou amavelmente:

—«Quando não tenho com quem conversar.»

Entrámos no escriptorio, cá em baixo, uma casa comprida, com uma mesa alongada ao centro, estantes até ao tecto. Oliveira Martins acendeu elle mesmo o seu candieiro de trabalho, que dava uma luz fraca; e ali ficámos a conversar tranquillamente, na penumbra do *abat-jour*. O dono da casa acolhia-me, a mim que elle via pela primeira vez, com a mesma singeleza com que acolhia o velho amigo Eça de Queiroz. Naturalmente, a conversa deslisou para as letras; e Oliveira Martins veio a falar-nos do livro que então escrevia, a *Historia da Republica Romana*. Como sempre, elle vivia todo no seu assumpto de momento, evocando pela poderosa imaginação as figuras e as scenas do passado que estudava.

O Eça ouvia, e pouco a pouco discutia, interessado já pelo thema novo, embebido na historia romana como se nunca tivesse pensado noutra coisa, falando de patricios e de plebeus, de Scylla e de Mario, apanhando tudo no ar, naquella sua assimilação subtil e prompta, ondulante e penetrante ao mesmo tempo.

Lentamente animava-se, de pé, anguloso e delgado, o

olho negro encovádo e brilhante sob o reflexo do monoculo, o cigarro debaixo do bigode descaído. E cheio de frases imprevistas, de fantasia sensata, punha objeções ás theorios do «Filosofo», que respondia pausadamente, num gesto lento, a expressão um pouco vaga, como se olhasse para dentro, para o que estava pensando. Nada mais interessante do que o contacto d'aquelles dois espiritos, tão absolutamente diversos um do outro, e tão realmente grandes ambos. Era como o encontro de uma tropa disciplinada, bem provida de munições e armamento, com um corpo de irregulares, ferteis em recursos, em surpresas, em movimentos inesperados.

Quando saímos das Aguas-Ferreas eram duas horas da manhã. D'essa noite datou a minha constante amisade com aquelle que nós chamavamos «o Filosofo». E é este um dos favores intellectuaes que eu devo a Eça de Queiroz.»

Depois, o Conde de Ficalho quiz que eu lhe dissesse a feição que os meus amigos de Paris pretendiam dar a esse numero da *Revista* dedicado todo ao Eça. E logo me deu a entender, se era de coisa empolada que se tratava, que arredondaria em bellos termos a sua excusa, mas se excusaria «por incompetencia».

Açodei-me em explicar que o proposito era, simplesmente, o de proporcionar um verdadeiro prazer ao Director espiritual da *Revista*, e nunca o de o convidar para um festim literario em sua honra, onde só fossem servidas iguarias fastientas. Justamente, o que eu teria de pedir a algum dos indigitados collaboradores d'esse nu-

mero, seria muita singeleza, e muita sobriedade. Não queriamos estudos profundos; queriamos leves cavacos. Não se tratava de «Eça de Queiroz e a sua obra»; tratava-se, affectuosamente, de Eça de Queiroz e alguns dos seus melhores amigos. Não se pedia critica; pedia-se cavaqueira.

O Conde de Ficalho alegrou-se, disse que achava optimo, e prometteu que no dia seguinte me enviaria, por escripto, a recordação d'aquella visita nocturna a Oliveira Martins, na companhia de Eça de Queiroz.

Singelamente contado, este episodio deu uma deliciosa pagina da *Revista,* em torno de um croquis da casa de Eça, em Bristol, feito pelo proprio Conde de Ficalho, num dia em que ali fôra com o Conde de Arnoso, de vizita ao romancista.

No verso d'esse desenho havia algumas linhas escriptas, que tambem foram reproduzidas. Diziam assim:

«...E' certo, façamos esta concessão: que ha muita coisa boa na Inglaterra; entretanto, a optima, a deliciosa, é este alegre cantinho de Portugal que aqui vim encontrar!

Vashni, 26 d'abril 1886.

BERNARDO.»

Era um autografo, assignado por Bernardo de Pindella.

Um soneto do Conde de Sabugosa encheu uma outra pagina:

DE TRES RESPOSTAS

Ha festa rija. O adro da «Revista»
Empaveza-se alegre em arraial,
E' orago da festa um romancista,
Festeiros todos nós em Portugal.

Em frente ao nicho do dilecto artista
Arcos de buxo tece cada qual;
Queimam alguns no ar fogo de vista,
Outros incenso em forma ritual.

Fui chamado tambem á romaria.
Concorro a ella com folar discreto,
Opa vermelha, e trunfa luzidia;

E, sem a penna besuntar d'Hymetto
Deito, em louvor de São José Maria,
Em guiza de foguete, este soneto.

XXX

Vendo nos jornaes a relação dos bachareis que nestes ultimos dias têm saído formados da Universidade, e que já são em numero assustador, continuando-se os actos, Silva Pinto, director da Casa de Correcção, foi procurar o Ministro da Justiça e peremptoriamente lhe disse:

—«Olhe vossa excellencia que eu não posso acomodar lá mais ninguem!»

XXXI

Um parocho de fóra de Lisboa encontra o Pote na Arcada. São amigos velhos, não se vêem ha muito tempo, e fazem grande festa por tornarem a encontrar-se em tão boa disposição de saude e animo.

—«Pois és tu?!»

—«Eu mesmo...»

—«E que bons ventos te trouxeram por cá?»

Em breves palavras, o bom do padre conta o motivo da sua vinda á capital. Arranjara uns dinheiritos com que restaurara a sua egreja, comprara um vestido novo á Senhora do Amparo, mandara fazer um guarda-vento para a porta da sacristia, e queria agora ver se arranjava outro sino, porque a egreja só tinha um, e pequeno. Mas era carissimo.

—«Homem, não te rales! diz-lhe o Pote. Como sabes, morreu o Papa...»

—«Bem sei!»

—«E quando o Papa morre...»

—«O que acontece?»

—«Todos os sinos *dobram!*»

XXXII

Zacharias d'Aça lembra-me aquelle relogio de Gœthe, de cristal transparente, em que d'um lado se via a hora certa e do outro se descobria todo o jogo do mecanismo interior. Alto, direito, espadaúdo, córado, o ca-

bello já branco, que outr'ora foi negro de azeviche, os olhos castanhos claros, vivos, mas d'uma vivacidade cortez—porque ha olhos malcreados—vendo tudo num relance, e parecendo não vêr, o ar um pouco militar, Zacharias d'Aça tem o aspecto frio, *distant*, d'um inglez, como o de Mérimée, de quem se disse que parecia afastar, á primeira vista, toda a familiaridade, e que só ao vê-lo se lhe sentia o fleugma natural, ou adquirido, o imperio de si mesmo, a vontade e o habito de não se deixar dominar. Fisionomia quasi impassivel, e acompanhando o gesto raro uma voz egual, grave e calma, sem nenhuma nota mais alta de entusiasmo, sem a mais ligeira desproporção de um arrebatamento. Zacharias d'Aça em publico é isto. Mérimée, descripto por Taine, era assim mesmo: «...*il disait les détails les plus saugrenus, en termes propres, du ton d'un homme qui demande une tasse de thé.*»

Ha uma explicação, quanto a mim muito clara, d'este modo de ser: o pae de Zacharias d'Aça foi um portuguez dos quatro costados, com dez annos de residencia em Inglaterra, frequentando a alta roda apezar de emigrado—uma segunda educação, sobreposta e corrigindo a primeira—o que talvez equivalha á possivel perfeição de um homem. Os melhores reflexos d'esse temperamento, e d'esse feitio paternos, convergiram, naturalmente, sobre o filho; e quando a pratica e a compreensão exacta dos homens e do mundo começaram a influir directamente no seu coração e na sua intelligencia, encontraram nelle um discernimento precoce, uma justa prevenção, que nem lhe consentiram illusões, nem

o deixaram cair em transigencias. Teve bem «essa educação e pratica de todas as horas—de que elle proprio fala, referindo-se a Pinheiro Chagas—fortificada com os accidentes da vida quotidiana e com a historia do passado, como não a professam os mestres, nem se encontra nos compendios, e que só aquelles que têm vivido, luctado e soffrido, podem dar com os seus conselhos e com o seu exemplo.»

Um filho d'elle, o mais novo, que não tem mais de tres annos, da primeira vez que me viu, recuou dois passinhos, mediu-me d'alto a baixo, e não quiz, á primeira instancia, dar-me um beijo. Appareceu depois o pae, elle olhou-o, como que interrogando-o com os olhos muito vivos, e só quando o pae lhe disse que não receiasse chegar-se a mim, e que me désse o beijo, é que elle veio, já então pressuroso e sorridente. Tão simples facto disse-me logo tudo quanto depois me confirmou a convivencia d'este homem, que eu tanto respeito, tanto estimo, e de quem tanto proveito me tem vindo.

A sua casa tem o cunho do seu dono, e, em certos casos, completa-o. E' na sua sala, forrada de estantes, carregadas de livros de literatura e d'arte, e no gabinete de trabalho, com as janellas abertas sobre a rua—São João da Matta—rua buliçosa e singular pelo aspecto dos seus dois lanços, um antigo, estreito, com certo ar medieval—gente ás janellas, roupa pendurada nas varandas, casas de quintos andares—o outro troço subindo, largamente arejado, com casas apalaçadas, jardins com seus lanços de muro, e abrindo na Rua da Lapa, com certo ar de rua de suburbio, onde vivem,

lado a lado, fidalgos e gente do povo, e onde um trecho de Wagner ou um fado aristocratico de Rey Collaço, que ali morou ao pé, é improvisadamente cortado por uma jura blasfema, ou apostrofe bravia d'alguma rascôa rabiosa, lavada de bófes e deslavada de lingua —é ahi, em serena convivencia com as letras e com as artes, que Zacharias d'Aça passa o melhor dos seus dias, é ahi que elle se acha bem, e que é bom vizita-lo, ouvi-lo e conversar com elle.

Aquella primeira fórma—defensiva por assim dizer—que se lhe nota á primeira vista, rompe-a Zacharias d'Aça a meudo, sae d'ella, quando encontra quem a isso o provoque—um homem de letras, um artista, um amador das coisas do pensamento. Então não ha ninguem mais lhano, mais afavel. Nenhuma impertinencia, nenhuma d'essas demasias de cortezia, que levantam logo uma parede de fria cerimonia entre nós e o nosso interlocutor, e nos fazem abreviar o dialogo. Mas tudo isso desaparece, e é substituido pelo mais completo silencio ou simples monosilabos, á mais leve manifestação de inintelligencia ou indifferença. Então volta á primeira fórma, reaparece o inglez; e seja o outro quem fôr, «o mestre—na frase d'elle—fecha a loja.» Ao contrario de muitos que buscam auditorio, e até mesmo o improvisam, seja como fôr, Zacharias d'Aça não fez nunca o menor esforço, não deu nunca o mais pequeno passo, em parte alguma, para chamar sobre si as attenções.

Quando o vizitei a primeira vez era verão. A luz directa e crua do sol inundava o pequeno gabinete onde

me recebeu sentado na sua larga cadeira, cujos braços recurvos se recortavam no branco mate do jaquetão de flanela, que elle vestia; a sua cabeça d'um desenho vigoroso e o pescoço, cuja tez requeimada lembra o sol das caçadas—cabeça de athleta, de luctador, com um acentuado perfil de medalhão—destacavam sobre a alvura da camisola.

Professor durante muitos annos—mestre ainda lhe chamam os que foram seus discipulos—tem o habito de falar, e d'essa gimnastica de todos os dias, em que teve classes de oitenta discipulos—que todos davam lição!—conservou elle poder ainda hoje, aos sessenta annos, discorrer tres e quatro horas a fio, sem denunciar o mais leve cansaço! Foi decerto por excesso de amabilidade para comigo, ou amôr ao colorido, que sobre a mesa estava um prato com ginjas e cerejas. Não percebi que elle precisasse d'isso para manter a fluencia da loquela.

Tendo convivido desde muito novo, em casa de seus paes e fóra, com alguns dos homens mais notaveis da nossa terra, na politica, nas armas, nas letras, ouvinte attento, que ainda hoje é, grande leitor e dotado d'uma memoria de idéas, de palavras e de fórmas, extraordinariamente viva, o tecido da sua conversação é d'uma variedade rara. Sobre uma analise filologica enxerta-se ás vezes uma divagação literaria, onde aparece o retrato d'um escriptor, a critica d'uma escola, a apreciação de um livro, fechando pela referencia a uma obra de arte, para depois voltar ao ponto de partida—tudo isto traçado com a maior naturalidade, sem disparate

na transição das idéas, e como se aquillo tudo fosse muito meditado.

Fazia d'estas lições, verdadeiros improvisos literarios, aos seus discipulos. Um dia, Pinheiro Chagas, á mesa de jantar, contou não sei que historia aos filhos que eram discipulos de Zacharias d'Aça. Qual não foi o seu espanto, quando o mais velho lhe disse que já a ouvira no collegio ao seu professor. O auctor da *Morgadinha* custou-lhe a achar o laço que prendia a lição do filho com o que elle acabava de contar. E Raul fez-lhe então o summario.

—«Então tu fazes conferencias aos rapazes!»—disse Chagas ao seu amigo a primeira vez que o encontrou. E contou-lhe a historia.

Zacharias d'Aça pertence a uma geração de que poucos vultos restam na brecha, mas que os teve verdadeiramente illustres. A sua aparição no mundo das letras data de 1864: estreiou-se como critico d'arte, ao lado dos mestres, na *Revista Contemporanêa*. Conviveu com Castilho e Herculano—muito com o primeiro, e ainda conheceu Garrett. Amigo intimo de Pinheiro Chagas e de Bulhão Pato, teve relações de amizade com todos os das duas gerações immediatas aos tres chefes, com Rebello da Silva, Palmeirim, Lopes de Mendonça, Andrade Ferreira, Eduardo Vidal, Thomaz Ribeiro, e o meu tão querido e predilecto Julio Cesar Machado — toda uma altiva aristocracia intellectual. Não póde entender-se com elle, porém, essa como que censura que os superficiaes e os mediocres da geração actual ousam atirar á cabeça, já branca, de alguns dos

d'esse tempo: essa como que arguição de terem envelhecido para as letras. Elle está fóra do alvo que um tal desdem impertinente de certos novos procura visar, quando desferem suas satiras, que são outras tantas deliquescencias cerebraes, contra a memoria literaria de alguns velhos.

E, todavia, Zacharias d'Aça não teve nunca a preoccupação de furtar-se a essa lei fatal do envelhecimento, evitando, como tantos outros o fazem com cuidados extremos, imprimir uma data bem precisa aos seus escriptos. Pelo contrario até, acontece que um dos encantos d'este escriptor é a narrativa, sempre interessante, dos episodios da sua mocidade, a invocação de reminiscencias d'um passado cheio de saudade...

Lembra-me até ter-lhe ouvido que estivera para datar os capitulos do seu livro, e que se o não fez, foi para que não o atribuissem a afectação literaria, por não ser costume. Se elle o fizesse, ver-se-ia que, apezar de haver entre alguns d'elles a distancia de mais de trinta annos, ninguem, sem elle o dizer, o poderia adivinhar. Em todos a mesma penna facil, o mesmo estilo.

Possuidor de um d'estes temperamentos artisticos vigorosos e delicados, que encantam os contemporaneos e a mesma influencia exercem sobre os vindouros, emquanto durar o culto e o amor das coisas bellas, Zacharias d'Aça tem a mais a faculdade rara de governar sem excesso a sua sensibilidade, a um tempo equilibrada e profunda, e assim póde servir convenientemente a indole, que tem, e muito acentuada, de moralista.

Dentro de pouco, quando toda a nossa literatura, por

que tanto nos disputamos, tiver passado pela joeira dos annos, que deixa perderem-se no pó os pequenos nadas; e quando toda a profusão de obras impessoaes e vasias, habilidosas apenas, desaparecerem, para que só restem, e só se aproveitem as de real valor, quem viver verá que uma das que se hão de salvar será a obra de Zacharias d'Aça—porque toda ella é vibrante d'alma, toda cheia de vida, de espirito, de entusiasmo, e, sobretudo, de sinceridade.

E' um escriptor de razão muito sã, com o raro talento de simplificar coisas confusas, achando para ellas a expressão mais adequada, mais concisa, e mais clara. Tem todas as qualidades de um primoroso prosador. Depois, a sua inteligencia é ampla e flexivel, de viva penetração, ageitando-se bem, amiga e facil, a toda a ordem de conceitos. Posto em face de uma idéa, e comparada essa idéa ao fructo que se aviste no cimo de algum ramo de arvore, não se contenta elle, como tantos outros se contentam, com avista-la: estende o braço e colhe-a. A sua grande ventura está em que o braço lhe chega até onde os outros não pódem.

Um dos grandes atractivos dos escriptos de Zacharias d'Aça é a preferencia das coisas simples, pequenos quadros, scenas singelas, paizagens e marinhas, figuras isoladas, tudo desenhado ou esboçado do natural, repassadas todas ellas do prazer que elle proprio deve experimentar ao escrevê-las.

A respeito do formoso livro que intitulou *Caçadas portuguezas*, diz Zacharias d'Aça:

—«De tigres e leões poderia eu contar historias tragi-

cas e horripilantes, mas nunca me defrontei com elles, e não me seduz o papel de chronista inconsciente de alheias proezas. O que se contêm nessas paginas são as minhas impressões d'um mundo, muito proximo de nós, mas de que quasi todos nós, que escrevemos, andamos muito alheiados—o mundo dos campos.

Os capitulos d'esse livro são capitulos da minha vida, e quando os recordo, alegra-se-me ainda o coração. E signal certo de que foram dias bem passados, é que ainda não se me apagou da memoria o sol, que os alumiou. Sol que brilha no passado, sol poente hoje para mim!... Mas as nuvens que elle doirava nas suas fantasticas evoluções, eram brancas e transparentes; fugitivas, como os sonhos da mocidade, não faziam manchas no céo, como tambem não me deixavam sombras na vida.»

Vem depois a expansão d'alma do caçador entusiasta em contacto intimo e constante com a natureza, no pleno exercicio de todas as suas faculdades, de todas as suas energias, recebendo em cheio as ondas d'esse banho enorme de luz; aspirando, a plenos pulmões, as largas correntes de ar puro e oxigenado dos campos e das florestas — experimentando, emfim, todos esses entusiasmos e arroubos que só compreende bem quem já os experimentou, como elle o diz, mas que é possivel compreender, embora não se sendo caçador, quando Zacharias d'Aça d'elles nos fala:

—«Atirar ás codornizes nos trigaes, perseguir as perdizes nas vinhas, chofrar as narcejas nos alagamentos, descobrir as gallinholas nas aroeiras, nos pinhaes, esperar a passagem das rolas e dos pombos, carregar uma lebre

na campina, correr um veado, emprazar um javali, fazê-lo saír da *mancha,* espera-lo de cara numa *porta,* é um prazer, para os que procuram essas sensações fóra da vida banal das cidades, nos campos, nas florestas, nas matas ermas e selvagens. E é mais facil senti-lo do que explica-lo, aos que, estranhando-o, por isso mesmo não o podem compreender. Tanto valeria explicar a um surdo, ou a um cego, as bellezas da musica e da paisagem...

Haurindo o ar fresco e embalsamado dos campos, dilatando a vista pelas extensas pradarias, ondulantes como o mar, pelos doirados vinhedos, pelos cimos quebrados das serras, entra-se em mais intima comunhão com a natureza.

Não são ruas alinhadas e poeirentas, edificios rectangulares, sombras geometricas no chão, nem céo recortado, aqui e ali, pelos telhados da casaria urbana. Terra, luz e ar, estão ali a descoberto, não no-las encobre a mão do homem: o sol irradía esplendido no limpo azul do firmamento, a aragem é pura, e a propria terra envia-nos o perfume das hervas rasteiras e das florinhas agrestes que pisamos.

Neste contacto com a terra o homem rejuvenesce, e á serenidade dos campos responde em nós uma alegria, que não é a que rompe d'entre o convivio das festas ruidosas, mas outra mais funda, de que depois nos lembramos, e nos aparece, no entardecer da vida, com o inefavel encanto da saudade.

E no meio d'esse scenario rustico aquelle poeta, que todos os que sentimos e amamos a natureza, trazemos

dentro de nós, oculto e tacito, acorda, e nós vamos seguindo-o, e a fantasia vae com elle a voejar, a voejar...»

Quem quizer dar-se á curiosidade de esmiuçar a obra, mais ou menos avultada, de alguns dos nossos escriptores contemporaneos—contistas, criticos de arte, folhetinistas—para que a tarefa se torne menos dificil, facilmente encontrará, com attenção, que todos se parecem, mais ou menos, com outros que já conhecia; e certas peças, certos capitulos inteiros, nos recordam, bastas vezes, outros capitulos e outras peças inteiras. Os bons, os legitimos, os escriptores de raça, esses, se ao principio deixam perceber alguma ligeira variação d'este genero, sob a evidente influencia de leituras predilectas, não tardará que se emancipem do passageiro jugo, para depois se nos mostrarem, taes como são, pessoaes e unos.

Esta pessoalidade e esta unidade, essenciaes e raras qualidades do escriptor de raça, tem Zacharias d'Aça como aquelles que as têm, suas, legitimas, como as teve Julio Cesar Machado, como as tem Fialho d'Almeida. O seu estilo é aquelle mesmo cristal do relogio de Gœthe: a transparencia deixa vêr tudo—os contornos, a luz, os planos, as sombras, as côres, como são, como elle as viu, como nós as vemos. Nada interposto. O artista, o pintor desapareceu. Nem tinta de mais, nem de menos. Da sua mão os quadros sáem á primeira, como dizem os pintores. Não ha que descobrir-lhe a habilidade do processo, porque não ha processo, ha natural. Com a nitidez com que viu as coisas, assim as revê na memoria e assim as descreve ou as pinta. E' nisto, e só nisto, que

consiste o seu segredo. O seu estilo é simples, breve, incisivo, servido sempre por um vocabulario sóbrio, mas preciso o quanto basta para tudo, sem o mais ligeiro excesso.

Resumindo o caracter e o talento de Zacharias d'Aça, póde dizer-se que, pela sua elevação moral e pelo seu isolamento da vulgaridade, lhe assiste bem esse direito, que elle se arroga, de viver bem alto, independente e austero em materia de transigencia com factos e criaturas inferiores. Felizes os que podem respirar esse perfume de superior bondade, que derrama em volta de si a sua formosa alma, terna e amavel, sincera e recta, perfeita e viva demonstração de virtude. Ditosos os que podem compreender, pelo convivio directo com o seu talento tão lucido, bem melhor do que é possivel compreender pela sua obra, toda a justa altivez, profundamente humana, da sua individualidade.

XXXIII

Os Barões não podiam ficar em Lisboa, quando toda a gente que se présa parte para campos, thermas e praias.

Hontem, foram a Cintra, em procura de casa onde passar um mez. Mas tudo quanto havia de geito já estava alugado. Apenas, e por muito favor, encontraram uma casinhola que alguem lhes cederia por oitenta mil réis. E era pegar, ou largar.

—«Oitenta mil réis só por um mez é forte!» observava o Barão. Mas a Baroneza sempre quiz ver.

E entraram.

A casa compunha-se de tres cubiculos, a cosinha, e uma caixa com serradura para o gato. Tudo muito pintadinho, muito alegrinho, mas muito acanhadinho. E os tectos tão baixos, tão baixos, que a Baronesa, senhora alta, teve de inclinar-se, para não amachucar as orchideas do seu formoso chapeu.

—«Nada, nada!» dizia ella então ao senhorio. «Isto não nos serve. Uma casa com os tectos tão baixos só poderá convir a alguma horisontal...»

XXXIV

A Pinhata é a festa que promovem, no domingo seguinte ao Carnaval, os esturdios que não se deram por contentes com o regabófe seguido de tres dias gordos e de tres noites ainda mais gordas. É uma festa rija, de levar tudo raso, uma d'estas festas em que o melhor que ellas têm é o esperar por ellas, tal o estado de consternação em que ao depois se fica. A Pinhata é, principalmente, um tremendo baile de mascaras, ao fim do qual todos levantam a mascara, e se dão a conhecer, indo acabar a noite, e muitas vezes indo acabar o outro dia, nos gabinetes reservados dos melhores restaurantes, em más companhias, quando o azar não quer que tudo aquillo acabe nos calabouços do Governo Civil, em companhias muito peores ainda.

Quando uma sociedade como a nossa não dispensa a concessão de tres dias de irresponsabilidade em cada anno para desembestar nas regalias e excessos do En-

trudo, de redea solta e de folgada cilha, não ha medidas bastante energicas contra taes desmandos, de que a Pinhata é ainda o ultimo reflexo. Ainda agora se viu o resultado que deu a proibição das cocottes. Para se cortar uma das brincadeiras mais perigosas do Entrudo, protege-se o incremento de um dos perigos mais brincalhões da mesma epoca. Suprimiu-se a cocotte de papel e areia, e augmentou-se, com o baile da Pinhata, o consumo da cocotte de carne e osso. Ora se a cocotte de papel e areia nos tirava, ás vezes, numa insignificante percentagem, um olho, a cocotte de carne e osso passou a tirar-nos, livremente, os dois.

E porque nunca um mal veio só, houve por bem a mesma auctoridade, que tomara tal medida, ordenar que nas ruas de Lisboa empreendesse a policia uma rusga bem activa aos mendigos de profissão. A mendicidade era ainda, na capital, uma das poucas profissões liberaes para que não se exigia algum curso superior; e para os desventurados que, depois de um baile na Trindade e uma ceia no Augusto, tinham perdido tudo, até os olhos da cara, se a sua desventura chegava ao ponto em que já não é possivel encontrar um amigo a quem a gente se encoste, o unico meio decente que lhe restava para se tirar de difficuldades era encostar-se a uma esquina, e estender a mão...

Nesta attitude encontrou a policia, na manhã de quarta feira de Cinzas, um famoso rapioqueiro de Lisboa, postado aos Martires, todo enfarinhado ainda da esturdia da vespera, aguardando o momento em que alguma alma caritativa lhe deixasse caír na mão uma cedula de

dez tostões, com que lhe fosse possivel ir passar o resto do dia no Retiro da Montanha, como o ermitão, que renunciou ao mundo, ou como o actor que, nessa noite, não devia ter espectaculo.

Cumprindo ordens, perguntou-lhe a policia se ignorava ser proibido estender a mão á caridade publica. Mas nem a mais leve sombra de desconcerto perturbou o pandego, que pediu licença para observar á policia ter-se ella enganado com respeito á atitude, bem licita, em que o encontrava.

—«Eu não estendo a mão á caridade publica...» disse. E concluiu: «Estou a vêr se chove!»

Os que não tiveram, porem, a resposta prompta, como este, foram levados na rêde, e postos á ordem do Governador Civil, que lhes dará destino, distribuindo-os por asilos e casas de reclusão. Mas são muitos ainda os que escaparam pela malha e se refugiaram no Suisso, no Martinho e nos corredores dos Ministerios, por onde corre o enxame dos poetas sem rima, dos artistas sem atelier, e dos bachareis sem emprego. Era principalmente sobre estes que deviam convergir os raios visuaes de quem superintende na manutenção da ordem e na policia dos costumes — ainda que fosse necessario duplicar o pessoal da fiscalisação do Sello, inventar mais cincoenta comissarios régios, estabelecer um anexo ao Limoeiro e desdobrar todas as cadeiras da Academia de Bellas-Artes. Talvez assim nos livrassemos d'esta praga de criaturas de genio sem colocação, que infestam a capital, pondo-se um termo a este estado de coisas que não nos permite entrar no Suisso para tomar um café

e um calice de cognac, sem que alguma d'essas amaveis criaturas venha sentar-se ao nosso lado para tomar, pelo menos, e á nossa custa, tres cafés e seis calices de cognac!

E' preciso acabar de vez com esta pobreza desavergonhada que infesta Lisboa. O que todos esses poetas, todos esses esthetas, e todos esses bachareis estão a pedir é que alguem os empregue; e, em caso de reincidencia, que alguem os prenda!

XXXV

Desconhecer este surpreendente aspecto de cidade no campo que tem o Porto, quando do tunel de Gaya se entra, como que num deslumbramento, pela ponte do Douro, e toda a porção mais abundante do rio vem curvando a corrente pelas tenras verduras de Avintes e Valbom, e para além do Lordello vae banhando a cidade, e do lado oposto vae banhando a villa — é nunca ter disfructado, com olhos embevecidos, a mais pitoresca, mais complicada, mais colorida e luminosa paisagem portuguêsa.

Certas ruas do Porto, como esta Rua de Villar onde mo acho, lembram-me ruas de algumas frescas cidades francêsas, como Pau, por exemplo. Aqui se nota com prazer a escassez de predios de mais de dois andares, ao mesmo tempo que um segundo prazer, e bem maior, se desenvolve á nossa vista, com proveito grande dos nossos orgãos respiratorios: o aspecto independente, solido e aceado da maior parte das casas, cada uma para cada

familia, livre do contagio pernicioso das vizinhanças de escada, que nas cidades como Lisboa constitue a peor condição das suas habitações.

Um rez-do-chão, um primeiro andar, uma trapeira, tres janelas de fachada, um portão bem limpo, uma pequena facha de jardim á frente, e um horisonte bem amplo para trás, tanto basta para realizar a boa a simples felicidade de uma familia portuense de negociantes abastados.

Toda a parte nova da cidade é assim formada, cuidadosamente, por pequenos predios, airosos e risonhos, frescos e claros, quasi todos cobertos de azulejos e ardosias, com verduras de arbustos e perfumes de flores á entrada e á beira do caminho, resguardados por gradeamentos ligeiros, aguçados em lança.

Na construção d'estas casas, postas sobre solidos alicerces, não entra um só tijolo; é tudo pedra, d'esta pedra rija e parda que tanto abunda na parte montanhosa da cidade. São casas de pedra e cal, firmes, inabalaveis, bem proprias a dar abrigo á gente forte que as habita.

Quem só tenha visto levantar a construção de um predio de Lisboa, todo em ripado e sarrafos, não faz idéa do que seja pôr em pé as quatro grandes paredes, verdadeiras parédes mestras, de uma casa do Porto. Tudo é pedra d'alto a baixo, bem cimentada e bem unida. A madeira só entra onde não póde deixar de entrar: no tecto e no soalho. Não ha tabiques. D'um aposento para outro aposento, não se percebe um ruido; e como não ha repercussão nos muros, e os sobrados se sobrepõem perfeitamente sem rangido nem tremuras, do andar de

cima para o andar de baixo nada se ouve tambem.

Aqui, quando se está em casa, póde-se bem dizer que se está em casa. Em Lisboa, julga sempre a gente que está em casa dos outros, ao mesmo tempo que os outros estão em nossa propria casa.

Na parte velha da cidade não é bem comodo o piso das calçadas, nem dos passeios de lagedo, e menos suave ainda a pés não muito afeitos ao uso dos tamancos, que o povo feminino dos burgos do redor tão sonoramente e tão galantemente bate, quando os prefere a trazer, mais á vontade e mais lésto, o branco pé descalço. Em compensação, o forasteiro, que tomou o comboio em Santa Apolonia, e encaminhou para aqui o seu itinerario, póde vêr que das ruas do Porto se não faz o vasadouro de quantas entranhas de peixe, despojos de hortaliças e calçado velho não aproveitam já á economia domestica.

Nos bairros novos e nas novas ruas, cantantes e claras, as casas que não são em azulejos, fantasiosos e reluzentes, aparecem-nos de branco, muito bem caiadas, ou em côres tenras como a côr de rosa, a côr de alface, a côr de canario, e a côr de grão. As janelas são largas, os caixilhos brancos, os vidros esfregados. E como as casas não têm, quasi todas ellas, mais de dois andares, fica mais perto o céo, azul e encrespado p'lo vento fresco do Norte.

A entrada por Campanhã recorda-me, á primeira vista, olhando as construções d'agora, entremeadas no alinhamento das construções antigas, acanhadas e baixas, e enegrecidas, o aspecto de Madrid no bairro das Deli-

cias. Lindos olhos pretos vêem-nos passar, na pequenina moldura dos postigos. Alegres timbres de voz soltam cantigas, repenicam estribilhos, bonitos como o das Carvoeiras, engraçados como o da Padeirinha. Braços redondinhos, de manguinha arregaçada, deitam roupa a córar, nós muros dos quintaes. Ramos de vinha balouçam-se á porta das tabernas, onde o vinho verde espuma nos cangirões e nas malgas.

O movimento acelerado e incessante do bairro mais commercial e activo da cidade, toda esta parte inferior á Restauração, para os lados da Rua das Flores e Rua dos Inglêses, Cima do Muro, Miragaia, Alfandega, é bem cheio de interesse e de bons simptomas. Aqui trabalha-se, e o trabalho vê-se, sente-se, constata-se. Toda esta faina de gente que leva pressa e traz pressa, entrando nos cambistas, subindo ás agencias dos paquetes, enchendo os armazens, povoando as lojas, carregando fardos, acarretando caixas, conduzindo carros, rolando pipas, empalhando garrafas, conferindo facturas, promovendo despachos, verificando mercadorias, discutindo preços, trocando dinheiro, agitando emfim toda esta porção de vida complicada e rotineira, esperta e agil, a que se chama — o movimento da praça,oferece-nos o testemunho consolador de um grande e estimulante facto, qual o de haver ainda em Portugal portuguêses escorreitos e aptos para trabalho proficuo, rude mas fortalecedor, violento mas vivificante, inglorio mas produtivo.

Os Clerigos, na subida ingreme e aspera da calçada, têm a mais jovial fisionomia de vias de transito que conheço. E' um risonho arruamento que parece sempre

em festa, embandeirado de chales e lenços de ramagens, ás portas dos mercadores. D'um e outro lado, subindo e descendo ao longo dos passeios, grupos de velhas e raparigas, cobertas de oiro, saias e mais saias, meia branca de neve e tamanquinho de verniz, dão por momentos a esta larga rua a semelhança de uma feira, onde porventura se juntassem, em divertido vae-vem, todos os tipos e todos os trajes, bem variegados e bem cheios de caracter, de todo o Minho e Douro.

Neste momento, quem tem o bastante para se dar ao prazer de sair da cidade, apenas nella se demora o tempo preciso para os seus negocios, e logo abala para a Foz e para Mattosinhos, para Espinho ou para a Granja.

Fechada a casa da cidade, cola-se-lhe na porta um aviso impresso que diz, em grandes letras redondas:—*Estão na Foz* ou—*Estão em Mattosinhos*. Estes impressos andam á venda nas papelarias e nos kiosques de tabacos. E' um costume que só conheço no Porto. Assim se declara, com esta sinceridade, para onde se foi, onde se póde ser encontrado, que prazer haverá se os amigos lá forem. Não ha melhor contraste para essa fuga misteriosa de muitos habitantes de Lisboa, que partem para uma praia ou para uma casa de campo: dá-se a volta á chave pela madrugada, desce-se a escada pé ante pé para não acordar a vizinhança, toma-se pelo caminho mais escuso, enfiando com as paredes, e desaparece-se... Debalde o padeiro virá bater ao ferrolho, todas as manhãs, durante quinze dias. Tempo perdido será, para o alfaiate, subir, vezes sem conto, áquelle terceiro andar, para receber uma conta de smockings e fatos de flane-

la. Prega no deserto a triste lavadeira, de cada vez que vem para cobrar o importe da ultima barrela. Por fim, quando todos elles cançam e desistem de voltar, e resolvem lançar á conta do perdido o fornecimento dos pães, os fatos de flanela, e a lavagem da roupa—é que o lisboeta regressa, para mudar de padeiro, de alfaiate e de lavadeira!

Sente-se a gente bem, entre gente d'esta, a despeito do azedume de Camillo, que a não poupou a flagrantes injustiças. E' preciso cá vir, aqui estar e de cá sair, para ficar querendo bem a esta gente vigorosa e sã, leal e altiva, desassombrada e franca, gente que nos fala uma linguagem tão expressiva, tão aberta, tão sonora e tão clara, que até se fica em duvida se não será bem o português de lei este em que a lingua troca, com tanta graça, os *bb* pelos *vv*...

XXXVI

Na cadeia do Limoeiro foi inaugurado um posto anthropometrico, com todos os necessarios aparelhos para observações, medição da estatura dos delinquentes, medição do busto e do braço, medição do craneo, e medição do pé esquerdo.

No dia em que o posto começou a funcionar, foram lá alguns reporters; e um d'elles, mais minucioso nas suas indagações, de papel e lapis em punho, perguntava:

—«Porque é que aqui só se toma a medida ao pé esquerdo?»

Ao que alguem respondia:

—«E' porque aqui ninguem entra com o pé direito!»

XXXVII

O *Diario Illustrado* abre um plebiscito para o fim de apurar o que é aquillo que os homens mais admiram nas mulheres.

Resposta de Candido de Figueiredo, o lexicologo:

—«Por mim, o que mais admiro nas mulheres, é a tenacidade com que ellas procuram sempre desculpar os seus erros... de ortografia!»

XXXVIII

Apreciando o desempenho do *Heroe do dia,* que neste momento está fazendo sucesso no Theatro do Thesouro Velho, disse um critico:

«O actor Christiano afirma nesta peça as suas excelentes qualidades, dando uma perfeita interpretação ao deputado inconsciente que chega a ser ministro...»

Pois senhores: tanto bastou paia que logo se désse como certa a entrada de Christiano para o governo, numa proxima recomposição.

XXXIX

Imitamos tanto o que se passa em França, que a vida de Lisboa lembra uma vida de cidade francêsa, traduzida para o Gymnasio.

XL

A Prima Emilinha tinha-me escripto um bilhete, naquella sua firme e clara letra inglêsa das Salesias, em que me dizia:

«No sabado, temos cá a Tia Dulce a passar a noite. Ella soube que o primo estava em Lisboa e quer vê-lo. Dê-lhe esse enorme gosto, que ha de aproveitar tambem a quem mais cá estiver. Não falte.»

Acariciei o convite, e logo fiz uma boa e pressurosa tenção de não faltar. Um desejo, por muito leve que fôsse, da Prima Emilinha era sempre para mim uma ordem terminante. Ficara-me isto de pequeno, d'um saudoso tempo em que a prima, que já se espanejava exuberantemente nos seus desoito annos quando eu só tinha doze, me chamava com auctoridade e me dizia:

—«Venha cá, menino! Dê-me já um beijo!»

E eu ia, surdamente apaixonado e lamécha, dar-lhe todos os beijos que ella muito bem quizésse.

Eu cresci, a prima encorpou, e o destino separou-nos. Só ha pouco tempo é que ella veio, com as irmãs, todas tres, agora, irremediavelmente solteiras, fixar residencia em Lisboa. Pois senhores: já lá vão duas boas duzias de annos, e ainda hoje eu não posso estar perfeitamente sereno ao pé da Emilinha. Verdade seja que não me lembra ter visto outros quarenta annos tão frescos, tão alegres, tão mal acomodados no seu galante in-

volucro de branca e rosada pele, onde não passa a sombra de uma ruga...

Lá fui no sabado, a casa das Primas Sampaios, na Calçada do Salitre, com o meu braçado de cravos vermelhos. Passava das nove. Fui invectivado ainda na escada: era tardissimo! Nem eu sabia o que já tinha perdido. A Tia Dulce estava divina, com todo um reportorio absolutamente inédito, parecendo remoçada de trinta annos. Tinha começado a contar coisas á sobremesa, e ainda não parara. As Sampaios diziam-me tudo isto no patamar, com castiçaes nas mãos, muito vermilhinhas, com os olhinhos muito brilhantes. Lá dentro, na casa de jantar, ia uma risóta espantosa. E eu conheci logo a gargalhada cacarejada de Theodosio, o Theodosio de Bettencourt, que chegára da Ilha na terça-feira, inesperadamente, pelo *Dona Maria*, muito mal da bexiga, com uma pavorosa retenção de urinas.

—«Mas já estou bom! Já estou bom! berrava elle quando o abracei.—Esta menina teve a habilidade de me pôr bom! Teve o condão de me pôr fino!»

Esta menina—era a Tia Dulce. E eu acreditei logo, piamente. A Tia Dulce fôra sempre excelente—para a «bexiga».

—«Pois está hoje como nunca, menino! Está como nunca!» informava Theodosio, que lhe ouvia as historias desde pequeno. E aos soluços, com as lagrimas a cairem-lhe no bigóde amarelo e rálo, e a aconchegar a bacia com ambas as mãos, corria toda a casa, entrando por uma porta e saindo por outra, á procura d'uma coisa que só se podia dizer ao ouvido!

Na casa de jantar, quando entrei, estava a Tia Dulce espapaçada na poltrona de marroquim verde de cósta alta e movediça, onde o Tio Sampaio, seu irmão, pae das Sampaios, e irmão de minha Avó materna, cortira onze annos de agudas dôres rheumaticas. Para junto d'ella tinha sido puxada uma pequena mesa de xarão, de pé de gallo, tambem muito minha conhecida e invejada, onde a Tia Dulce pousava a sua chavena de chá, a sua caixa de rapé, e o seu vasto lenço de Alcobaça, sábiamente enrolado. Em frente d'ella e da mesa, sentadas em semi-circulo, e segurando nas pontas dos dedos, coruscantes de aneis, as respectivas chavenas, estavam as duas Maias, mãe e filha, a Viscondessa de Valle de Linhares, a Encarnação Meyrelles e a Prima Paulina, irmã do Theodosio. Ainda á mesa, mordendo grandes charutangas, o Visconde e o Meyrelles tinham arredado um pouco as cadeiras para não ficar de costas; de pé, atrás das Maias, o apoplético Maia e o Tenente Palha, de bigodeira hirta e oculos de oiro, entremeavam o riso de pequeninas e mui saboreadas libações d'aquella muito especial e preciosa aguardente de Andaia, que as Sampaios mandam vir da Ilha Graciosa, por intermedio de um fornecedor que só as serve a ellas, e aos Deuses!

Quando a Prima Emilinha, entrando adeante e pousando o castiçal de prata sobre o aparador, disse para a Tia Dulce:—«O' Tia Dulce, veja se o conhece!» a Tia Dulce desencostou a cabeça do espaldar da poltrona, endireitou-se um pouco, ergueu a mão pequenina e papuda, de mindinho espetado, á altura da testa, fazendo pala á

sua vista cançada, e teve uma boa e sincera exclamação de contentamento:

—«E' elle! Pois não é?! Ai, o maroto...»

E estendeu-me ambos os braços, onde eu me precipitei com regosijo e afan, embrulhado numa onda murmurejante de sedas e rendas, que desprendiam no ar um grato e raro perfume de armario de boa madeira, e de muita e saborosa antiguidade.

—«Tu ainda te lembras do Morgado de Miragaia?» perguntou-me depois, á queima-roupa, a jubilosa Tia Dulce.

Ora, se me lembrava! Estava ainda a vê-lo, escarranchado na mula preta, de fato de linho, chapéo de Panamá, guarda-sól asul, uma linda rósa ao peito, a dormir e a resonar, por aquella estrada fóra, da cidade para a quinta, da quinta para a cidade...

—«Isso mesmo, menino! Isso mesmo!» confirmava a Tia Dulce, batendo as palmas. «Pois era uma historia passada com elle, e em casa d'elle, que eu ia agora contar, quando puxáste a campainha, e a Emilinha logo disse que p'lo puxar eras tu! Mas o Theodosio?... Onde está o Theodosio?»

Não queria começar a historia sem que estivesse o Theodosio. E foi elle mesmo, Theodosio, que do corredor respondeu:

—«Aqui vou, prima, aqui vou! Deixe-me pôr decente!»

—«O Morgado de Miragaia—começou então a Tia Dulce, quando Theodosio reapareceu, mais aliviado—era ciumento como um Othelo, e teria dado com a Morgada em doida, se ella não requer tão depressa a

separação... Não havia razão alguma para aquillo, porque a rapariga, coitadinha, era uma santa; mas elle desconfiava de tudo e de todos, e da pobre mulher ainda mais que de ninguem. Só havia uma unica criatura em quem o Morgado depositava uma confiança céga: era o Manoel Horacio, o mordomo, que andava sempre atrás das criadas como galgo que cheirou lebre, e que tinha a mania de pôr casa a todas ellas com o que roubava nas rendas e colheitas!

Ainda mal começavam os primeiros calores do verão, e já o Morgado dava ordens para se arranjarem os baús e largar tudo para a quinta. A casa da Miragaia era tão boa, ou melhor, que a casa da cidade, e tinha um rico recheio de coisas antiquissimas. De maneira que só era preciso levar as roupas. A Morgada embrulhava em lençóes os seus vestidos de baile, arrumava-os nas arcas muito polvilhados de camfora, fechava tudo á chave, metia as chaves no seu saquinho de veludo, e lá ia «para o exilio» como ella mesmo dizia. No dia dos seus annos, que eram a doze de julho, fazia-se uma grande festa na quinta da Miragaia, com missa cantada, bôdo de pão e carne, corrida de bezerros no pateo, e jantar de quarenta talheres, com a Perpetua a dirigir a cozinha... Que caldo de gallinha, que cabidela de perú, e que travessas de fios d'ovos, salpicadinhas de confeitos, que aquella Perpetua fazia!... Depois do jantar, até á hora do fogo, dançava-se endiabradamente. A's onze horas em ponto, queimava-se o fogo. E ás onze e meia, meia-noite, metia-se a gente nas séges e nos carros de toldo, e abalava. O grande portão da quinta, aberto todo esse

dia de par em par, tornava a fechar-se nos gonsos ferrugentos, e o Morgado não recebia mais ninguem de ceremonia até fins de outubro, que era quando voltavam para a cidade.

A Morgada aborrecia-se infinitamente naquelle isolamento, mas ainda assim preferia isso a ter de aturar os ciumes do marido quando havia homem de fóra...

Ora, uma tarde, já muito tempo depois dos annos da Morgada, ahi por fins de agosto, ouve-se de repente um tóque de corneta militar a estrugir no silencio dos copados arvoredos de Miragaia. Seriam quatro horas, o Morgado andava na quinta, e a Morgada, na salinha do torreão, onde tinha ido procurar algum fresco, na corrente de ar das duas janelas abertas, estava sentada numa cadeira de vimes, a fazer crochet. Bastou-lhe estender um pouco o pescoço para o lado da estrada, que passava lá em baixo entre os castanheiros, e logo avistou, numa nuvem de poeira, um rancho de soldados de espingarda ao hombro e de mochila ás costas, com o corneta á frente.

E mal tivera ella tempo de perguntar a si mesma para onde iria aquella gente, quando, ao chegar ao portão da quinta, a corneta parou de tocar e a soldadesca fez alto a um berro de commando, que distintamente se ouviu no torreão da Miragaia. A Morgada teve um sobresalto e um máu presentimento. Como o marido era um grande politicão e andava sempre metido em trapalhadas de eleições, quem lhe dizia a ella que não era aquillo alguma partida dos regeneradcres que então estavam no governo?...

Nesse momento, alguem puxou com foiça a sineta do portão, a quinteira saíu de casa a correr para ir saber quem era, e a Morgada viu então um moço oficial entrar no pateo, de espada a arrastar, e dizer fosse o que fosse á quinteira, que lhe fez uma grande mesura, e voltou, noutra corridinha, com qualquer recado.

Se a Morgada não tardou em ficar tranquilisada com respeito á infundada suspeita que tivéra, o certo foi que outra viva apoquentação lhe trouxe a quinteira com o recado do airoso oficial.

O oficial era um tenente, que por ali fazia caminho com a sua força não me lembra já em que especie de diligencia. E como tinha de esperar ordens perto de Miragaia, mandava pedir alojamento ao Morgado, para o que dizia trazer comsigo o necessario boleto.

Foi-se chamar o Morgado, veio o Morgado, e não houve gentilesa de que o Morgado não usasse para com o tenente. Fizeram-se mais dois pratos para o jantar, mandou-se limpar o pó, fazer a cama, e pôr agua e toalhas no quarto das visitas.

A's cinco e meia em ponto estava o jantar na mesa, e o Morgado em pessoa foi bater á porta do quarto, onde o tenente acabava de fazer a sua toilette. Indo porém a chegar ao fim do corredor, o Morgado avistou, caído no chão, um papelinho branco, muito dobrado. Agachou-se, apanhou, desdobrou, e leu:

«Diga que sim. Adoro-a. Estou decidido a tudo...»

Não conhecia a letra. Deu-lhe um baque o coração, e pensou: «D'esta vez é certo. Ou ella já m'os pregou, ou está para m'os pregar!»

Mas, sem lhe dar tempo para pensar em mais nada, o moço oficial abria justamente nesse instante a porta do seu quarto e perfilava-se todo na frente do Morgado, pondo-se ás suas ordens.

—«Vinha chama-lo para o jantar...» disse o Morgado, desconcertado.

O tenente trazia bom apetite, e de tudo comeu com abundancia e regalo. Era um rapaz do Continente, de muito boa familia, e de maneiras distintas. Muito alegre, e falando pelos cotovelos, a respeito de tudo e de todos. A Morgada não dissimulava a satisfação que sentia em lhe mostrar que a fidalguia das Ilhas não é por nenhum modo uma coisa duvidosa, e nem por sombras se lembrava de olhar para a cara que o marido fazia durante todo o jantar, a tudo respondendo por monosilabos e pigarros. A' sobremesa veio um melão grandioso e raro, damascos preciosos e ameixas brancas, umas ameixas de um tamanho e de uma doçura como eu nunca mais tornei a saborear na minha vida desde a ultima vez que estive na quinta da Miragaia. O tenente comeu tres talhadas de melão, e entrou denodadamente pelas ameixas e damascos.

Acabado o jantar passou-se á outra sala, a Morgada dedilhou qualquer coisa no piano, e o tenente admirou sobretudo, entre as muitas e valiosas coisas antigas que lá havia, um jarrão da India, que se dizia ter sido oferta do navegador Paulo da Gama a uma remota senhora da casa de Miragaia, por quem andara apaixonado em tormentosas viajens.

Depois, a Morgada queixou-se um pouco de dôres de

cabeça, e retirou-se para os seus aposentos. O tenente agradeceu a generosidade da pousada, deu as boas noites, e foi deitar-se. Só o Morgado, embora dizendo que tambem ia fazer o mesmo, é que ficou a pé, vigilante e enfurecido.

A's dez horas da noite, tinham os criados acabado o serviço, fechado todas as portas e janelas, apagado as luzes, trepado aos quartos de cima, onde dormiam.

O Morgado nem pensara em pregar olho, e mesmo que o tivesse pensado não o teria conseguido. Estava febril, fechara-se no escriptorio, e passeava d'um lado para o outro, a todo o comprimento da sala, em chinelas, rangendo os dentes, e ora pregando murros desconexos nos moveis, ora erguendo no espaço os punhos cerrados, sufocando clamores profundos de ultrage, e de vingança!

De vez em quando, parava, sustinha a respiração, levantava muito cautelosamente o fecho da porta, punha-se de ouvido á escuta. Mas não ouvia o menor ruido! E outra vez recomeçava o passeio interminavel de tormentosa insomnia.

D'uma das vezes, porém, em que se pozera á escuta, percebera distintamente um ruído de passos do lado do salão. Depois, mais distintamente, o choque de alguem que tropeçava num movel... Depois, positivamente, um balbuciar de palavras anciosas... «Meu Deus! Se alguem ouve...» E logo um sussurro estranho, de gemidos, de pequeninos ais, de inexplicaveis hesitações, mistura misteriosa de angustia e goso, consumação inconfessavel de culpa agri-dôce, entre suspiros e recriminações...

Pé ante pé, tomado de uma tremura que o obrigava a encostar-se á parede para não caír, sentindo a cabeça em fogo e as pernas enregeladas, o Morgado saíu do escriptorio, atravessou o corredor, chegou á porta da sala... Os gemidos, após um crescendo que o Morgado acompanhava estugando os passos, tinham tombado num esmorecimento. E só se percebia, agora, no silencio do salão, um ligeiro agitar de narinas, que era como que o brando agonisar de umas azas de passarinho ferido...

Subito, num supremo esforço, a dois passos do vilipendio, o Morgado encheu-se de coragem e riscou um fosforo, d'uma caixa que procurara ás escuras numa gaveta da sua secretaria. Era uma caixa de fosforos de côr, que sobejara da festa dos annos da Morgada. E então, então, no meio d'um formidavel pasmo, e ao fundo do salão, repentinamente iluminado de vêrde como numa apoteose, o Morgado viu o tenente, em pêlo, acocorado sobre o jarrão historico do navegador Paulo da Gama, de bigodes eriçados como um diabo de magica, a espremer-se muito, e a pedir desculpa...

Porque nem sabia onde era a sentina, nem tinha achado a bacia!»

XLI

Opinião de um homem casado a respeito da rotação de alcatruzes, que os partidos militantes em Portugal descrevem em torno do eixo, já tão gasto, da publica administração:

—«Ha quem compare a politica, coisa detestavel, a

uma *nóra.* Eu tenho razões muito particulares para com mais propriedade a comparar a uma *sógra!*»

XLII

Achavam-se varios presos num calaboiço da Boa-Hora, esperando a vez de serem julgados, quando de repente um d'elles começou a gritar que lhe tinham roubado umas poucas de notas de dois mil e quinhentos.

Acudindo logo um oficial de diligencias, passou a revistar todos os presos, mandando a um que descalçasse as botas, a outro que desabotoasse o casaco, a este que tirasse a camisa, áquelle que despisse as calças, áquelle outro que desapertasse as ceroulas.

Mas não havia meio de encontrar as notas. E o outro sempre a gritar:

—«Ai, que me roubaram! Ai, que estou roubado! Ai, que roubalheira!»

—«Ó homem!—dizia-lhe o oficial de diligencias—pois vossê ainda teima que foi aqui que o roubaram?»

—«Teimo, sim senhor! Ai, que grandes ladrões! Ai, que roubalheira!»

—«Mas vossê tem a certeza de que foi cá que o roubaram?»

—«Tenho, sim senhor!»

—«E sabe quem foi?»

—«Sei, sim senhor...»

—«Então quem foi?»

—«...Foram os escrivães, meu rico senhor, foram os escrivães!»

XLIII

Dizem os jornaes que a exposição dos quadros de Columbano, na sala da redação do *Diario de Noticias*, tem atraído ali, em tardes consecutivas, um publico exclusivamente composto de tudo quanto Lisboa conta de mais distinto, elegante, e illustre, na sua sociedade. Se os jornaes não déssem os nomes das criaturas que lá têm ido, estava tudo muito bem; como é felizmente certo que ainda ha em Lisboa algumas pessoas distintas, elegantes, e illustres, podia-se imaginar que apenas se tratava d'essas, e só seria lastimavel que a concorrencia fosse tão diminuta. A' vista, porém, do ról de visitantes não póde restar a menor duvida. Sabe-se quem lá tem ido.

Lisboa possue meia duzia de pessoas que constituem, pela sua raridade, uma coisa digna de ser mostrada aos forasteiros, como se mostram aos visitantes da Suissa os ursos de Berne. São meia duzia de pessoas intelligentes, bem nascidas, bem criadas, bem educadas, de apurado gosto em tudo quanto fazem, quanto dizem, quanto vestem, e quanto lhes respeita. Pessoas que têm viajado, pessoas que têm visto mundo, familiarisadas com todos os requintes, todas as quintessencias da vida, habituadas ás intimidades maximas do bom e do bonito. São ellas que fazem a moda, são ellas que ditam a opinião, são ellas o grupo dirigente, em summa. Uma duqueza, um marquez, um ou outro conde, um artista, um literato *et c'est tout.* Não é por certo o convivio d'esses que enfada. Bem longe d'isso, regala.

A sociedade onde a gente se aborrece é outra. E' d'ahi p'ra baixo. E' a maioria do publico habitual das primeiras recitas e das decimas-quintas, das noites do Coliseo em que vão Suas Majestades, dos bazares de caridade e dos bailes de subscripção, das tardes na Rua do Oiro e dos rendez-vous da Pastelaria Marques, das batalhas de flôres e dos festivaes para tuberculosos... E' a grande concorrencia que se nota sempre nos espectaculos e salsifrés para os quaes se não fazem convites especiaes, e a que toda a gente póde ir, pagando a entrada ou pedindo uma senha. São os viscondes e baronesas de bêcos e chafarizes, os adidos de legação criados p'la Misericordia, as meninas e moças da vida elegante, os trinca-espinhas do sport, os grandes caloteiros do Nunes Correia e do Amieiro, algumas viuvas absolutamente inconsolaveis—todo o high life do *Diario Illustrado,* em summa, com as raras excepções dos que nelle figuram sem o terem pedido, nem quererem saber d'isso...

E' de vêr, então, e de ouvir, o que Lisboa conta de mais distinto, de mais elegante, e de mais illustre na sua sociedade! Como ellas vestem e como elles vestem; o que ellas dizem, e o que elles respondem; o que ellas pensam, e o que elles supôem; o que ellas mostram, e o que elles ocultam!

E' de vêr, então, como um simples e breve quarto de hora de conversa com elles e com ellas, basta para inutilisar todos os bons esforços que Beldemonio e Fialho empregaram em muitas das suas chronicas das *Viajens no Chiado* e da *Lisboa Galante* para fazerem crêr a algumas ingenuas leitoras da provincia ou da Graça

quanto a educação, de 34 para cá, tem dado aos nossos homens de refinamentos intelectuaes, e quanto as nossas mulheres desenvolvem em publico de talento scenico, espirito e graça artificiosa, todo um poema de subtilesas e sagacidades femininas!

Que porção de fantasia tem sido necessaria a esses e outros folhetinistas da nossa suposta vida elegante, para nos pintarem uma sociedade lisboeta em que as classes burguezas cultivam o gosto pelos dictames d'uma inspiração já literaria, seguem com intimo prazer as discussões que uma estatua, um quadro, ou tal peça de mobilia podem provocar, alimentam, finalmente, um entusiasmo d'arte que é marca d'uma extrema cultura!

Pobre Beldemonio! Como que estou a ouvi-lo:

—«... Chove sem descanço, não vê? A vida lisboeta aconchega-se a dentro das janelas hermeticamente fechadas, no calor amigo do *chez-soi,* d'onde a chamma alegre dos fogões expulsa a humidade e o frio. Devem ser horas de jantar. Vamos irritar um poucochinho o apetite para essa necessidade que deve ser satisfeita como uma solemnidade, após uma toilette cheia de pequeninos cuidados, que dão uma alta idéa de quanto significam na vida de Lisboa os prazeres da mesa... Com o estomago desembaraçado e a consciencia tranquila, uma flôr na botoeira, o ultimo conto de Armand Silvestre na memoria, uma colecção completa de vinhos em bellas garrafas de cristal lapidado sobre a alvura da toalha, um criado de casaca e gravata branca para servir á mesa, e a cozinha o mais longe possivel da sala de jantar, segundo o sabio preceito do Barão de Brisse...

Dê-me o seu braço, ande, venha d'ahi ás regiões olorosas do Silva. Olorosas, palavra de honra... E' o aroma das trufas, o vapor quente do borgonha amornado para desenvolver todos os seus principios aromaticos, o *fumet* da caça, e talvez, talvez! alguma pontinha de heliotropo que tenha ficado nos reposteiros, da noite passada...»

Ou então o mistificador Fialho:

—«Ah, meus amigos, que raça esta nossa de brancas mulheres flexiveis e altas, cabellos castanhos e bôcas em flécha, bellesa mais intelectual do que fisica, fundada na scintila histerica dos olhos, na esquisitice das mãos, nas fragilidades da cinta, passeando os asfaltos da nossa bella cidade, enchendo os salões, fazendo os *five o 'clock tea,* aplaudindo nos theatros, revoluteando por essas praias e estações d'aguas—com pés quasi espirituosos, dolencias de espáduas e nucas de oiro, em que parece anicharem-se colibris de beijos .. Olhem como ellas vam, por bandos e revoadas, as bellas Dianas e Lêdas, adeante das mamãs, rindo e pipiando nos peristilos, deitando o lorgnon aos rapazes com ares de duquezinhas á Brantôme...»

Como estes dois grandes marotos tiveram a habilidade de fazer a chronica a sério de Lisboa, mas por modo que, voltando-a do avêsso, podesse ella ser a mais descabelada troça d'essa mesma sociedade que a prosa de ambos enaltecia e cantava!

A vida aconchegada do *chez-soi* em Lisboa, onde é facil percorrer bairros inteiros, olhando para dentro das casas pelas janelas despidas de cortinas, sem gosar o vislumbre d'um interior bem arranjadinho, com seus mo-

veisitos de bom gosto, com seus quadrinhos graciosos alegrando as paredes, com seus tapetes e estofos bem dispostos, com seus mólhos de rosas e de cravos perfumando tudo!

O borgonha amornado dos nossos restaurantes, onde o que mais das vezes acontece é servirem-nos o jantar deploravelmente frio!

Ter uma alta idéa do que na vida de Lisboa significam os prazeres da mesa, quando a verdade é que uma grande parte da alta roda do *Illustrado* se contenta com mandar buscar o jantar ás Cozinhas Economicas, para não faltar aos *five o'clock* da Pastelaria Marques!

Querer a cozinha o mais longe possivel da sala de jantar, segundo o Barão de Brisse, e saber a gente que, muitas veses, para se não deixar de ter uma sala de visitas, se faz da propria cozinha a sala de jantar!

Vêr toda uma raça de mulheres brancas e louras, com bôcas em flécha e olhos em amendoa, deitando o lorgnon á maneira de duquezas, onde o tipo da mulher predominante na raça é justamente e naturalmente o resultante de toda uma mixordia de governadores ultramarinos, condemnados da costa d'Africa, e diplomatas enviados a Macau, com pretas de beiço caído e maminha em saco de café, ou chinêsas de olho sumido e pé metido p'ra dentro!

Mas é preciso ir, é preciso estar aonde vá e onde esteja o que esta sociedade de Lisboa tem, no dizer insistente dos jornaes, de mais distinto, elegante, e illustre; é preciso conhecer os principios d'esta gente, a educação que recebeu e transmitiu aos filhos, o que se lhes en-

sinou nas escolas, nos liceus, e nos cursos superiores; é preciso ter investigado as suas condições de penuria domestica, onde não raro sucede faltar o bastante para pagar á criada, e onde a mãe ficará a descascar ervilhas e a acender o lume, emquanto as filhas vam encontrar-se com os namoros no Rendez-vous des Gourmets; é preciso ter visto os moveis com que esta gente enche a casa, os quadros que pendura nas paredes, as bugigangas que põe nas étageres; é preciso saber que literatura ella prefere; que theatro mais a emociona, e os motivos de conversa que mais a interessam; é preciso finalmente saber como ella se alimenta, como ella se lava, como ella se veste, e como ella raciociona— para bem compreender toda a pungente ironia de que estão saturadas as chronicas espirituosas de Fialho e de Beldemonio.

XLIV

Hontem, no baile em casa dos Condes, aludindo a uma quadrilha em que aconteceu entrarem, por curiosa coincidencia, todos os membros dos corpos gerentes de uma muito conhecida Companhia concessionaria em Africa, dizia alguem ao immaculado Conselheiro:

— «Então vossa excelencia tambem entra nesta quadrilha?»

—«Tambem. Mas apenas como comissario régio!»

XLV

Por uma das reformas com que os nossos serviços

publicos são hoje mimoseados no *Diario do Governo*, passam a amanuenses todos os aspirantes que tiverem completado um anno de serviço.

Ora graças a Deus! Lá tóca a vez ao Marques, o meu amigo Marques, que ha vinte annos era—imaginem o quê? — aspirante auxiliar supra-numerario provisorio, adido ao quadro dos amanuenses da Contabilidade...

Parabens, ó menino!

XLVI

O caso raro, hoje, não é ser caricaturista. Caricaturistas ha muitos. A caricatura pode mesmo considerar-se uma fórma irresponsavel de arte. A veia do ridiculo, manifestada por meio do desenho, é trivial. João de Deus fazia a caricatura com muita felicidade. O Rei D. Luiz caricaturava algumas figuras da sua côrte com uma dóse de ridiculo, que os intimos do Paço não aplaudiam só por méra cortezia; parece que tinha realmente graça. No Visconde de Coruche, a paixão agricola aniquilou uma propensão notavel de caricaturista. Julio Mardel tem realisado caricaturas de muito exito numa pequena roda de bons apreciadores. E quem podesse recolher todos os esboços de caricatura que os alumnos das nossas aulas de desenho deixam nos tampos das carteiras, nas folhas dos livros de estudo, e nas paredes das escolas, encontraria elementos preciosos para a determinação de aproveitaveis tendencias de caricaturista.

O caso raro é atingir, pelo esforço isolado, a notoriedade da caricatura, sem a disciplina escolar de tantas outras fórmas de arte, sem o conselho de um mestre, sem a lição dos compendios—porque não ha compendios que ensinem a fazer caricatura. A arte, num sentido geral, é o modo de fazer qualquer coisa segundo certo methodo. Das artes do desenho a caricatura é a unica para a qual não existe, verdadeiramente, um methodo, desde que entendemos por methodo a ordem ou sistema a seguir no estudo ou no ensino de qualquer disciplina. Perante o corpo de preceitos e regras que dirigem o classicismo nas artes do desenho, a caricatura é uma fórma repudiada. Perante a esthetica, que é a filosofia da arte, a caricatura é uma fórma tolerada—porque toda a filosofia eleva o animo acima dos falsos preconceitos e das falsas opiniões.

E quando essa fórma atinge a graça, a finura, a subtileza, o espirito que ha no traço de Gavarni, por exemplo, a tolerancia da esthetica vae até ao ponto maximo a que chega a tolerancia d'uma moral que eleva, sobre um pedestal de admirações, a graça, a finura, a subtileza, o espirito d'uma Pompadour ou d'uma Marion Delorme.

Aquelles que se julgam artistas só porque obtiveram o diploma d'um curso academico, e porque o Estado lhes facultou os meios de residirem, durante dois ou tres annos, nos grandes centros de educação artistica, não perdoarão nunca o exito de popularidade que um artista de raça possa chegar a disfrutar, a despeito do seu desdem pelos diplomas e chancelas oficiaes, e da

sua suprema indiferença pelas reputações consagradas num meio de ignorantes, de pretenciosos e de nescios. Tal foi o caso de Raphael Bordallo Pinheiro. Tal vae sendo, acentuadamente já, o caso de Celso Herminio.

O que aflige esses antigos alumnos da Academia de Bellas Artes e antigos pensionistas do Estado em Montmartre, ávidos de nomeada, é a facil relacionação do caricaturista com o grande publico. Numa terra onde muito se fala da educação artistica do povo, mas onde se recusa ao povo a livre entrada nos museus e nas exposições de arte, e onde os melhores motivos de emoção popular, quando a arte tenta aproveitá-los, revestem a fórma de obeliscos cobertos de datas, como o Monumento dos Restauradores, ou tomam a atitude banal de generaes de Te-Deum e tribunos da Quinta da Torrinha, como a estatua do Duque da Terceira e a estatua de José Estevam; numa terra onde os pintores não conseguem fazer-se uma boa reputação sem terem de pintar o retrato de Sua Majestade El-Rei, que os agracia com o habito de S. Thiago, o retrato de um homem rico que os subsidiou no Estrangeiro, e o retrato de um jornalista que os lance nos jornaes; numa terra como a nossa, em summa, onde o artista vive mais de empenhos que de arte—não é já pequeno exito o d'aquelle que só com o seu talento, com o seu lapis, e com o seu caracter, conquista a popularidade, amordaça os despeitos dos oficiaes do seu mesmo oficio, firma sua base de vida independente e limpa.

Celso Herminio possue uma noção muito exacta da vida que tem de viver, do meio em que tem de luctar,

d'aquillo que quer conseguir. Esta excelente faculdade, que tão bem dispõe o animo a aceitar aquelle senso pratico dos que crêem que a vontade é o principio motor da existencia, vale para elle, por cada distancia a vencer entre um proposito e um fim, meio caminho andado. E nisto está, com a felicidade da sua aptidão, a simples explicação do seu renome precoce.

Illudido ainda pela idéa ingenua de que o lapis, bem adestrado na caricatura, seria sempre uma poderosa arma de combate, elle tentou as suas primeiras armas num jornal de troças violentas, que João Chagas espicaçava com incisivas rubricas. Era esse jornal o *Berro*. Dois ou tres numeros mais descabelados foram recolhidos pela policia. Celso Herminio ignorava que a unica coisa que, em Portugal, se consegue aos berros, é que nos tapem a bôca com algum subsidio ou com algum emprego. Receiando que o nomeassem 2.º oficial ou lhe estabelecessem uma verba pelos cofres do Governo Civil, pensou que o melhor que tinha a fazer era evadir-se. E fugiu para o Brazil.

Passados tempos, de volta a Portugal, atingido esse momento da vida em que a propria experiencia nos concede a amnistia de todos os erros da juventude, elle appareceu-nos então embebido de uma outra seiva, animado de um outro enthusiasmo, agitado de uma outra crença.

Elle podera ver o seu paiz de longe, que era a maneira de o poder ver melhor. Elle podera ter a saudade do seu paiz, que era a melhor prova de que realmente o amava. E foi assim que, na volta, elle começou a ver,

com olhos de ver, a sua terra, a gente da sua terra, e as coisas da sua terra.

Em tudo aquillo onde d'antes só encontrara banalidade e motivos corriqueiros, elle começou a entrevêr pontos e traços de originalidade. O seu primeiro passo de audacia fê-lo elle no dia em que, procurando uma nova expressão da bonacheirice nacional, encontrou o seu Burguez, que não era outro senão o José Povinho encontrado por Bordallo, mas tão diferente, tão mudado, tão alterado na sua primitiva fórma, que bem podia considerar-se uma outra criação. Não era já o José Povinho da albarda e da Carta, corrompido pela eleição, manietado pelo clero, espadeirado pela policia, esfolado pelos escrivães de fazenda, eterna victima e eterno comentador da comedia politica, compadre obrigado de todas as revistas do anno, tipo e involucro de toda a molesa, de toda a paciencia, de todo o deslexio e de todo o não-te-rales nacional. Era o José Povinho que atirara a albarda ao ar, que queria o voto livre, que soltava gritos subversivos á passagem do Chefe do Estado, que punha na rua a revolução, que apedrejava as janelas dos ministros, que fazia greves, que desmanchava procissões, que protestava contra a Inglaterra, que deitava o fogo ás recebedorias e apedrejava a policia, a guarda municipal, e os padres... Era o José Povinho que acordara um dia, mas que acordara de um sonho de ambições, precisamente no momento em que, ao redor d'elle, uma multidão de flibusteiros mais se encarniçavam na lucta do dinheiro, assaltando os cofres do Estado, dos Bancos, e das Companhias, fabri-

cando moeda falsa, pondo em almoeda as Colonias—e que julgara esse o momento azado para tambem converter em realidade o seu sonho, enriquecendo á pressa.

Celso Herminio surpreendeu então o seu José Povinho no dia em que elle, tendo deixado de ser tolo, e tendo feito como os outros, appareceu na Rua dos Capellistas de sobrecasaca e de chapeu alto, de botões d'oiro no peitilho, de suissas *à la Financière,* e de anneis de brilhantes—comendador de Nossa Senhora da Conceição, irmão do Santissimo, comissario regio, director da Associação dos Lojistas, amigo do Governo, portador de titulos da Divida Publica, sustentaculo do Throno, e grande propugnador da nossa alliança com a Inglaterra... Foi um verdadeiro achado.

A sua vocação de caricaturista acentua-se agora dia a dia, com vivesa e originalidade. O seu intenso espirito de observação cada dia lhe fornece uma nova minucia, com que elle vae acrescentando, completando, aperfeiçoando o estudo dos seus tipos, até chegar a obter para cada um d'elles—como direi?—a inteira psicologia do grotesco.

XLVII

A quantos pedidos e interpelações lhe fazem nas duas casas do Parlamento, o Governo responde, invariavelmente, ou que a oportunidade não é boa para discutir o assumpto, ou que vae informar-se para depois tomar as providencias indicadas pelas circumstancias.

Nos intervalos, são mandados para a mesa alguns avisos prévios. E mais nada.

Afinal de contas, como já não ha subsidio aos deputados, não pode tambem haver razão de queixa. E' um parlamento que nos sae tão barato como uma ditadura!

XLVIII

Os actores do Theatro D. Amelia, querendo dar uma publica prova da boa união que reina entre elles, mandam construir um jazigo para seu uso commum.

Seguindo este exemplo de amigos até na morte, actores de outros theatros tomam a iniciativa de outras instituições de mutuo interesse.

Assim, os de D. Maria II pensam constituir-se definitivamente em albergue nocturno.

Os da Trindade andam tratando de organisar um dispensario para tratamento das suas coristas.

Os da Rua dos Condes vam abrir uma róda destinada a receber os filhos das figurantes.

Os do Rato resolveram fundar uma cozinha economica.

Os do Gimnasio começaram já a contribuir para um mealheiro destinado a socorrer o emprezario, quando o tenham arruinado de todo.

XLIX

Fala-se da obra de Garrett na presença do Marquez de Franco:

—«Conhece a *Joanninha dos olhos verdes*, ó Marquez?» pergunta-lhe um dos do grupo.

E o Marquez, sorrindo, e repenicando com os dedos sobre o lado do coração:

—«Já cá canta!»

L

Naquella noite Salustio, Salustio deputado da Nação, sentia-se excelentemente disposto. Tinha jantado com grande apetite, fumara regaladamente o seu charuto de tostão, concertara o plastron e refizera a risca do cabelo, ensopara o lenço em essencias.

—«Até logo, meu amor...»

—«Até logo...»

Ella entristecera ao assado, quando Salustio lhe disse que voltava para as Camaras, onde havia sessão nocturna.

—«Ora! ha tantos que lá não vam...»

—«Mas se todos fizessem o mesmo, vês tu? nunca poderia haver numero!»

Depois, ella bem via a carta que o Hintze lhe tinha escripto, pedindo que não faltasse. Ia votar-se o orçamento da Guerra, nessa noite. Se não houvesse numero, seria um fiasco.

Ella acabara por se mostrar conformada, perguntando-lhe apenas, á saída, se a sessão acabaria muito tarde.

—«Não, não deve acabar muito tarde. Ahi pela meia noite...»

E ao chôcho que elle lhe dera, ella correspondera com outro rico chôcho.

—«Joaquina!»

—«Minha senhora...»

—«Traga a minha capa de peles e a mantilha preta.»

—«Sim, minha senhora.»

Um pouco mais de pó de arroz na face afogueada, mais um pouco de ferro nos frisos do cabelo, e já lá vae meia hora que Salustio partiu.

—«Joaquina!»

—«Minha senhora...»

—«Vá ali ao Largo de Camões chamar um coupé, depressa. Ouviu?»

—«Ouvi, sim, minha senhora...»

—«Joaquina!»

—«Meu senhor...»

—«Onde está a senhora?»

—«A senhora saíu.»

Meia noite e um quarto.

Pára uma carruagem. Dois toques de campainha na porta. E' para o segundo andar. Deve ser a senhora. Aflição de Joaquina.

—«Minha senhora, minha senhora...»

—«O que é? o que aconteceu?»

—«O senhor já voltou... Está que nem uma bicha!»

Ella, deitando-lhe os braços ao pescoço:

—«Salustio! Perdôa-me... Juro que nunca mais torno a desconfiar de ti. Mas que queres... Amo-te tanto, quero-te tanto, sou tão ciumenta... Não te acre-

ditei, não resisti, e fui eu mesmo ás Camaras, certificar-me... Depois de lá estar, gostei, e fiquei até ao fim...»

Salustio, apertando-a nos braços, pousando-lhe um beijo nos cabelos:

—«Paulina!»

—«Salustio!»

Todos os jornaes da manhã, na manhã seguinte:

BOLETIM PARLAMENTAR

Camara dos Deputados

Sessão nocturna. Presidencia do Sr. Matheus de Azevedo. Secretarios os Srs. Motta Veiga e Mendes Leal. A's 8 e meia faz-se a chamada. Verifica-se estarem presentes apenas 25 senhores deputados. O Presidente declara que, por falta de numero, não póde haver sessão.

LI

—«Comandante...»

—«Diga!»

—«A que horas poderemos nós desembarcar ámanhã em São Miguel?»

—«Se Deus quizer, ás sete.»

Se Deus quizesse... O Comandante era tambem açoriano. A bordo do *Açôr*, nessa viajem de agosto, eramos todos açorianos—tripulantes e passageiros. Foi o proprio Comandante quem deu por isso, uma vez ao almoço. Conhecia-nos a todos, de terra, ou de outras

viajens; sabia de que ilha eramos e de quem eramos filhos. Tinha andado na escola com o pae d'este; andara embarcado para a America com o irmão d'aquelle; fôra grumete numa balieira do avô d'um outro.

Os dias que durou essa viajem, e que a outros teriam, talvez, parecido interminaveis, foram para nós breves e amaveis. A marcha lenta do navio e as condições estreitas da acomodação a bordo, que causariam o enfado de quem houvesse viajado já nos grandes transatlanticos, eram compensadas, para nós, pela cordealidade e alegria das relações entre os passageiros e tripulantes do *Açôr*.

Desde o segundo dia, já ninguem enjoava, o apetite mantinha-se numa excelente afinação, e a conversa só era intercortada pelo toque da sonora campainha que nos chamava para a mesa, como se tocasse para uma festa.

Nos largos intervalos do almoço ao jantar, e do jantar ao chá das oito horas, além de muita conversa, jogava-se, tocava-se viola, e cantava-se.

... Mas havia alguem, entre os poucos passageiros da 3.ª classe, que o Comandante não conhecia. Era um homem velho, de barbas brancas e longas, que lhe caíam sobre o peito e se espalhavam ao vento, quando o viamos subir ao castelo da prôa, onde passava horas esquecidas, cruzando os braços, fitando o olhar na immensidade das aguas. Tinha esse velho em si alguma coisa de sonho e de fatidico, na belleza estranha das suas barbas, na recolhida imponencia das suas atitu des. Desde o primeiro dia de viajem que elle desper-

tara a nossa curiosidade, quando já de todo se desvanecera e fundira no azul da tarde a linha do Continente, no isolamento infinito do céo e do mar.

Quando acabámos o almoço e subimos ao tombadilho, e fomos buscar as nossas cadeiras de vimes para junto da pequenina sala, onde as senhoras repousavam dos sobresaltos do enjôo, o Comandante mandou a um marinheiro que fôsse chamar á prôa o passageiro desconhecido, e na presença de nós todos o interrogou:

—«Vossemecê quem é?»

—«Manoel de Jesus, um seu criado...» respondia o velho, perfilado, e de cabeça descoberta.

—«Tambem é dos Açôres?»

—«Saiba vossa senhoria que não, mas é como se fôsse... Eu nasci no Brazil, e vim cá para as ilhas ainda muito novo, enfeitiçado por uns olhos que nunca mais me deixaram, até ao dia em que eu mesmo lhes cerrei as palpebras, para que a terra, que havia de comê-los, os não comesse abertos e lindos como elles eram... Mas lá o ter nascido brazileiro não quer dizer que a minha terra não seja Santa Maria, pois sempre ouvi dizer que a terra que nos fez felizes é que é a nossa terra.»

—«E d'onde vem?»

—«Venho do Brazil. Ha quinze annos que tinha voltado para lá. Dois filhos que tive me morreram. Morreu-me a mulher. Não me ficava parente vivo, e eu mesmo nem sei como não morri de tristeza... Agora, que me sinto com os pés p'ra cova e só a cova me resta, quero vêr se ainda tenho força de a abrir na terra onde tenho os filhos e onde enterrei a mulher...»

Têm as ilhas dos Açôres este condão: quem açoriano nasce, açoriano morre; e quem, não o sendo, alguma vez lá foi, taes laços de misterioso afecto o cingem docemente, e tão dôcemente o prendem ao encanto d'aquellas terras, que a propria terra renega, e açoriano se torna!

D'um somno só, como d'um só trago, tinha eu dormido essa noite, desde que me metera no beliche, até que alguem viera despertar-me, batendo á porta:

—«Entre, quem é!»

Era Mendo Bem, lavado e fresco como uma alface, vestido e prompto, desmentindo o proverbio de que nem por muito madrugar se amanhece mais cedo. Já tinha estado na tolda, já enchera num bom hausto a caixa de ar, já avistara terra!

—«Venha d'ahi, seu incorrigivel mandrião! dizia-me elle. Vossê nem já parece ilhéo! Toda a gente lá em cima, e elle ainda aqui, metido na cama, ás seis horas da manhã!»

—«O' homem de Deus, espere! Espere, que eu já lá vou tambem... Vossê imagina que descobriu São Miguel? para se pôr a gritar d'essa maneira, como se fôsse o gageiro do Comendador d'Almourol...

— **Terra, terra — alegre brada**
da erguida gavea o gageiro!»

Ergui-me d'um salto, e caí a fundo na bacia da cara. Refresquei-me, ensaboei-me, aprumptei-me em dois minutos, trepei ao tombadilho.

Mendo Bem não me faltara á verdade. Já lá estavam todos. Era eu o ultimo. Encheram-me de troças. Tive que desfazer-me em desculpas.

—«Pois apezar de tudo, diziam-me, este diabo é tão feliz, que chega mesmo no momento em que o espectaculo atinge o seu maior esplendor!»

E assim devia ser, porque nunca os meus olhos haviam presenceado, como nesse instante, do meio do mar, a plena magnificencia do sol illuminando a terra. As brumas indecisas, ou fugiam para o alto e se enrolavam em turbante no cabeço das serras, ou se abatiam e rastejavam na falda das montanhas, misturando-se e desfazendo-se com as ondas que quebravam nos rochedos. No espaço, agora livre das cambiantes cinzentas, a terra, enlanguescida, revolvia-se, espreguiçava-se no leito fôfo dos musgos, entre as rendas subtis dos seus lençóes de espumas, oferecendo ao beijo do sol o dorso aveludado... A orchestra da manhã rompia então, docemente, a simfonia magica do verde, em que o *alegro* canta a vida das pastagens, o *andante* acompanha a frutificação dos pomares, o *scherzo* explica a exuberancia dos jardins, e em que o *final* engloba, frondosos e balsamicos, os arvoredos dos montes!

Mas já a musica não basta para traduzir em harmonias as transições do verde, que ora vibra em tons claros de laranjaes floridos, ora se afunda nas notas baixas do arvoredo dos valles, ora brinca nos trémulos dos fétos de mil especies.

Não sei eu bem se o pincel e as tintas poderiam copiar na téla as opulencias de côr, que ora acentúa os

planos, ora modifica as perspectivas, ora contorna, em dôces esbatidos, a curva das cumieiras.

Nem a palavra possue encantos e artificios que dar possam, no tropo ou na imagem, as sensações d'esse verde, que ora se desdobra em tapetes de matos e de arbustos, ora se alastra e se enlaça em trepadeiras e rosaceas, ora se dobra e se adelgaça em vimes e canaviaes...

Das brumas do Oceano, a Ilha emerge agora na plena e serena pujança da sua fertilidade, nas atitudes fantasiosas dos seus caprichos vulcanicos, nos requebros e donaires do seu corpo de odalisca, «nenufar do Atlantico», desabrochando no espaço a corola de basalto. Já se define inteiramente a linha da paisagem; já os aspectos da costa se acentúam nos macios relevos da vegetação; já as fragrancias vagas de flôres e frutos perfumam as virações da terra.

E sobre o verde motivo da primeira simfonia, vibram então as variações intensas do vermelho ardente das rochas plutonicas, do almagre e sépia dos mineraes requeimados.

Para trás de nós vam ficando já os mais altos montes e outeiros—o pico da Vara, a serra da Agua de Pau, as montanhas que circumdam o Valle das Furnas e o Valle das Sete Cidades—guindando-se do centro para as extremidades da Ilha, em diferenças de altitude que vam de trezentos metros a mil e duzentos metros. Dobrada a Ponta do Sol, dir-se-ia que a marcha do *Açôr* de subito se acelera, e que os movimentos da sua machina se compassam, agora, pelas mais agitadas pulsações

do nosso coração. Risonha, ingenua, cantante, arregaçando com graça o seu fresco vestido côr de rosa e branco, engrinaldada de hortencias, trazendo no regaço a colheita de frutos em que andava quando nos viu ao longe, a cidade corre pela encosta, galga a enseada, chega veloz ao nosso encontro numa revoada de garça, estende-nos os braços, caimos-lhe nos braços... E nesta manhã perfumada e orvalhada de verão, como na fabula de Pan, a nossa propria existencia se confunde por momentos com a existencia d'ella...

Apertamos a mão ao Comandante, dizemos adeus á mais gente de bordo, e o botesinho branco, debruado de azul, aproando a terra, bem picado de remos, distancia-nos depressa do *Açôr*.

Nesta manhã, o movimento do porto é desusado. A doca, coalhada de navios, lembra-me um trecho de Rotterdam. O mar, que tantas vezes galga os muros de abrigo, em ondas impetuosas e grandes como montanhas desfeitas em espumas, destruindo numa hora o trabalho de muitos annos, desviando os caes, arrastando as alvenarias, fazendo estalar os enrocamentos, fendendo os mólhes, removendo como cascalho toneladas de pedra, e levando por agua abaixo tantos esforços, tantas esperanças, tantos sacrificios, com que os habitantes da Ilha contribuiram para a construção d'aquelle abrigo—o mar, nesta manhã, não se agita mais que uma ceara ondúlando ao sopro acariciador de uma viração.

O desembarque no pequeno caes, onde os barqueiros vestidos de linho grosso e lavado, e largo chapéo de pa-

lha, oferecem ás senhoras a forte mão cabeluda, para que saltem do barco, pondo tanta gentileza nesse movimento como se lhes estendessem a ponta dos dedos para um menuete; a passagem sob a arcada por onde se entra na cidade, e a entrada na cidade; o encontro das primeiras pessoas conhecidas, a anciedade dos que esperam noticias, a alegria, a saude, o bem-estar, a confiança que logo se lê, á primeira vista, na fisionomia de toda esta boa gente do povo e da burguezia, que enche as ruas estreitas do centro da cidade, em volta da casa da Camara e da Matriz—são as primeiras impressões risonhas da chegada.

Procura-se depois um hotel, e não ha hotel. Porque não ha hoteis, nos Açores. Diz-se que ha, mas não ha. Aquillo a que os açorianos chamam—um hotel—é o seio de uma familia onde se é recebido por uma prova de es tima. Não ha hospedagem: ha hospitalidade. Os donos d'essas casas, onde se encontra o afecto que poderia merecer um parente bem chegado, não exercem uma industria: praticam uma acção benemerita. O que se lhes paga de pensão não é mais que um pretexto de que elles se servem para que o hospede, quando se fôr embora, não imagine que ficou a dever-lhes um favor.

Não ha nestas terras exemplo de hospedeiro que tenha podido retirar-se de seu negocio com uma fatia de pão e uma laranja bem garantidas para o resto da vida. E nem o pão é caro, nem as laranjas, por cá, são poucas! Eu conheci o proprietario de um d'estes hoteis, que era amanuense da Junta Geral, e fazia a escripta de uma loja de mercador, aos serões—para sustentar os hospedes!

Nestas excelentes e desusadas condições de hospitalidade, compreende-se que não possa haver razão de queixa quando a maciesa dos colchões deixe um pouco a desejar, e o menú das refeições não exceda muito em acepipes, nos dias de carne, a sopa de lentilhas, a garoupa cosida e o arroz de lapas, que são a base solida da alimentação ilhôa em dias de jejum. Contenta-se a gente com o que ha, e dá graças a Deus.

E' o que eu faço durante os poucos dias que passo na cidade alegre de Ponta Delgada, antes de me enveredar pelo caminho misterioso do Valle das Furnas.

Eu já tinha desembarcado em São Miguel por quatro ou cinco vezes, mas sempre sem demora. Emquanto o vapor metia carga, ia-se dar uma volta na cidade, entrava-se no mercado para comprar e comer fruta bem fresca, vizitava-se um amigo, descançava-se um pouco á sombra d'uma arvore, e voltava-se para bordo ao entardecer. Tinha-se feito uma leve idéa do que a cidade era, olhando de fugida os tipos e os costumes, e tanto bastava para se ficar supondo que muito felizes deviam ser os habitantes de uma tão serena e galante nesga da terra. Ao caír da noite espessa, o vapor levantava ferro, as luzes das ruas e das casas esmoreciam na tréva, tudo se apagava na distancia. E adeus Ilha!

D'esta vez, porém, o vapor seguira viajem, e deixava-me em terra por uns quinze dias.

Que os habitantes da Ilha deviam ser felizes, já eu supozera; que o eram, já mais de um m'o tinha dito. Faltava-me saber agora em que consistia essa felicidade; e como o tempo me sobejasse, em vez de julgar por

informações, quiz eu mesmo observar e deduzir. Nisso ganhei por dois lados: porque fiquei sabendo o que desejava saber, e me senti feliz da felicidade d'elles.

Uma primeira condição, essencial, da vida açoriana, bem expressa nos factos, nas coisas e nas pessoas, facilitava-me a tarefa: é que nos Açores as aparencias não enganam. O que se vê é o que é. Pão, pão; queijo, queijo!

A frontaria das casas corresponde, invariavelmente, ao semblante dos individuos. E como os individuos são, em geral, d'uma grande jovialidade, as casas são, quasi todas, caiádas de branco, ou côr de rosa. Tudo quanto se passa na alma de um ilhéo se lhe lê nos olhos, como tudo quanto se passa em sua casa se pode ver pelas janelas. Elle nem conhece dissimulações, nem gosta de cortinas. E tanto arregala os olhos para que a verdade entre por elles, como escancára as vidraças para que o sol entre por ellas.

Ao seu caracter corresponde, com muita exactidão, o estilo da sua propria architectura, muito regular e muito simples, e que na sua primeira maneira se encontra na ornamentação da fachada das egrejas, nas obras de talha e de ferro forjado, nos moveis e nos canteiros dos jardins. E como o seu caracter não admite complicações nem embustes, o seu estilo limita-se a muito poucos ornatos.

Não ha grandes monumentos, nem edificios grandiosos. Não ha museus de arte, nem ruinas romanticas. Não ha estatuas, nem ha quadros de autores celebres. Tudo quanto não seja natureza ou obra da natureza é bem pouco, e depressa se vê.

Em São Miguel, por exemplo, vista uma egreja, tem-se visto todas. Todas ellas têm a fachada semelhante, as mesmas portas manuelinas, os mesmos altos relevos em tufo basaltico, os mesmos tetos abaúlados e caiádos, as mesmas capelas lateraes, a mesma torre graciosa, isolada e direita, com a sua pequenina balaustrada em volta, as mesmas rotulas e janelas pintadas de verde, como nas edificações tipicas de Dresde.

O que pode levar-nos a correr todas essas egrejas, fóra do tempo santo da Quaresma, em que só por devoção se costuma fazer tal correria nas cidades, é uma ou outra rara peça de arte, que quasi sempre não vale a perda do tempo de a ver, e que melhor aproveitado seria em subir mais uma vez a colina da Mãe de Deus, que domina inteiramente a cidade, toda disposta em amfiteatro: a leste, muito ao longe, a ponta da Galera e a serra da Agua de Pau, mil e treze metros acima do nivel do mar; a villa da Lagôa, a enseada, o areal e o ilhéo de Rasto de Cão; a casaria, os jardins, as estufas de ananazes, as chaminés das fabricas; a oeste, o porto de abrigo, o castelo historico de São Braz, outras colinas revestidas de batataes, de milharaes, de pastos; a Avenida da Liberdade, a verdadeira, a constitucional, rasgada no mesmo ponto da Ilha onde D. Pedro passou em revista os seus sete mil e quinhentos bravos, e ouviu a missa campal d'esse bello dia; a nordeste, a povoação risonha da Fajã de Baixo, e, entrevistos apenas, os Arrifes... E tudo emoldurado na incomparavel vegetação luxuriante d'essas espaldas e planicies que respondem a toda a semente, entre rumores de folhagens,

brizas olorosas, cantos de passaros, e o eterno sussurro das aguas verdes do mar!

O grande encanto da vida das cídades açorianas consiste, principalmente, no convivio da sua gente, e na doce paz infinita dos seus lares. Tudo é amavel, carinhoso e tranquilo. Tudo impregnado d'uma egual atmosfera de bem estar, de segurança, de cordealidade. As ruas, pouco espaçosas, aconchegadas quasi todas ellas em torno de alguma egreja, correndo ao longo do velho muro da cêrca de algum convento, ou recebendo a sombra das arvores de algum jardim, que sobre ella se debruçam — têm designações delicadas, amigas e comesinhas, todas recordando com ingenuidade coisas simples e galantes, invocando a graça de santos e poetas, avivando a memoria de lendas e de glorias. Em Ponta Delgada, por exemplo, ha a Rua da Agua, a Rua da Arquinha, a Travessa do Pavão, a Rua da Esperança, a Rua Formosa; ou a Rua de Margarida de Chaves, que foi canonisada, ou o Largo de Anthero de Quental, o poeta, o grande poeta de Portugal.

Em muitas d'estas ruas, a erva cresce nos intersticios da calçada, cobrindo o chão de um tapete verde, salpicado de malmequeres miudinhos. Noutras, os passeios, que não têm mais de dois ou tres pés de largo, acabam subitamente onde uma casa se desvia do alinhamento.

Quando chove, não ha lama, porque a enxurrada das aguas tudo limpa, e corre para o mar, deixando as pedras das ruas tão frescas, e tão polidas, como um asfalto de cozinha hollandêsa. De lixo nem um atomo; de porcaria, nem uma molecula. Cada casa tem seu

quintal, ou seu pedaço de quintal, e cada quintal, ou cada pedaço de quintal, sua estrumeira. Para a estrumeira vae tudo quanto, em muitas ruas de Lisboa, se atira para a rua e para cima de quem passa. Em qualquer das Ilhas dos Açores, a creada leviana que algum dia se atrevesse a sacudir para o caminho as migalhas d'uma toalha de meza, teria provocado uma desordem; se essa mesma creada, reincidindo, ousasse atirar para o meio da calçada uma tripa de peixe, teria posto a cidade em estado de sitio. O pelouro da limpeza, nas municipalidades açorianas, é uma utopia!

Não ha cartazes nas paredes. Os editaes, colados nas esquinas ou á porta dos templos, são arrancados pontualmente no dia em que cessou o praso da sua validade, sem que d'elles fique sequer o vestigio d'uma obreia.

O comercio faz-se sem reclame, sem armadilhas e sem má-fé. As lojas são, em geral, mais que modestas; raras aquellas que ostentam alguma inovação luxuosa; poucas as que têm vitrinas ou mostruarios á porta. Cada estabelecimento tem a sua tradição, a sua fama e o seu credito, Assim, na minha ilha, toda a gente sabe que quem vende o melhor pano é o Bento Fartura; que quem vende o melhor chá é o velho Gaiato; que quem vende os melhores pasteis é o Francisquinho das Flores. Cada um d'estes honrados commerciantes abre a porta da sua loja ás sete horas da manhã, põe-se ao balcão, e espera os seus freguezes. Quando o relogio da Sé bate as nove horas compassadas da noite, cada um fecha outra vez a sua loja, recolhe a sua casa, mete-se na sua cama, pega regaladamente no seu somno.

Os ilhéos dos Açores encontraram a verdadeira receita da alegria de viver. E' uma receita facil, mas para que se chegue a saber avia-la é necessario estar com elles, conviver com elles, aprender com elles. O ilhéo não é ambicioso; contenta-se sempre com o que tem, não inveja o que pertence ao proximo. Elle regula toda a sua vida por uma obediencia exacta aos mandamentos da lei de Deus. E' bom, é sobrio, é razoavel.

A sua felicidade tem o seu segredo, mas é um segredo que elle não guarda, segredo em que póde entrar quem quizer, como no segredo de Polichinelo. O segredo está nisto: é que elle ama Deus sobre todas as coisas e o proximo como a si mesmo.

A idéa que o ilhéo faz de Deus é uma idéa clara, grande e simples. A sua existencia é uma coisa positiva, indiscutivel, eterna. Pódem dizer o que quizerem para lhe provar o contrario; não chegarão a convencê-lo. Deus é a infinita bondade; e acreditando que o homem foi creado á sua imagem e semelhança, o ilhéo entende que o seu dever é tornar-se bom quanto possivel, para melhor se aproximar de Deus. D'isto resulta o encanto ingenuo da vida açoriana, e da bondosa, franca e communicativa indole das populações ilhôas...

Quer-se uma paisagem inteiramente nova, absolutamente diferente de tudo quanto conhecem os que já percorreram as pequeninas aldeias incrustadas no Piemonte ou na Lombardia? Vamos ás Sete Cidades, onde a aldeia repousa sobre um immenso lago, bi-partido em aguas que d'um lado são azues como o céo do Mediter-

raneo, e verdes, do outro lado, como os infinitos e frescos *polders* da Hollanda.

Quer-se maior surpreza, procura-se alguma coisa que não lembre já a Suissa, nem o Piemonte, nem a Lombardia; alguma coisa de inteiramente novo, alguma coisa que vá muito além de tudo quanto se houvesse imaginado de mais grandioso, de mais bello, de mais imponente nos espectaculos incomparaveis da natureza prodiga, amavel, caprichosa. Tem-se o Valle das Furnas.

Originado pela acção do fogo subterraneo e da agua atmosferica, o Valle das Furnas desdobra-se em opulencias de vegetação, entre cordilheiras revestidas de florestas, num vasto solo fendido de mil nascentes de agua em ebulição, enchendo a atmosfera de vapores aquosos e vapores de enxofre sublimado, que cristalisa nas bordas de ribeiras murmurejantes.

De onde em onde, uma caldeira palpitante, escancarando para o céo as fauces infernaes, soltando rugidos fundos e roucos de leôa exasperada, baba-se em lodo e em espumas, lança ao ar o sopro forte das narinas, sugere bem, como na caldeira de Pero Botelho, a idéa de um respiradouro do Diabo, mal sufocado nas profundezas dos infernos. Quando a humidade do ar é muita, o fumo d'estas furnas pouco sóbe, enovela-se em redor, e mais avigora o ruido subterraneo das crateras.

Perto e longe, aqui e além, á superficie de todo este sólo, pequeninas covas vulcanicas ora fecham, ora dilatam a graciosa cratera, e sente-se o chão tremer, e adivinha-se o perigo de pisar a côdea d'aquelle terreno, que bem poderá fender-se por baixo dos nossos pés, e engu-

lir-nos, e sorver-nos, no momento em que, amortecida já a sensação do perigo, nos embevecemos na sensação estranha da paisagem.

A' vizinhança dos vulcões vêm juntar-se, e perder-se na mistura dos gazes que sulfuram a atmosfera, os odores balsamicos dos pinheíros erguidos a distancia, cobrindo as culminancias do Pico do Gafanhoto, do Pico do Canario, do Salto do Cavallo... A' suavidade e tepidez do clima, á estranha configuração do sólo, á exuberancia das aguas que brotam a todas as temperaturas, corresponde a riqueza da flora, que é a de todas as regiões do globo, a profusão das flôres, a originalidade da paisagem...

Tantos annos passados, depois que me separara da minha querida Angra, eu só ia encontrar nella, agora, a bem dizer, coisas novas, aspectos novos e novas sensações. Deixara-a, quando ainda o entendimento, mal formado, me não consentia reparo demorado nos seus encantos de cidade antiga, irmã mais velha das cidades do Archipelago, tão graciosamente acidentada e cheia de alcantis, tão donairosa de traça e de estrutura— embora muito me enleassem e me prendessem a ella as bellas historias de navegadores, donatarios e guerreiros, que ella me contava, e com que tanta vez me embalara, me adormecera, e docemente me lançara em sonhos.

A cidade, que eu vinha encontrar agora, era bem a mesma que deixara muito novo ainda, prolongando até ao fundo do mar as suas mesmas muralhas, erguendo quasi até ao céo os seus mesmos minaretes, recortando

no azul os mesmos bastiões e as mesmas torres musgosas do seu famoso castelo.

Desembarcado, pisando outra vez a terra onde ensaiara os meus primeiros passos, percorrendo as suas mesmas ruas, cortando pelas mesmas travessas, procurando a sombra das mesmas arvores, eu ia reconhecendo, palmo a palmo, esse mesmo solo; ia contando, uma a uma, as mesmas pedras da calçada; ia abraçando, com infinito prazer, os mesmos patricios que encontrava ás mesmas portas; ia saudando, com enternecimento, as mesmas singelas creaturas que assomavam, em riso, ás janelas das mesmas casas.

Mas tudo isto tinha agora para mim um diverso sabor, tudo me sorria agora de um outro modo, tudo me distraía os olhos e me entretinha o espirito num maior enleio, que eu não sabia explicar, que eu não procurava mesmo explicar, mas que muito me impressionava, muito docemente me prendia á terra e á gente.

As coisas mais simples interessavam a minha atenção; as criaturas mais modestas avivavam o meu afecto. A cada passo, e em passo de procissão, me detinha para olhar fosse o que fosse: o primitivo letreiro de uma rua, o brazão de uma velha casa, o ferrolho de uma porta, a rotula de uma janela, o nicho de um santo, os restos de um azulejo, o recorte de um telhado... Depois, os antigos conhecimentos, os parentes, os companheiros da escola, os camaradas de bons tempos, já brancos uns, que tão loiros eram, outros casados e rodeados de filhos, muitos ausentes, mortos, emigrados, na America, no Brazil, na eternidade!

Parecia já não ter fim a travessia da cidade nesse dia de chegada. Subindo a Rua Direita até á Praça Velha, tinha-se gasto uma hora. Nunca uma linha recta foi distancia tão longa entre dois pontos. Se eu, em vez de fiar-me na geometria, houvesse dado a volta pela Muralha, galgasse as escadas do Portinho Novo, e trepasse á Rocha, teria descripto uma curva muito sinuosa, mas estaria em casa em menos de um quarto de hora. Assim, só Deus sabia a que horas eu lá iria chegar!

Depois da Rua Direita, vinha a Rua da Sé—a grande arteria da cidade; e o seu cantante bulicio d'essa manhã de domingo eu não o teria trocado nem pelo ruidoso movimento do Boulevard dos Italianos, nem pela festiva agitação da Puerta del Sol, nem pelo pitoresco vae-vem da Kalverstraat, nem pela decantada alegria do Corso.

Numa extensa fila ao longo do passeio, alinhavam-se ao sol os carros de bois e as pequeninas carroças de um cavalo só, que tinham vindo dos campos, da Ribeirinha e da Agualva, dos Altares e dos Biscoitos, a encher a cidade de jovialissimos ranchos de rapazes e raparigas, velhos e velhas, vestindo as suas roupas melhores, estreiando carapuças e lenços de ramagens; os homens descalços, em mangas de camisa e a jaqueta ao hombro —a camisa de linho grosso, alvinitente, abotoadura dupla de filigrana de oiro, e a jaqueta de pano fino, côr de castanha ou preto; as mulheres com sua galocha de marroquim vermelho, azul, verde, amarelo, saia branca bordada por suas proprias mãos, saia de lã tecida em seu tear, e o casaquinho singelo, cortado a direito e sem feitio de cintura, de casimira preta, orlado de espiguilha.

Contrastando com esta louçania da população endomingada dos campos, descia a rua, do lado da sombra, encaminhando-se para a missa das dez na Misericordia, o formigueiro das devotas da cidade, de manto e de capote—o *manto,* que se compõe de saia e capelo de merino preto, a saia de grande roda, franzida em muitas e miudinhas prégas á volta da cintura, com largo refego em baixo, e o capelo tambem franzido e atado sobre o cós da saia, a frente aberta e recobrindo a cabeça á maneira de telheiro, que um forro de cartão sustenta e torna flexivel, permitindo que quem o veste, e nelle se embioca, possa dar fé de tudo quanto se passa cá fóra, sem que ninguem, cá de fóra, possa saber quem é que lá vae dentro; o *capote,* quasi sempre feito de baeta escura, côr de café bem torrado, larga capa franzida no pescoço, desprendendo sobre os hombros o amplo cabeção, e aconchegando á cabeça o desconforme capuz, que não esconde o rosto, e á farta cae pelas costas...

Ainda o sino da Misericordia tocava para a missa das dez, e já outros vinham descendo para a missa das onze, na egreja do Collegio. A missa das onze era a missa das profissões liberaes—dos empregados publicos, dos negociantes, dos professores, dos escrivães, dos procuradores, todos elles de sobrecasaca preta, calça clara, côr de alfazema ou de flôr de alecrim, chapéo alto, bengala de castão de prata, bota de polimento com pespontos amarelos.

Lá vinha Augusto Cesar—Augusto Cesar Pacheco! que ensinara as primeiras letras, e preparara para o antigo exame de admissão nos liceus, a umas poucas de

felizes gerações. Lá vinha o Antoninho do Bispo, secretario geral de todos os negocios eclesiasticos da diocese, desde a instituição do bispado dos Açôres por bulas de Paulo III até aos nossos dias—e que metia um bote de rapé por cada venta, de cada vez que cheirava uma pitada, assoando-se depois ao seu vasto lenço de Alcobaça. Lá vinha João de Sousa Ribeiro, chefe de orchestra nos intervalos do seu emprego publico, empregado publico nos intervalos da orchestra—e, nas horas vagas de uma e outra coisa, aderecista e caracterisador de recitas de amadores, preparador de museus, compositor, encadernador, organista, flautista, organisador de todas as festas moveis e immoveis... Lá vinham o Doutor Nogueira, alopatha, e o Doutor Pinheiro, homeopatha—sempre a respeitavel distancia um do outro, na rua como na medicina. E a Comadre Emilia, especialista em partos, muito aceada e muito fresca, toda ella rescendendo a roupa lavada, a murta e alfasema. E o velho Avila, afinador de pianos, sua gravata de duas voltas subindo-lhe até ás orelhas, seu infinito chapeu de pêlo subindo até ao céo!

LII

Um bebedo incorregivel lê nos jornaes as noticias desoladoras que chegam das regiões vinicolas do paiz, onde o mildio e a invernia arrasaram tudo. De Leiria, dizem que as vinhas não prometem mais de dois terços da colheita anterior. De Alpiarça, dizem que nem a quarta parte haverá do que houve no outro anno...

— «Bem! diz o bebedo, pondo o jornal de lado. Vou aproveitar este anno para tomar as aguas do Gerez!»

LIII

Em dia de escriptos:

—« A casa é alegre, minha senhora?»

—«Alegrissima, não imagina... Cá em baixo ha um café de camareras, onde toda a noite tocam a *Verbena de la Paloma*. Cá por cima é uma sociedade dançante, onde não se faz outra coisa senão valsar e polkar. E aqui mesmo ao lado móra o Eduardo Garrido!»

LIV

Meu caro Thomaz:

Só hontem recebi a tua carta. Muito aborrecido devias tu estar quando m'a escreveste. Mas as tuas saudades de Lisboa fizeram-me sorrir, recordando o que tu dizias de Lisboa quando cá estavas, e o adeus e o gesto que ainda lhe fizéste de Campolide, á saída do tunel, no dia em que te foste embora. E's um lisboeta incorregivel. Desengana-te: Lisboa é um vicio — como o cognac ou Monte-Carlo. E tu és um vicioso d'este vicio. Não procures fugir-lhe, não creias poder regenerar-te, nem libertar-te, nem redimir-te. Tu serás sempre a sua victima. Ella será sempre o teu algoz. Tu és um timido; ella é implacavel.

Se não, vê: ha quanto tempo fôste tu tomar posse d'essa administração de concelho? Ha cinco mezes. Ha

apenas cinco mezes. Todavia, a carta que me escreves agora, lida por quem não soubesse a data da tua partida, deixaria supôr uma ausencia de alguns annos. Perguntas que fim levaram criaturas e coisas que, a julgar pelo tom em que d'ellas indagas, se poderia crêr terem-se afundado umas nas pinceladas dos ultimos planos onde se empastam, na paisagem da capital, os ciprestes dos Prazeres e Alto de S. João; outras haverem perdido já contornos e frescura, puídas de caducidade. E o desconsolo do teu afastamento é tanto, e tão semsaborona a tua existencia dentro d'elle, que até já, para d'ahi distraires o sentido, acaricias a suspeita de uma nascente curiosidade por assumptos da «nossa moderna literatura» como tu dizes, não sem uma certa emfase que é peculiar de auctoridades administrativas, como coisa inherente ao cargo.

De todos os livros que me pedes não te remeto nem um só. Mostrei ao C. de F. a nota que acompanhava a tua carta e pedi-lhe que me dissésse, com franqueza, se algum d'elles valia a pena de se lhe cortar as folhas. O C. de F. tem a seu cuidado a chronica bibliografica da unica folha de Lisboa que presta alguma atenção ao nosso movimento literario e dá-se conscienciosamente ao trabalho de abrir todos os livros que os auctores e editores lhe oferecem, para não falar d'elles sem conhecimento de causa. Muitos d'esses livros são como as melancias: mete-se-lhes a faca, e logo se vê que não prestam. Mas outros ha que querem ser provados, folheados e, porventura, lidos. Lá de vez em quando, sempre se apura algum; nenhum, porém, d'aquelles que me

pediste. Nem dos que eram em prosa, nem dos que eram em verso.

Por minha alta recreação, deliberei mandar-te um outro, que receberás por este mesmo correio. E' um livro de chronicas de João Chagas.

De tempos a tempos, a decepção da politica traz para os assumptos amaveis da literatura alguns illustres foragidos. Quem outros favores não deva á politica, deve-lhe este, que não é pequeno. O caso de João Chagas é o mais recente, talvez o mais sério, e, com toda a certeza, o mais expressivo.

Talvez o mais sério, por isto: João Chagas parece-me inteiramente desinteressado da politica, e desinteressado d'ella como o homem chega a desinteressar-se da mulher que mais amou, que mais encadeado o trouxe, que mais lhe encheu de exaltação todo um intenso periodo da vida. Desinteresse que é saturação. Desinteresse que é fadiga.

Com certeza o mais expressivo, porque João Chagas abandona a politica no instante em que ella, como criatura que se nos afeiçôa, se nos devota, se preocupa tanto dos nossos passos, dos nossos gestos, dos nossos pontos de vista, chegando a pensar pelo nosso pensamento, e a viver uma vida em tudo identificada com a nossa propria vida, deixa que sobre ella elle exerça toda a influencia, misteriosa de seducções, da sua convicção, do seu desassombro, de sua hombridade civica, servido tudo isso por predestinados fluidos de verbo e de atitude. João Chagas corta-lhe o passo, aperta-a violentamente pelos pulsos, fala-lhe, embebe-lhe no olhar amor-

tecido o seu olhar ardente, sacode-a, impressiona-a, electrisa-a, sugere-lhe a revolta. E a revolta dá-se. Num sentido de redempção—como elle queria? Não. Resulta, pobremente, numa convulsão de choro. Elle queria—o grito! Ella só tem—a lamuria. João Chagas, prégador da subversão, acha-se em frente de um auditorio em soluços.

A sua obra de publicista, iniciada, com tão arrebatada pujança, pelo pamphleto, prosegue então, meditadamente, pelo livro—o livro que é a fórma serena, eficaz, perduravel, da comunhão de sentimentos, de vontades, de ideaes, que só a palavra escripta sabe fixar entre aquelles poucos que d'ella possuem o dom e aquelles muitos a quem ella se dirige.

Dentro do livro, João Chagas adopta de preferencia a maneira literaria da chronica, que já no jornal cultiva, hoje, inegualavelmente: a chronica quadro de genero, onde, parece, fica sem cabida o devaneio da paisagem como a invocação da historia. O seu livro—*Homens e Factos* acentúa esta preferencia, dando-lhe um realce de feição definitiva.

A perfeição d'esta indole de escripta, quando a quizeres, não deves procura-la já em outros escriptores nossos, entre aquelles que dia a dia ateiam o fogo crepitante da publicidade. Ninguem vae disputar, bem entendido, na classe dos quasi inactivos, as honras que cabem a Ramalho Ortigão, a Fialho d'Almeida e, se porventura a mais alguem, a quem eu, em todo o caso, não sei...

Dos que se foram, as chronicas de João Chagas tem ainda o encanto de fazer recordar, de onde em onde, e

sempre com saudade, as chronicas de Beldemonio; mas não será condão amavel, a enaltecer graças e prestimos de quem o tenha, este poder de certos vivos que, quanto mais nós os amamos, mais se aviva, com o convivio d'elles, a saudade dos que muito amámos?

Tomar um facto, ou encarar um homem, para de um ou outro tirar a ilação espirituosa, o dito estridente, o apontamento de caricatura, o esquisso em duas linhas, tem-se visto ser méra faculdade de plumitivos e cavaqueadores, que para mais arriscados lances se invalidam totalmente, afogados nas catadupas da propria espontaneadade. De todos esses, a um só sobreviveu o renome, feito mais de lisonja que de justiça, e esse unico foi Guilherme de Azevedo, cuja obra, folheada hoje, só tem já o palido interesse da troça que converge sobre traços da nossa vida politica de então, oferecendo analogia com outros da vida politica de agora, ou se, a respeito dos homens, adrega que alguns d'elles ainda andam contados no reduzido numero dos vivos.

João Chagas faz a chronica do seu tempo como Beldemonio e Guilherme de Azevedo fizeram a chronica do tempo d'elles, que é ainda o nosso, e já quasi não parece sê-lo; mas sabe fazê-la com tanto engenho, graça e conceito, que ella terá, d'aqui a vinte annos, d'aqui a trinta annos, sempre, a mesma frescura, perdendo apenas, no interesse, a pequenissima, insignificantissima particula por que nella entra a emoção da oportunidade. Ora, fazer da chronica, que tem de ser febril, cheia de curiosidade momentanea, capricho leviano, fogo fatuo; da chronica que tem de ser um sopro, como o

pamphleto tem de ser uma rajada; da chronica que tem de ter, pela fórma, a leveza de um flóco, e, pelo espirito, o fugaz encanto de um fru-fru de sêdas, a translucidez de um velho vinho hungaro, o perfume de uma flor do heliotropo; fazer da chronica, que tem de ser assim, ou, pelo menos, que tem sido sempre assim, o que d'ella consegue João Chagas, é realisar uma pequena obra de literatura duradoira, imperecivel, indefinidamente bella. E reunir em livros muitas chronicas assim, é preparar, é condensar probabilidades de uma grata, amavel posteridade. Pódes tu imaginar que preciosidade não seria, agora, o livro que nos contasse, pelas minucias de um testemunho de visu, o que era a antiga e saborosa vida de Athenas? A obra de João Chagas, chronista, comquanto cercada hoje de uma formosa aureola de simpathia, só muito mais tarde se verá apreciada e premiada por seu justo quilate. Escrever chronicas como elle as escreve, para dá-las a ler, neste momento, á geração que é a nossa, lembra tarefa semelhante á de Diderot escrevendo aquellas chronicas secretas que só deveriam ser lidas por Catharina II. Dir-se-ia que elle as escreve, não para aquelles que tem a ventura de as receber em primeira mão, mas para o espirito de um outro publico que não existe ainda, que está ainda por vir...

LV

—«Gosta de dançar, Conselheiro?»

—«Muito, minha senhora!»

—«E qual é a dança que prefere?»

—«A dança do ventre.»

LVI

O heróe do dia é Rufino, a quem saiu a sorte grande na ultima loteria do Natal. O feliz homem não pode já dar um passo sem que o persiga uma charanga, estalem grosas de foguetes em sua honra, e muitas outras manifestações de apreço lhe sejam feitas. De toda a parte cae sobre Rufino uma chuva de cartas e cartas de saudação, pedidos de dinheiro, e declarações d'amor.

Entre estas, Rufino recebe uma de desconhecida dama que se oferece para o acompanhar até aonde elle quizer, incondicionalmente, apenas por um impulso da mais viva simpathia. «Uma palavra só, e serei inteiramente sua... diz-lhe ella. Comsigo irei, se preciso fôr, até ao fim do mundo!»

Rufino, homem fleugmatico, sorri, mete a carta no bolso, e comenta:

—«Até ao fim do mundo, talvez ella não fosse... Agora, até ao fim dos cento e cincoenta contos, ia com toda a certesa.»

LVII

Disse um illustre critico que a medicina moderna exerce na sociedade um estranho prestigio, só comparavel ao dos antigos magicos no tempo em que Nero, enfastiado da lira, do circo e do theatro, dava a Tiridates o reino da Armenia, para que elle o ensinasse a interrogar os manes e a conversar com os espiritos.

D'antes, quem se sentia doente, a primeira coisa que fazia era meter-se na cama. Agora não. Agora, quem se sente doente, a primeira coisa que faz é a mala, para fugir do ponto onde estiver, e mudar de ares. O enfermo moderno anda o mais que póde, marcha o mais que póde, corre o mais que póde.

Vae para as aguas; vae para as caldas; vae para as praias. Faz muita gimnastica, joga o *foot-ball*, gira em velocipede, monta a cavalo, rêma, sua, e nada. E duas vezes nada: porque continúa doente como d'antes.

D'antes, as peores doenças eram a vertoeja, a hemorroide, e a espinhela caída. Quem chegasse a padecer de todas ellas e não morresse, passava a acreditar na eternidade, e nunca mais se sentia doente.

Era uma consolação.

Agora, as doenças são tão variadas que ninguem já se entende com ellas, e o doente que cae na tolice de consultar mais de um medico começa a sofrer de tantas doenças novas quantos os medicos novos que consulta. Hoje temos a tuberculose, a neurastenia, a hipertrofia, a gastralgia, a chlorose, a apendicite, e quantas outras se tornem precisas para augmentar a fama de um especialista, o reclamo de certo medicamento, a receita de algum estabelecimento therapeutico.

N'estas condições, o doente que mais sofre não é aquelle que tem a doença: é aquelle que imagina tê-la. E' o doente de scisma.

Morre-se muito mais da cura que do mal propriamente dito.

Era o que ia acontecendo ao Agapito Pita, o Pita dos

Negocios Eclesiasticos, que por tanto tempo andou a tratar-se de mal que já parecia não ter cura.

Começara aquillo por uma brincadeira, e ia dando com elle no Alto de S. João, em caixão de mogno com fechadura e dobradiças de prata, conforme o que elle chegara a dispôr em testamento.

O Pita sempre foi muito scismatico, e os colegas da repartição andavam constantemente a inventar coisas para o trazer preocupado.

Uma vez, chegava-se qualquer d'elles ao pé do Pita, e punha-se a olhar-lhe muito para a ponta do nariz. Era o bastante para que o Pita começasse logo a envesgar os olhos e a olhar tambem muito para a ponta do nariz, e a apalpar o nariz, e a perguntar a toda a gente o que tinha no nariz.

Outra vez, estando elle a lançar ao papel tojal do Estado a fórmula apurada de algum oficio, vinha outro, pé ante pé por detrás d'elle, acariciava-lhe a cabeça, e dizia-lhe ao ouvido:

— «O' Pita, tu estás a ficar calvo! Que grandes estroinices terás tu feito para já estares tão calvo!»

O Pita dava um pulo no assento de coiro da cadeira, levava as mãos ao alto da cabeça, largava tudo quanto tinha para fazer, e começava a mostrar o alto da cabeça a toda a gente da repartição, completamente desvairado, perguntando:

— «O' menino, vê lá... Eu já estou com efeito muito calvo?»

E foi com uma brincadeira d'essas que elle começou a sentir-se doente, e cada vez mais doente

Um dia, em que entrara mais tarde na repartição, quando já todos lá estavam, tinham os colegas combinado fazer-lhe esta partida, a vêr o que d'ali resultaria: no momento em que elle aparecesse, cada qual deixava cair a penna, interrompia o que estivesse fazendo, e fixando todos o olhar afflictivo no Pita, ao mesmo tempo diriam:

— «O' Pita, porque vens tão palido?»

Pôz-se um á espreita, no corredor. E quando o Pita, muito açodado, apareceu lá ao fundo, foi esse dizer aos outros:

— «Rapazes, ahi vem o Pita!»

Abre se a porta, o Pita entra, e o côro interroga-o:

— «O' Pita, porque vens tão palido?»

Pois, meninos, não foi preciso mais nada: o Pita empalideceu, fez-se branco, tornou-se livido, cobriu-se de suores frios, sentiu-se mal, e caiu sem sentidos. Levaram-no para casa, meteram-no na cama, mandaram chamar o medico.

O medico veiu, e declarou que o Pita sofria de um aneurisma.

E o Pita começou a tratar-se do aneurisma.

Mas cada vez ia a peor, cada vez a peor, até que tomou a deliberação de mandar chamar outro medico.

O outro medico veiu, e diagnosticou outra coisa. Não era aneurisma, o que o Pita tinha. O que elle tinha era—ténia. E o Pita ingeriu logo, com imensa fé, um litro de cozimento de pevides de abobora para matar a ténia.

Aquillo foi lá dentro um barulho que parecia desor-

dem de marujos na Mouraria. Mas não houve meio de encontrar a ténia, e o Pita continuou a sentir-se de mal para peor, e de peor para pessimo.

—«Venha outro medico!» gritava o Pita engulhado, em ancias.

E o outro medico vem. E vem outro, e depois outro, e depois d'esse outro, ainda outro.

Até que appareceu um que em nada se parecia com os precedentes.

Os outros, todos elles, obrigavam o Pita a deitar a lingua de fóra, a revirar o olho, a pôr-se de bôrco para o auscultarem. Tomavam-lhe o pulso, batiam-lhe tres vezes com os côtos dos dedos na bacia como se batessem maçonicamente á porta do templo, metiam-lhe uma coisa de vidro por baixo dos braços, aplicavam-lhe ventosas, pregavam-lhe sanguesugas, ferravam-lhe pontas de fogo, cobriam-no de môscas de Milão, esfuracavam-no de clistéres, e receitavam-lhe quantas hostias, quantas pilulas, quantos xaropes, quantas pastilhas, quantos sinapismos e quantas drogas se encontram no formulario das farmacias.

Este não lhe fizera nada d'isso, não lhe receitara nada d'isso.

Este chegava, sentava-se, conversava, e ria. O Pita, a principio, deixava-o falar, deixava-o rir, e só gemia. Depois, já não gemia tanto. Depois, já gemia muito menos, e começava a conversar tambem.

Depois, já não gemia nada, e já ria!

Nestas alturas, encheu-se o Pita de coragem; e interrogou o medico:

—«Doutor!»

—«Meu amigo...»

—«Peço-lho que seja franco. Diga-me toda a verdade, por mais dolorosa que ella seja!»

E então o doutor, levantando-se, pegando no chapeu, e estendendo a mão ao Pita, respondeu:

—«Pois bem; lá vae então! Tenciono mandar-lhe ámanhã a conta das vizitas. Anda por uns setenta mil réis...»

O Pita saltou da cama, e sentiu-se imediatamente bom.

E já não quer outro medico!

LVIII

Vendo no obituario dos jornaes a noticia do falecimento de D. Lola, um amigo do viuvo, julgando-o inconsolavel, pois ignorava quantos amargos de bôca lhe tinha dado a mulher, que era uma féra, foi vizita-lo, levar-lhe palavras de conforto.

—«Parecia ser uma excelente senhora...» dizia o amigo.

—«Parecia ..» respondia o viuvo.

—«E quantos annos estiveram casados?» perguntava o amigo.

—«Sessenta!» suspirava o viuvo.

—«E agora?»

—«Agora, vou entrar para socio da Primeiro de Dezembro...»

O outro não percebia. E então o viuvo explicava:

—«... Porque só agora é que verdadeiramente acabaram para mim os *sessenta annos de captiveiro!*»

LIX

A Lisboa devota de hoje é apenas uma palida sombra do que era a Lisboa devota de outros tempos. A culpa foi dos filosofos modernos que tudo perturbam, tudo revolvem, tudo confundem: a terra, o céo, e os infernos. Já o Diabo d'elles se queixa, na *Morte de D. João:*

> Os filosofos modernos
> foram lá baixo, aos infernos,
> destruiram-me os telhados!

Penetraram nos escandalos de sacristia, boliram com a teologia, atingiram a egreja, e desrespeitaram-na como governo, como elemento de civilisação, como garantia de liberdade. O instinto religioso da humanidade creara naturalmente e fatalmente a sociedade religiosa. E como toda a sociedade instituida importa a existencia de um governo que a dirija, posta a necessidade de uma direção para a sociedade religiosa, não havia governo mais perfeito que a egreja.

Entrou-se porém a compreender que a religião não podia ser uma correlação exclusivamente individual entre o homem e Deus. Aos concilios, ás bulas e ás excomunhões corresponderam as reformas, as seitas, as protestações, as heresias. A' medida que se levantava e se afirmava no seu alicerce de razão a obra dos moder-

nos filosofos, começavam a tremelicar nas suas peanhas os doutores da egreja. A idéa nova penetrava e esfuracava os animos na mesma proporção em que o caruncho perfurava e carcomia as imagens dos santos. A obra do livre pensamento substituia a obra de talha. Ao lado do pulpito, d'onde corria em catadupas alterosas a oratoria sagrada dos Vieiras, armava-se a tribuna, d'onde começavam a escorrer os acidos corrosivos da oratoria parlamentar. Com a mesma semcerimonia que era de uso na Serra da Falperra, os governos chamavam a si os bens dos conventos, os tesouros das egrejas, os usofrutos das irmandades. O Estado invadia os templos e mandava calar as rezas para fazer eleições. Involvido e assarapantado nesta desordem, o clero, considerando que o punham fóra de casa e não desejando ficar no olho da rua, abrigou-se na politica. Despiu á pressa as vestes talares, envergou o fraque secular, poz um chapéo de côco, e fez-se galopim, fez-se deputado, fez-se conselheiro da Corôa.

Uma bella tarde, a procissão do Encontro encontrou-se na rua com um prestito civico. E, pouco a pouco, os prestitos civicos foram tomando o logar das procissões. O dia do Corpo de Deus, que era de festa tão genuinamente lisboeta, foi ofuscado pelo Primeiro de Maio. Esmoreceu a alegria dos antigos cirios, tão pitorescos, tão cheios de caracter, para se inaugurar o costume recente dos cirios civis, tão falhos de interesse, tão pouco populares.

Na derrocada dos antigos bairros, e na expropriação das velhas casas, para o alargamento de ruas e aveni-

das, foram desaparecendo os nichos dos santos e os paineis de azulejo que havia nos cunhaes e por cima das portas.

Ao desprestigio do milagre correspondeu uma sensivel diferença para menos na mania das promessas. Nos rheumatismos e nas gotas, a opinião do medico que mandava o doente para as Caldas foi seguida de preferencia ao conselho do confessor, inculcando ao padecente o santo ou santa a que deveria apegar-se. Na procura de empregos, os anuncios com que os influentes politicos encheram os jornaes, garantindo o preenchimento de certas vagas de amanuenses ou de escrivães de fazenda, a troco de quinhentos mil reis, iniciaram uma concorrencia deslealissima com o Senhor dos Passos e com Nossa Senhora da Conceição, a quem esses favores eram pedidos d'antes, com promessas modicas de alguns arrateis de cera.

Nos actos mais solemnes da nossa vida, em que o cerimonial da egreja entrava como primeiro elemento de satisfação e de esplendor—o nosso casamento, o baptisado do nosso filho, o funeral da nossa sogra—introduziram-se os novos costumes, e tudo aquillo que d'antes se passava na egreja, com muito latim e com muito incenso, começou a passar-se na administração do bairro, com muito codigo e com muito mau cheiro.

E todavia, que formosas paginas seriam as d'esse livro em que se historiasse toda a tradição das crenças religiosas de Lisboa, perdida nas chronicas e nos agiologios!

Já D. Affonso Henriques mandava construir e fundar uma capela com a invocação da Virgem fóra dos muros

antigos da cidade ocupada pelos sarracenos, e para ella fazia transportar quantos fieis, mortos e feridos, iam caindo no cerco e no castelo. Era a Capela de Nossa Senhora da Enfermaria, no arraial dos allemães, ali pelo sitio de S. Vicente de Fóra; e de lá saía num memoravel dia de outubro, a caminho de Lissibona, pelos tortuosos matagaes da Alfungera, direita ás Portas do Sol, a solemnissima procissão comemorativa da tomada da cidade, indo El-Rei e todos os grandes, e todo o povo, e todos os colonenses, bretões, flandrenses, aquitanos, normandos, e portugalesês—verdadeiro triumfo capitolino das nossas armas, manifestação imponente de acção de graças, onde, ás formosas cerimonias do ritual christão, realçadas com as nobres alfaias do despojo, acrescia a devota e vistosa concorrencia de toda a fróta, a dos captivos, a de povoações longinquas, ébrias de alegria expansiva, ao cabo de quatro mezes de trabalhadas incertezas. Que procissão esplendida com as suas interminaveis filas de soldados, monges e clerigos, armas rutilantes, cruzes, pendões heraldicos, o vozear solemne e espaçado das litanias christãs!

A historia dos reis e dos grandes feitos que assignalaram os seus reinados foi gravada nos muros das egrejas. A idéa religiosa aliava-se com o ardor militar, e imprimia á arte christã um caracter tão distinto e tão solido que resistiu aos seculos. Depois da Egreja dos Martires e da Egreja de S. Vicente de Fóra, que perpetuariam em todo o Islam o terror da queda de Lissibona, cada novo monarca português ia ampliando em Lisboa o culto divino, fundando novos templos e ligando

a cada um d'esses templos a memoria de algum grande facto glorioso, a invocação de algum santo predileto, a saudade de algum querido ente, ou mandando abrir ahi a propria sepultura.

O exemplo dos monarcas estimulava as classes altas e atingia o povo. Não ha grande palacio de nobres que não tenha a sua capela, e o povo chega a construir algumas egrejas á sua propria custa, como a da Conceição e a de S. Paulo.

Fidalgos e plebeus organisam as suas irmandades e as suas confrarias, escolhem d'entre os santos e santas da côrte celeste os melhores advogados para as suas causas comuns. E cada um d'esses santos é colocado no seu altar com todas as honras devidas ao seu culto, e para cada um d'elles começa a encaminhar-se a pro paganda eficaz de alguma grande devoção.

Nossa Senhora da Conceição é a padroeira do Reino, Santo Antonio é padroeiro de Lisboa. Mas porque se suponha que a uma e a outro não chegue o tempo-nem a atenção, por muito boa que seja a vontade de ambos,. para o cuidado e responsabilidade de tanto, a outros se incumbe a vigilancia de interesses parciaes. E ha então os santos que se tornam os solicitadores encartados, privativos, de certas classes e de certas corporações, em todos os negocios que porventura se relacionem como o fôro celeste. Os algibebes, os ourives, os confeiteiros, os prateiros, os remolares, os sirgueiros, até os medicos, passam procuração para tal fim aos seus santos prediletos.

Observa-sa um movimento afanoso de piedade e de

empenho mistico na tarefa de proporcionar a todos esses queridos santos e santas algum bem, alguma comodidade, algum prazer, que de alguma maneira os compense, os indemnise, os desforre emfim do muito que sofreram com as privações e flagelos de que o *Flos Santorum* vem cheio, e de que parece chegar-nos ainda á pituitaria, um pouco obstruida pelo pó dos seculos, essa emanação muito especial de santidade, em que o perfume suave das virgindades se mistura com o cheiro forte da carne assada dos martires, polvilhada com algumas pitadas de rapé dos doutores da egreja.

Graciosas mãos de princezas fazem girar nas dobadoiras os fios de oiro que hão-de orlar a fimbria dos vestidos das mais lindas santas. Delgados dedos de rainhas enfiam depois nos buraquinhos imperceptiveis das agulhas esses mesmos fios, e com elles começam a bordar nas sedas flôres e fólhagens de tal maneira leves, que só a luz as agita, como se uma brisa perpassasse. São costureiras da côrte celeste as mais illustres damas da côrte de Lisboa. E nem a Rainha D. Brites, mulher de Affonso IV, póde ufanar-se de ter joias mais ricas e mais bellas do que aquellas com que os ourives ornam a fronte da imagem de Maria. Um sopro de inspiração divina impele para a arte sacra as mais formosas propensões de artistas. Lisboa chega a possuir a custodia de Gil Vicente, a Biblia dos Jeronimos, e as pinturas de Josepha de Ayala.

As aspirações mais modestas dos espiritos devotos, não podendo encher os santos de dadivas ostentosas, fazem-lhes ofertas mais comesinhas, mas de muito bom pro-

veito: alqueires e alqueires de trigo, bilhas e bilhas de azeite, arrateis e arrateis de cera. Para os santos se destina uma percentagem certa do produto das colheitas; e toda a semente é lançada á terra de combinação com elles: quanto melhor fôr a colheita, tanto maior a percentagem será. Depois, quando a morte se avisinha, e chega o momento de fazer as ultimas disposições, a que nesses tempos se chama ainda com supersticioso acato «a ultima vontade», frequentemente acontece faltar o folego ao moribundo quando só vae em meio o rol extenso dos seus legados piedosos: casas e cardaes para fundar conventos, fóros e rendas para confrarias, alfaias e joias para o tesouro dos mosteiros, dinheiro para missas.

Tornado usufrutuario d'uma parte avultada de tanta riqueza, o clero exibe o luxo, a ostentação e a soberba de que fala um Rei de Portugal ao Papa, quando menciona as razões que o obrigaram a cercear os bens temporarios dos eclesiasticos.

Se havia freiras e frades que andavam descalços, era porque assim o queriam, pois das carmelitas de Santo Alberto se sabe que tinham de renda por anno um conto e seiscentos, e dos marianos dos Remedios consta que eram muito da simpathia de Filipe II de Hespanha, que para cá os trouxe, e não deixava que sofressem privações. Só á sua parte tinham os frades da Graça quarenta mil cruzados de renda, além dos fóros de trigo e cevada, da cerca, das quintas da Portella, de Santa Catharina de Ribamar, de Aldeia Gallega do Ribatejo, de Caparica e de Alhos Vedros. E as freiras de Santa Clara, que chegaram a ser duzentas e trinta no mesmo convento, com

mais trinta pupilas e noviças, dez seculares, trinta criadas da comunidade, quatrocentas e trinta particulares, e quarenta e quatro servilhetas, se não vivessem contentes com as isenções e privilegios que recebiam de reis e papas, e não lhes bastassem os senhorios de Penella e de Sorrilhos e os seus muitos fóros e juros, muito exigentes seriam...

E eram. Era-o, pelo menos, uma d'ellas, que não contente com tudo isso queria mais alguma coisa. Que coisa, ninguem o soube, ao certo; mas coisa boa não seria, não.

Altas horas da noite, vinha um cavalleiro rondar os muros do convento, e a um certo signal se aproximava e falava. Mas tão de manso o fazia, e com tanto cuidado embrulhava sempre em panos as ferraduras do seu cavallo, que ninguem sonharia sequer da aventura.

Dá-se porém um desacato na proxima Egreja de Santa Engracia. Roubam o cofre de tartaruga e prata que encerrava as particulas.

Procura-se o ladrão sacrilego, e só se encontra no caminho, recolhendo a casa, o cavalleiro audaz das rondas ao convento, Simão Pires de Solis, de sangue nobre e limpa geração. Perguntam-lhe d'onde vem, e não responde; querem que diga o que andava fazendo nessa noite, e elle nem por sombras pensa em macular a reputação da freira. Fazem-lhe tratos, obrigam-no a confessar o crime que não cometera, metem-no em prisão emquanto não é proferida a sentença que depois lhe manda cortar as mãos e queimá-lo vivo. E é quando elle está espiando já a culpa que foi d'outro, nas vesperas do suplicio, que a freira de Santa Clara lhe

manda dois melões, um inteiro, outro calado, recomendando muito «que o calado é o melhor»...

E ninguem soube o que a freira queria!

LX

Juizos do anno.

Certo negociante da antiga Roma, muito acreditado naquella praça, e casado com a mais desempenada e galante de todas as mulheres que por aquelle tempo appareciam, ás tardes, no vae-vem do Corso, foi uma vez consultar o celebre augur Puffistus, que publicava grandes anuncios em todos os jornaes, e andava mais em voga pelas previsões que fazia do futuro, do que andam hoje as Pilulas Pink, tão eficazes nas diarrhéas como nas prisões de ventre.

O motivo da consulta era o seguinte: esse negociante tinha necessidade de se ausentar de Roma para uma viajem que deveria durar mez e meio, e queria saber se lhe seria possivel empreender tão longa ausencia sem correr o risco de que a mulher e o caixeiro, apanhando o patrão fóra, fizessem dia santo na loja.

—«Que me aconselhas tu?» perguntou elle ao entendido augur, abrindo a farta carteira e pondo-lhe sobre a secretária duas formosas notas de cem liras.

Puffistus, que era um formidavel charlatão do maior calibre, não respondeu de promto. Disse ao negociante que tivesse a bondade de esperar um momento, e offereceu-lhe uma cadeira.

Foi num pulo ao quintal e trouxe da capoeira um frango preto, de olho verde. Torceu-lhe o pescoço, de-

penou-lhe o papo, e enfiou-lhe na pele, que com o susto se lhe pozera como pele de gallinha, uma agulha de oiro.

Acto continuo, destapou uma machina fotografica, e tendo obtido o instantaneo do frango ainda quente, poz-se a observar a chapa com indescritiveis gestos de suspresa e complicadissimos movimentos das sobrancelhas inquietas.

Depois de um atento exame, que durou sete minutos contados pelo relogio, quebrou a chapa, atirou o frango pela janela fóra, e disse ao negociante:

—«Podes partir para a tua viajem de mez e meio. Tua mulher não te engana!»

E mais não disse.

Foi o que o outro quiz ouvir. Partiu como um raio, foi arranjar as malas, despediu-se da esposa com muitas demonstrações de apreço, tomou um carro que o levou, numa batida doida, á estação do caminho de ferro. Toda a gente tem ouvido falar das antigas corridas dos carros romanos. Eram uma beleza. Em cinco minutos, estava o nosso homem ao postigo da bilheteira da estação, tirando bilhete para Pádua.

Mez e meio depois, regressando de Pádua, estafado da viajem, desejoso de se encontrar outra vez em sua casa, no seu canto e no seu socego, a primeira coisa que fez depois de abraçar e de beijar a mulher, que em todas as cartas se dizia inconsolavel de tão longa ausencia, foi procurar e vestir a sua robe de chambre de flanela riscada. E nem reparou que a robe de chambre tinha o canhão das mangas voltado duas vezes, como

se alguem a tivesse experimentado e lhe tivesse achado as mangas muito compridas.

A primeira tendencia de quem veste uma robe de chambre, é enterrar as mãos nas algibeiras, largas e fundas, para comodidade completa. E o negociante romano, enterrando as mãos nas algibeiras da sua robe de chambre, com assombro encontrou, no fundo d'uma d'ellas, um cachimbo de cerejeira; e no fundo da outra um par de suspensorios!

Comquanto um par de suspensorios e um cachimbo de cerejeira nada tenham em si de assombroso, era natural o assombro do negociante romano. Porque elle nem costumava trazer suspensorios, nem usava cachimbo!

E ei-lo, de novo, e outra vez como um raio, no caminho da casa do bem cotado Puffistus.

—«Canalha de Puffistus!» bradava elle da rua, erguendo para a taboleta doirada do consultorio do augur os punhos cabeludos e cerrados.

—«Sóbe e socega! disse-lhe Puffistus da varanda.— Vaes ver que não tens razão nos escarceus que fazes. Vamos primeiro por partes.»

E placidamente foi buscar, para que o outro se sentasse, uma cadeira de braços.

O negociante, por essa outra tendencia, que tambem é natural e corrente nos maridos que, não fumando e não usando suspensorios, encontram cachimbos e suspensorios nas algibeiras das suas robes de chambre, no regresso de viajens em que não foram acompanhados pela esposa, ia já a sentar-se e a admitir de bom grado a possibilidade de um equivoco

Mas, mal apoiou os braços nos braços da cadeira, deu um pulo e um berro que assarapantaram Puffistus.

—«Dóe-te alguma coisa?» perguntou Puffistus.

—«Dóe-me o cotovelo! E' rheumatismo. Fala!»

—«Que quizeste tu, proseguiu Puffistus, que eu aqui te dissésse, ha cêrca de mez e meio, a respeito de tua mulher?»

—«Quiz que me dissésses se ella me enganaria emquanto eu fosse a Pádua, onde tinha negocios a tratar.»

—«E que te disse eu?» insistiu Puffistus.

—«Com grande certeza me disséste que fosse descançado, porque ella não me enganava.»

—«Ora ahi tens! Foi isso mesmo. Sem tirar nem pôr!»

—«Mas enganou-me!» teimou o outro, irado.

—«Estás mesmo tolo de todo... continuou Puffistus. Ouve-me e sê rasoavel. Tu appareceste-me aqui, e disseste-me: «Tenho que fazer uma viajem a Pádua, com demora de mez e meio, mas estou receioso de que minha mulher, apanhando-se só, me engane. Diz-me, Puffistus: Enganar-me-ha?» Não te engana! respondi eu. Agora voltas e declaras que ella te enganou. Portanto vês que eu não te enganei quando te disse que ella te não enganava. Pois se tu pensavas que ella te enganaria, e se ella, como dizes, efetivamente te enganou, claro está que tu podes dizer agora: «Eu bem sabia, eu bem sabia... não era ella que me enganava!» Mas se, pelo contrario, eu te tivesse dito que ella te enganaria, então é que eu te teria enganado, porque, embora ella te enganasse, não te enganaria, porque já tu sabias que ella deveria enganar-te. Se assim tivesse acontecido, então

sim, então terias tu o direito de vir aqui descompôr-me —porque eu te tinha dito que tua mulher te enganaria e ella, afinal, não te enganava, pois que tu sabias que serias enganado por ella, e ella, com efeito, te enganara!»

Atordoado com estes fortes raciocinios, o negociante romano ergueu-se convencido, tirou outra vez a farta carteira do fôrro da sobrecasaca, e colocou sobre a secretária de Puffistus outras duas notas de cem liras. Depois, pegou no seu chapéo, apertou com admiração a mão solida de Puffistus, e veiu cá para fóra dizer a toda a gente de Roma que Puffistus era o mais notavel dos augures do seu tempo.

Acabaram os augures, mas não acabaram os tolos. E para contentar os tolos, é que vieram os astrologos, que lêem nos astros; as bruxas, que fazem sortilegios; os chiromantes, que soletram nas mãos; os médiums, que conversam com os mortos, e todos esses parasitas de bom humor que por toda a parte do mundo exploram a infinita credulidade humana.

Ora, desde que o Almanach dos nossos dias começou a pleitear primazias com a Folhinha dos nossos bisavós, entrou nos usos, e constituiu costume, a balda de pedir ao Almanach o prognostico do anno. E o Almanach entrou assim numa concorrencia desleal com os astrologos, com as bruxas, com os chiromantes e com os médiums.

A velha Folhinha era uma modesta amiga sem pretenções, serviçal e fiel, que a toda a gente apontava, a troco d'uma pobre moeda, os dias dos mezes, os nomes dos santos, as festas e os feriados, as luas e os jejuns.

Era uma coisa que limitadamente correspondia ás necessidades do tempo, que não eram muitas. Bom tempo esse, em que cada qual se contentava com saber em que dia do anno caíria a Paschoa, ou a quantos de maio seria o Corpo de Deus!

Mas os tempos mudam, e tudo muda com os tempos. A vida, de pachorrenta e conformada que era, tornou-se inquieta e ambiciosa. Toda a gente, que d'antes andava por essas ruas em passo de procissão, e tratava dos seus negocios sem barulho, começou de repente a atarefar-se e a correr, e a sacudir muito os braços, e a suar e a bufar, aos encontrões e pisadelas, como se as ruas já fossem estreitas para lhe dar passagem, e as praças e os largos já não podessem contê-la. E houve pressa, muita pressa, uma grande pressa. Pressa de viver, pressa de gosar, pressa de saber.

Começou-se a nascer mais cedo. Ainda hoje é viva muita gente que se lembra do tempo em que para isso eram precisos nove mezes. Foi tempo! Vieram as pressas, e então, os que teimavam em não nascer dois mezes antes, vinham puxados a ferros. Crianças de mama nunca mais houve. A ultima criança a quem ainda deram de mamar foi o Taborda. De então para cá, todas as outras já traziam dentes.

Deixou uma pessoa de andar na ama, para começar logo a andar no Liceu. Saía-se dos cueiros e entrava-se na Universidade.

Chegou a gente a casar-se em tão tenra idade, que aos quinze annos já temos filhos com barbas e á procura de emprego.

A esta pressa, a esta ancia, a esta vertigem, chamaram os inglêses—a lucta pela vida. E foi bem assim. A vida tornou-se uma lucta. O progresso incessante das sciencias estimula e avigora esta lucta, que se pôz renhida. Quem mais sabe, mais depressa vence. A ignorancia deixou de ser atrevida. Hoje em dia, até para se ser ignorante, é preciso saber sê-lo.

Saber muito. Saber tudo. Saber mais ainda!

Conta-se que o velho Chevreuil, sentindo-se perto da cova, tristemente disse:

—«Que pena tenho de morrer tão cedo! Só agora é que eu começava a saber alguma coisa...»

Pouco depois morreu. Tinha vivido cem annos, e era o sabio que era. Agora, já não é assim. Agora, ao entrar na vida, cada qual se julga obrigado a saber o que o Diabo não soube. E foi para atender a esta necessidade urgente que se inventou o Almanach.

O Almanach tudo diz, tudo mostra, tudo desvenda, tudo patenteia, tudo explica, tudo aclara, tudo ensina.

Tem tudo quanto tinha a Folhinha, augmentado de tudo quanto encerram os Tratados. E' informativo, é elucidativo, é recreativo. E' Borda d'Agua e Larousse. E' Seringador e é Enciclopedia.

Em materia de calendario, o Almanach sorri, desdenhoso não, mas complacente, da Folhinha antiga, que se contentava em dar-nos o «nosso calendario». O Almanach moderno que se préza dá-nos, pelo menos, meia duzia d'elles: o calendario gregoriano, o calendario cophta, o calendario musulmano, o calendario chinês, o calendario perpetuo. E' uma maravilha!

Tabelas da equação do tempo, tabelas dos trens de praça, tabelas das marés; escalas thermometricas, escalas chromaticas, escalas alcoolicas; calculos de datas, calculos arithmeticos, calculos biliarios; receitas para isto, receitas para isso, receitas para aquillo; conselhos agricolas, conselhos culinarios, conselhos de familia; charadas e logogrifos, anecdotas e pêtas, adagios e rifões, anagramas e anasarcas—tudo, tudo vem no Almanach.

Temos os Almanachs do genero Bottin, repletos de nomes e moradas; temos os Almanachs de artes e oficios, atulhados de conhecimentos technicos; temos os Almanachs de mercearia, contendo indicações preciosas sobre o augmento dos preços da manteiga, das latas de espargos, e do arroz; temos os Almanachs dos amantes, cheios de formulas maviosas para cartas de namoro e de formulas farmaceuticas para usos consequentes...

Mas, na avidez insaciavel de tudo saber e de tudo conhecer, o homem, avido e insaciavel, quiz que o Almanach lhe dissésse mais, lhe fizesse saber mais. O homem quiz chegar a saber, por meio do Almanach, *aquillo que não se sabe!*

E o Almanach, espicaçado nos seus brios, não querendo ficar áquem da imaginação audaciosa do homem, que tanto quiz, deitou-se a adivinhar. E á frente das suas paginas, com o seu oculo de astrologo, a sua vassoura de bruxa, a sua fantasia de chiromante, e a sua intrujice de médium, começou a ler nos astros, a adivinhar nas cartas, a vaticinar nas palmas das mãos, a interrogar os mortos—e fez os Juizos do Anno.

Ainda ha muita gente que imagina ser coisa dificil

fazer o juizo do anno para um almanach. Pois não ha nada mais facil. Basta encontrar um pouco do galhofeiro raciocinio de Puffistus. Quanto ao mais—*Deus super omnia!* que o Garrido traduziu assim, na *Lagartixa*:

—«E deixa andar, corra o marfim!»

XLI

Eduardo Schwalbach não tem mãos a medir com os inspirados poetas e os prosadores laureados, que lhe trazem coisas para a *Revista litteraria do Seculo*.

Uma d'estas manhãs procura-o um illustre membro da Commissão dos Monumentos Nacionaes, com um artigo tremendo a respeito d'umas ruinas de Evora.

Schwalbach oferece-lhe uma cadeira, oferece-lhe cigarros, oferece-lhe toda a paciencia de que póde dispôr para o aturar.

Recebido optimamente, saca o outro do artigo, e prepara-se para o lêr. Schwalbach torce-se todo, mas não tem outro remedio senão preparar-se para o ouvir.

E a leitura dura, sem dar tempo a tomar folego, tres quartos de hora. Os quartos de papel já não tinham conto. Era uma resma!

No fim, pergunta Schwalbach:

—«Quantos quartos tem?...»

—«Sessenta e cinco...»

E então Schwalbach, já com a cabeça de todo em todo perdida:

—«Sessenta e cinco quartos! Mas isso não é um artigo, senhor! Isso um hotel! E' um hotel!»

XLII

D'uma carta a Luiz Callado:

... Sempre que te vejo, lembra-me sempre um couplet do Marquez da *Noite e o Dia*, que dizia assim:

> E como aquelle, que a mania
> tem da estampilha, ou medalhão,
> acha uma nova cada dia,
> e logo a quer p'rá collecção!

Hontem avistei-te, ao Poço Novo. Vinha eu no ascensor, para cá, ias tu a pé, para lá. Tinhas passado á porta da capelista, e logo voltaste atrás, a vêr qualquer coisa que ella tinha na vidraça. E demoraste-te a vêr o que quer que era. E pareceu-me que rias. Que diabo seria? Fiquei logo com immensa curiosidade. Tu, que voltaste atrás, e te demoraste, e riste, e tudo isto por causa d'uma coisa que uma capelista tinha na vidraça, que boa coisa seria ella!

Estive quasi, quasi, a apear-me. Mas era já tarde, e contentei-me em vir a rir sósinho pela Calçada do Combro acima, a rir sem ter de quê, a rir e a disfarçar, porque um sujeito que vinha deante de mim, muito janota, muito esticado, muito puxado á sustancia, com muitas violetas ao peito, começou a desconfiar de que era elle que vinha a dar-me vontade de rir, e já estava assim meio encavacado com o caso.

Cheguei a casa a pensar em ti, jantei a pensar em ti, e, depois do jantar, fui mexer em papeis a pensar em

ti. E a pensar em ti, emquanto mexia nos papeis, encontrei uma carta de Raphael Bordallo Pinheiro, que bem desejaria oferecer-te para a coleção que fazes de coisas d'elle, mas que bem mais desejo conservar, avaramente, preciosamente. Hei-de mostrar-ta, has-de vê-la, mas ficarei eu com ella. Se teimares em possuí-la, terás de assassinar-me.

O que, porém, nunca terás d'elle na tua coleção, tão rica já e tão graciosa, será aquillo que só existiu com elle mesmo, e que com elle se foi para sempre. Aquillo que nelle era, como em ninguem mais foi ainda, como em ninguem mais será, a graça da viva-voz, a infinita graça do contar...

Elle, a contar, desenhava no ar o que dizia; moldava, no ar, o que contava. Tinha maneiras de pôr as mãos, recurvava e mexia os dedos, acomodava o proprio nariz ás figuras que imaginasse, metia-se em scena na scena que inventava; e punha-se de pé se estivesse sentado, e sentava-se se estivesse de pé, e dava uns passinhos ou virava-se na cadeira, e deitava tromba ou fazia beiço, e desabrochava um riso ou encarquilhava um pezar, carregava o esforço ou aligeirava a naturalidade, e insuflava, em summa, sopros de tanta vida, ao caso, á coisa, ao individuo que nos queria pôr deante dos olhos, que a gente via, claramente via, inteiramente via o individuo, verificava a coisa, assistia ao caso.

Quantas e quantas vezes, antes de começar a esboçar uma pagina, para o *Antonio Maria* ou para a *Parodia*, tendo-a sómente imaginado, elle dizia:

—«Ora vejam lá se isto dará bem assim...»

E o lapis, que já tomára entre os dedos, tornava a ser posto de lado; e os dedos, livres do lapis, começavam a esboçar no ar o que quer que fôsse, deante dos nossos olhos, deante da nossa imaginação. Eram dedos que enrolavam e desenrolavam, que fiavam e desfiavam, que esticavam e acochichavam, que empastavam e distendiam, que dobavam e enovelavam, que tateavam e agarravam, que espremiam e tornavam elastico...

Havia de ser assim, e mais assim, e depois assim! Via-se tudo, viamos tudo.

Começava então elle a desenhar, já outra vez com o lapis, já sobre o papel. E a gente, á roda da mesa, á roda d'elle, engalfinhados nelle, a vê-lo desenhar. Agora já não eram só os dedos. Eram os dedos, era o lapis, era todo o seu genio, era toda a sua graça! Assim! E mais assim! E depois assim... Que encanto! Que maravilha! Que saudade!

Uma vez, por este tempo de entrudo, tendo acabado de desenhar aquella memoravel pagina que teve por legenda—*A ultima mascara*, e que era a Morte, em dóminó, ao debandar de um baile, metendo o braço a um esturdio e perguntando-lhe: «Conheces-me?»—Bordallo Pinheiro, contente por lhe ter saído a pagina optima, e, sobretudo, por ter podido mandar embora o rapaz da litografia, que ali estivera cabeceando á espera do desenho durante o tempo que elle levára a fazê-lo, acendeu mais um cigarro e começou a contar-nos coisas do carnaval.

Taes eram ellas, e em disposição tal o achavamos, que ainda elle mal tinha acabado uma, ficando-se um ins-

tantinho muito sério á espera que a bola do riso, mandada pela sua ultima tacada, viesse bater em nós, e voltasse, de recochete, a bater nelle mesmo, sacudindo-o todo—queixo, nariz, palpebras e cabelo—e já nós, numa só voz, imploravamos:

—«O' senhor Raphael conte-nos outra!»

E emquanto elle nos contava outra, não paravamos nós de rir, ainda da antecedente.

Foi, d'essa vez, que lhe ouvi contar aquella que vae seguir-se. Mas como contar-t'a eu? Era preciso que o ouvisses; era preciso que o visses.

Raphael Bordallo apenas tentava libertar-se, pelo desenho, da escripta de amanuense, ao tempo em que o caso se déra. D'esse tempo tens tu, na tua colecção de coisas d'elle, coisas que só eram primicias. Ganhava-se pouco pela arte, ganhando-se quanto se podia. Raphael assignava umas, se lhe saíam mais a seu agrado; outras não as assignava, se lhe saíam frouxas, e lá ia andando.

Uma tarde, saindo do Martinho, e tomando para os lados do Passeio Publico, encontrou-se com Julio Cesar Machado, que vinha do Passeio.

Tu cá, tu lá, e já nenhum d'elles queria largar o outro.

—«Homem! diz-lhe Cesar Machado, vinha a pensar em ti. E' boa! E' muito boa! E' bonissima!»

—«E' optima!» cortava Bordallo.

E cortava — dizia-nos elle — porque Julio Machado era assim: em topando com uma toada que lhe sorrisse ao ouvido, era capaz de ir por ahi fóra atrás d'essa toada até á Cruz Quebrada! Em elle começando, como d'essa

vez: «E' boa! E' muita boa! E' muitissimo boa...» já os amigos d'elle e das suas facecias, como os leitores dos seus folhetins, sabiam onde aquillo ia dar. «Muitissimo boa! Bonissima! Muitissimo bonissima! Bonississima!...

De modo que, para mudar de conversa, para mudar de conversa não, para continuar na conversa, era preciso trocar-lhe o acento tónico. «Optima», naquelle caso, trocava-lhe o acento, e o dialogo podia seguir.

—«Vinha a pensar em ti, porque ha ahi agora um trabalhinho que talvez te convenha.»

—«Excelente...»

—«Podes dizer excelentissimo!»

—«Não, lá isso, tem paciencia, mas não digo.»

—«Não dizes porquê?!» repontava já Julio Machado, que tão facilmente encavacava.

—«Não digo, porque sei como tu és... Se te digo que é excelentissimo, tu dizes logo que é tambem illustrissimo, e reverendissimo, e dignissimo, e acabas por não me dizer o que o negocio é, que é afinal o que eu quero saber!»

—«Tu sabes que tens graça, ó Raphael? Pois não sabes?»

—«Sei.»

—«E' porque se o não soubesses eu queria dizer-te que a tens. Realmente tens.»

—«Obrigado, Julio.»

—«Não ha de quê.»

Ora o negocio seria entender-se Bordallo com certo homem da Baixa, dono de uma antiga loja de «brinquedos,

variedades e perfumarias», o qual homem tinha imaginado e queria pôr á venda, pelo Carnaval—estava proximo o Carnaval—umas cartas de namoro, e umas cartas de participação de casamento, e outras de baptisado, em verso e com bonecos, para vender a tostão. Esse homem tinha conhecido muito o pae de Julio Cesar Machado, estimava-o muito a elle, Julio, e convidara-o para lhe compôr o verso, ao mesmo tempo que lhe perguntava se conhecia alguem competente para fazer os desenhos.

—«Queres tu fazer os desenhos?»

—«Quero... fazendo tu os versos.»

Nesse caso, era urgente ir ao homem.

—«Podes tu lá ir agora?» interpelou Machado.

Podia. Era perto. Era pertissimo. Era o mais perto possivel.

Tinham chegado ao Arco do Bandeira, e o homem era logo ali adeante. Lá foram.

—«Boa noite, senhor Machado!» sorria o caixeirinho da loja, quando Julio Machado, chegando á porta, inclinava um pouco a cabeça ao ouvido de Raphael Bordallo, recomendando-lhe supersticiosamente:

—«Entra com o pé direito!»

Mas só estava o caixeiro, muito magrinho, a abrir muito a bôca, espécado atrás do balcão, á cóca das moscas que podesse apanhar com a mãosinha em concha. O patrão tinha ido jantar, havia já pedaço. Se os cavalheiros quizessem dar-se ao incomodo, chegavam lá a casa, que era, como Julio Machado muito bem sabia, na Rua dos Douradores. Encontravam-no com certeza.

—«E' melhor, não achas? consultava Machado. Fica isto já resolvido. Tempo é bago, pois não é?»

Raphael ainda observou que talvez essa pressa fosse persuadir o outro de que elles estavam á espera d'aquillo para comprar um fato, o que não era bem a expressão da verdade.

Machado, porém, logo lhe tirou isso da idéa, garantindo-lhe a bondade do seu homem, que era um pobre homem, que era um santo homem, incapaz de explorar fôsse quem fôsse. E concordou-se em ir á Rua dos Douradores.

Era num terceiro andar, com uma escada muito escura. Machado ia adeante, a riscar fosforos, Raphael atrás a tropeçar nos degraus, e a lastimar-se.

—«Isto só tu, ó Julio... Isto só tu...»

—«Deixa lá, homem! E' negocio... E' negocio bom...»

—«Pois sim, será... Mas a escada...—apagava-se o fosforo, Raphael tropeçava—... mas a escada é pessima!»

—«Cá estamos já! Cá estamos... Agora deixa ver onde estará a campainha...»

Tlim... Tlim...

E logo se ouviu dentro, no corredor, uma carreirinha de criança, que veiu á porta, a perguntar quem era, com uma vózinha muito fininha.

—«Abre, Adelaidinha...» respondia Julio Machado, tambem com voz fininha.

Adelaidinha abriu, Machado disse que precisava falar com o papá; e como o seu amigo não era pessoa de cerimonias, ambos foram entrando até á casa de jantar, onde o papá estava, e a mamã, e as tres manas, e uma

prima, e uma amiguinha d'ellas, e o senhor Gama, da Administração Militar, que estava para casar com a mana Olivia. Tudo muito chupadinho, tudo muito magrinho.

Tinha-se acabado de jantar, levantado a mesa, e começado logo a trabalhar, para não perder tempo. Julio Machado apresentou Raphael, foi fazer a roda a apertar a mão ás senhoras, pediu que por amor de Deus não interrompessem o que estavam fazendo, e todas ellas, e o senhor Gama, tudo muito encarnado, tudo muito comprometido, se desfaziam em imensas desculpas de estar a fazer o que estavam fazendo.

—«Não ha remedio, não ha remedio! dizia o dono da casa, que logo se via ser um excelente homem.—Isto aqui tudo obra, tudo obra!»

E foi buscar mais cadeiras, e mandou vir mais cadeiras. Machado sentou-se, Raphael sentou-se, e o dono da casa sentou-se entre os dois. Sentou-se, e começou a expôr a sua idéa, a idéa das cartas de namoro, das cartas de participação de casamento e dos convites para baptisado, tudo em verso, tudo com muitas figurinhas, a côres.

Raphael parecia achar a idéa muito boa, estava por tudo, concordava com tudo, anuía a tudo. Achava, concordava, anuía, mas ora deitava o rabo d'um olho para a sociedade, ora deitava o rabo do outro para a porta por onde entrára, ora se assoava, ora se torcia, ora mexia uma perna, ora mexia a outra, não sabendo já, por ultimo, de que terra era, nem como sair-se d'aquillo, nem que voltas dar á sua vida...

O homem não parava de falar, Julio Machado não parava de sacudir a juba a dizer a tudo que sim, e o resto da sociedade, á roda da grande meza de jantar, sem abrir bico, continuava a fazer o que estava fazendo.

E o que estavam fazendo—mãe, filhas, primas, amiga, e amigo Gama—era o seguinte: cada qual tinha deante de si um pratinho de sobremeza, e para esse pratinho cada qual ia tirando, de tres grandes terrinas, com grandes colheres de pau, ora d'uma, ora d'outra, uma especie de massa inexplicavel, que ora saía mais dura, ora saía mais mole; ora mais consistente, ora mais rala; ora mais escura, ora mais clara; ora mais côr de castanha, ora mais esverdeada, ora mais amarela,—e cada qual, metendo a sua colherada, tirando a sua colherada, se ocupava depois em dar a essa massa, dentro do seu prato, uma forma extravagante de extravagante coisa: coisa que ora parecia um bello salpicão, ora lembrava uma delicada trouxa d'ovos, ora semelhava uma tentadora morcela, ora uma bem servida meia-dose de esperregado, ora uma salchicha enroscadinha de montra da Estrella d'Oiro... E cada qual se esforçava, se expremia, lhe fazia a diligencia, por fazer a sua salchicha, o seu esperregado, a sua morcela, o seu salpicão ou a sua trouxa, mais que com empenho de fazer de cada pratada uma obra de arte, com a anciosa vontade de fazer obra da natureza.

A uma certa altura da conversa, a dona da casa chamou a Adelaidinha, deu-lhe um pratinho cheio, e disse-lhe uma coisa ao ouvido. Adelaidinha, pressurosa, vem ao papá, passa-lhe o prato, e dá o seu recado:

—«Diz a mamã que faça favor de ver se a poia assim é bastante...»

Mas já então Raphael Bordallo e Julio Cesar Machado não podiam mais, e precipitavam a conversa, precipitavam o negocio, precipitavam tudo, e precipitavam-se pela escada abaixo, de gangão, de roldão, de escantilhão, vindo espapaçar-se no Largo de Santa Justa, á gargalhada, aos soluços, aos pinchos, em contorsões, de cócoras!

XLIII

Continua em scena, no Theatro de D. Maria, a peça de Julio Dantas—*Serão nas Laranjeiras*, recebida com muito máus modos pela platéa da primeira noite. E continua em scena, porque está dando dinheiro. Isto explica o seguinte: que o publico conhece muito melhor os seus criticos, do que os criticos conhecem o seu publico.

Em Lisboa ha cincoenta jornaes. Cada jornal tem sua bórla nos theatros. E em cada noite de primeira representação os theatros contam com uma enchente de criticos de jornaes, que não falha. Nos intervalos, esses criticos espalham-se pelos corredores, pelo foyer, pelos camarotes onde avistam senhoras das suas relações, e fazem a opinião. Quem observar a atitude do publico d'uma primeira representação, notará que elle raramente se manifesta, em peso, no final do primeiro acto. Espera sempre ouvir, no intervalo, o que dizem os criticos, para saber se ha de gostar, ou se não ha de gostar.

No dia seguinte, os jornaes referem como o publico

da primeira noite acolheu a peça, supondo-se que o resto do publico estará tambem á espera d'esse parecer, para proceder em harmonia com elle—indo lá, ou não indo. Nesta suposição é que os criticos se enganam. O publico que não vae ás primeiras representações tanta vez foi ludibriado pela critica, que só procede agora em desharmonia com ella.

Se os jornaes dizem: «E' peça destinada a conservar-se por largo tempo no cartaz...» ninguem mais lá vae.

Se ao contrario dizem: «Aquillo nem merece critica, e o que o auctor tem de mais acertado a fazer é mudar de oficio...» cae lá o poder do mundo.

E' uma observação inteiramente nova em materia de psicologia das multidões, mas não deixa de ser uma observação exacta.

Prova-o, ás mil maravilhas, o insuccesso dos criticos perante a ultima peça de Julio Dantas. Quizeram meter-lh'a no fundo, e ella fez-se ao largo, com vento fresco.

Num intervalo d'essa peça, na sua primeira noite, antes dos córtes, fui cumprimentar umas senhoras minhas conhecidas, que assistiam á representação, d'um camarote. Uma d'essas senhoras é viuva, e não tem ainda quarenta annos, com toda a certeza; a outra irmã, mais nova, é solteira, e despeitada dos homens para casamento, desde que um lh'o prometeu e lhe roeu a corda. Ambas ellas formosas, e d'uma agitadora exuberancia de saude.

Estavam achando immensa graça á peça, riam de

muitas que por ali se achavam, nos outros camarotes, e para quem parecia que Julio Dantas talhara todas aquellas carapuças; e depois de perguntarem se me dava muito com elle, mostravam vivo desejo de que eu o fosse buscar, e lh'o levasse lá, ao camarote, no outro intervalo.

Pairava em toda a sala uma atmosfera de escandalo. Algumas pessoas haviam-se retirado um pouco para dentro, nos camarotes. Dois ou tres maridos cornialtos tinham-se raspado. Eu observei:

—«Mas olhem, minhas senhoras, que está toda a gente indignada... Se o vêem aqui, o que se não vae dizer!»

E então ellas resolviam:

—«Ora, deixe lá! A peça é que é inconveniente— não é elle. Ande, veja se o traz cá!»

O eterno feminino, o fatal feminino, anda sempre por muito nas mais simples coisas da vida. Procurae-o, procurae-o! Tudo é procurá-lo, que elle lá está. Restringindo a verdade ao nosso caso de hoje, porque não poderemos nós atribuir tambem a esta causa grata uma parte avantajada da má-vontade que, com mais este pretexto de peça escandalosa, ha quinze dias se desencadeou na imprensa e nos cafés de Lisboa contra a pessoa de Julio Dantas?

Numa terra em que os homens de letras tão raramente conseguem tornar-se interessantes ao bom-olhado feminino — acontecendo ainda que a maioria das excepções se explica por fenomenos fisico-recreativos que escapolem ao dominio da critica—não me parece

que esta razão seja das menos aceitaveis para fundamentar tanto e tão mal dissimulado despeito pelos triumfos do feliz dramaturgo.

Para quem nunca tenha conseguido o aplauso d'uma mulher para um soneto, ou para um trecho de prosa da propria lavra, deve ser por certo irritante ver o gallinheiro de D. Amelia apinhado de Severas a aplaudir a *Severa,* e a primeira ordem de D. Maria repleta de senhoras de boa sociedade a rir de gosto com o *Serão nas Laranjeiras!*

XLIV

Amigo Celso Herminio:

Terás paciencia, jantarás hoje sem mim, e dirás a essa gente do jornal que neste momento me é inteiramente impossivel escrever o artigo, que por teu intermedio me pediram, para o dia que marcaram. Acho-me de môlho—guardando o leito, como agora se diz—ha tres dias, com uma tremenda constipação que apanhei na quarta-feira, por teimar em acompanhar debaixo d'agua, até á cova, o enterro do Laureano, o pobre Laureano! aquelle Laureano de luneta azul a quem nunca quizeste que eu te apresentasse, «porque era uma criatura que te fazia mal aos nervos.»

Agora, que elle é morto, e bem morto, d'uma congestão que o atirou a terra em menos de dois segundos, posso dizer-te, sem receio de que vocês se esmurrem amavelmente, como é costume entre artistas e criticos, que chegaram ás do cabo em assumtos de arte e cri-

tica, que tu eras tambem, para elle, «uma criatura que lhe fazia mal aos nervos». Perguntarás porquê? Porque esse Laureano não era só muito extraordinario por fóra; era mais extraordinario ainda por dentro; e um dos seus carateristicos profundos era precisamente este: cultivar carinhosamente em seu seio—com os mil cuidados e precauções de quem quizesse, por uma risonha mania de botanico, criar e desenvolver, num vaso, ao parapeito da sua janela, um pessimo cardo dos campos —o odio que sabiam inspirar-lhe todas as criaturas a quem um dia a ventura, a alegria, a fama houvessem bafejado.

Eu não fui seu amigo; bem longe d'isso; mas senti por elle alguma estima, algum interesse e alguma comiseração. Laureano era, afinal, um pobre diabo. O que para elle houve de peor, o que o estragou, como nós dizemos, foi que muita boa gente o tomou a sério, e chegou a ter medo d'elle, medo da sua lingua saburrosa e calumniosa, medo dos seus grandes olhos sempre inflamados, e da sua enorme luneta de vidros concavos, azues. Houve mesmo um momento, momento de terror, em que Laureano empunhou, em Lisboa, o sceptro da critica, e usurpou o trono da consagração publica, que era já no Martinho, ao mesmo tempo que Camillo reinava em São Miguel de Seide. Foi o momento em que appareceu, e se espalhou aos quatro ventos da Baixa, o programa de uma campanha pamphletaria que Laureano concebera, e a breve trecho empreenderia contra tudo quanto, em Portugal, indevidamente ostentasse fóros de instituição vigente. Era uma concepção grandiosa, como

vês, e a esse tempo assustadora devéras, porque em Portugal se vivia sob um regimen de liberdade tal de imprensa, de que só posso dar-te uma idéa muito magra e palida declarando-te que essa fartura de então era tão grande como a parcimonia de hoje.

Pode-se dizer que esse foi para nós o tempo das piadas gordas.

Ao *Espetro* de Antonio Rodrigues Sampaio sucedera o *Trinta* de Cecilio de Sousa, e viera depois o *Seculo,* com o Magalhães Lima, que tu já não conheceste. Nesse arraial patusco e liberrimo da imprensa, em que cada qual abria barraca para vender o seu peixe, teve o publico de Lisboa um dos seus passatempos favoritos, e ahi se habituou a esta consoladora descrença dos homens e das coisas que ainda hoje lhe resta, como amortecido reflexo da aurea bambochata...

Ainda vivia o Dallot do Theatro Infantil, onde eu passei algumas das tardes mais felizes da minha tenra infancia. O Theatro Infantil era o nosso theatro livre, onde subiam á scena, entre farrapos de lôna, repregos de papelão e pirotechnicos efeitos de fogos de Bengalla nos finaes dos actos, as peças de Jacobety, todas repassadas de uma moral muito mais duvidosa que a do João Felix Pereira, mas incomparavelmente mais divertida, e d'um alcance bem mais facil a todas as inteligencias. A pequenina mente de cada um de nós, dos da minha idade, que pela primeira vez entrava, inda em botão, naquelle risonho theatro, acessivel a todo o feliz mortal que podesse dispôr de dois patacos, de lá saía, ao fim do espetaculo, desabrochada com opulencia em todas as

suas petalas. As revistas de Jacobety eram, por assim dizer, a *mise-en-scène* descabelada, quasi em pelote, e englobada em tres actos, de quantos sucessos patuscos haviam dado brado, pela busina dos jornaes, no decurso do anno findo. A pessoa augusta e irresponsavel do Rei era atacada ahi, em alusões e satiras, com a mesma violencia com que ainda hoje se ataca algum tambor em festa. As figuras dos Ministros apareciam no tablado tão fielmente reproduzidas nos sinaes fisionomicos, na estatura e nos gestos, que, d'uma vez, um falecido estadista, a esse tempo secretario de estado dos Negocios da Marinha e do Ultramar, tendo-se dado ao desfastio de ir vêr a sua figura em scena, e andando, num intervalo, a passear no corredor, vira chegar-se a elle um homemsinho baixo, bexigoso, muito açodado, agitando um papel na mão, e que, tomando-o por um braço, pretendia empurrá-lo, gritando-lhe esbaforido:—«Ande, homem, ande depressa, que o pano vae subir!...» E esse homem aflito era, nem mais nem menos, o contra-regra da peça! Nas scenas das revistas do anno, como nos artigos e biscas dos jornaes, o pão era pão, o queijo era queijo, todas as coisas, emfim, como todos os factos, eram tratadas pelo seu verdadeiro nome.

Estas expressões benevolentes de agora, habitualmente empregadas nas descomposturas e verrinas chamadas «de luva branca», andavam longe da moda. Aquillo a que hoje se chama, ao fim de grandes rodeios, «a duplicidade de carater de que é dotado o illustre homem de estado Hypacio»; ou aquella sabida «escassez de escrupulos que todos reconhecem, ainda mesmo os seus

proprios correligionarios, na pessoa do nobre titular da pasta das Obras Publicas», suponhamos — era, a essa data, sem mais ambages nem busca de palavras vãs, esta simples coisa: patifaria, maroteira, pouca-vergonha! Um jornal bem conceituado, orgão de um dos partidos constitucionaes, tendo no cabeçalho o nome de um ministro, publicava uma tarde certo artigo de fundo, que começava assim: «Arre, malandros!» e todo elle visava, quanto a um bom atirador é possivel visar o seu alvo, as sete individualidades omnipotentes dos membros do Governo. Ninguem retrucava, ninguem se considerava ofendido; a querela por difamação era uma coisa ideal. Dois ou tres duelos, que ficaram memoraveis, tiveram sua origem em méras questões literarias, debatidas entre amaveis adversarios mistificadores, que, a pretexto de liquidarem a pendencia no campo da honra, acabavam por improvisar galhardamente algum almoço no campo.

Quem não queria ser lobo não lhe vestia a pele; e quem se atrevia a vesti-la ficava depois com um tal mêdo d'ella, que não sabia já onde meter-se, para a ter bem segura. A vida nacional tornára-se uma verdadeira toirada. Ramalho e Eça, dando-se a alternativa, enterravam as suas *Farpas* no cachaço amplo de cada ridiculo que saltasse na praça. Nos intervalos, Gomes Leal levantava-se do seu logar da bancada, esmurrava a atmosfera, e proclamava a *Traição*, sem graves consequencias. O proprio general das Guardas Municipaes, terriveis na conquista das criadas de servir, obtivera do seu trato com o povo, complacente e alegre, esse inofensivo, familar diminutivo de—General Macedinho.

Foi neste momento que Laureano anunciou, pelas esquinas, a grandes letras vermelhas como pimentões, a proxima aparição dos seus pamphletos semanaes, ás terças-feiras. Essa publicação nefasta, demolidora, terrivel, intitular-se-ia, impiedosamente — *O Pelourinho*. Emilia das Neves, entrando nessa manhã no Theatro Normal, para o ensaio do *Alfageme*, apertava muito a mão ao actor Theodorico, e tinha a franqueza de confessar-lhe este receio: — «Já sabes? O Laureano vae publicar um folheto todas as terças-feiras. Estamos arranjados!» E a sua voz tremia. Nesse prospecto do *Pelourinho*, Laureano estabelecia em poucas palavras, sucintas e sacudidas, o arrojo d'este paradoxo: «Encetando esta publicação hebdomadaria, o auctor empreende uma obra bem maior do que foi a do Marquez de Pombal reconstruindo Lisboa: porque pretende, só elle, á sua parte, provocar o terramoto e promover depois a reconstrução...» Era medonho — como ameaça e como sinthese.

Da espétativa angustiosa em que Laureano lançou, por esse anuncio, a alma da cidade, ainda vive hoje quem se lembre, com calafrios. Laureano foi para Lisboa, durante alguns mezes, o perigo! E chegou a assignalar-se então, na vida e no movimento das diversas classes, principalmente entre as chamadas classes dirigentes, o fenomeno singular, exacto, admiravel, de alguma evolução. E tudo isso era medo, verdadeiro medo, medo com todas as letras, que não são muitas, mas que são poderosas. Nas secretarias do Estado, nos estabelecimentos de instrução, nos quarteis, na familia, nas alfandegas, tudo quanto d'antes era desmazelo, indisciplina, anar-

chia, dir-se-ia que por milagre se transmudára, d'um dia para outro, em pontualidade, ordem, rigor. Antigos funcionarios publicos, que toda a gente supunha já aposentados, tal o abandono a que haviam votado os serviços da sua repartição, voltavam a assignar o ponto ás horas do regulamento. Contribuintes em atrazo, com decimas relaxadas a ponto de já ninguem fazer caso d'ellas, foram vistos formar cauda á boca dos cofres das Recebedorias, muito promtos a pagar todos os adicionaes, juros de móra, relaxes. Estudantes da Polytechnica, que haviam atingido, numa enfiada de zeros, o maximo da tolerancia, rehabilitavam-se, com estrondo, em lições de 16, 18, 20 valores! Chegou-se ao apuro de não apparecer uma senhora na rua, nem uma menina a uma janela, com medo de Laureano. E tão falado e temido chegou elle a ser, que ás crianças teimosas e rabinas diziam as mães e as amas, arregalando os olhos:

—«Olhe o menino que se não faz isto, ou se não faz aquillo, vae-se chamar o Laureano!»

Passaram dias, decorreram mezes, sem que o pamphleto apparecesse, e pouco a pouco se foram serenando os animos agitados, tudo voltou aos seus eixos. Nunca se soube, porém, ao certo, por que razão imperiosa e misteriosa o Laureano se saíra d'aquellas entradas de leão, como um sendeiro. Correram varias versões, mas aquella em que as minhas suspeitas mais fizeram fincapé, foi a versão que segue: Laureano, que era, em materia de boa letra, um dos primeiros ornamentos da nossa burocracia, achava-se a esse tempo servindo, como amanuense, na Direcção Geral das Contribuições Directas,

onde a sua ausencia sistematica chegára a ser notada, com escandalo, ás terças, quintas e sabados. No dia em que aparecera nas esquinas o anuncio do *Pelourinho*, todos os colegas da repartição vieram cumprimentá-lo pela audacia, e procuraram informar-se, num natural antegoso, de quaes seriam as chagas sociaes em que elle iria de preferencia pôr o dedo.

Laureano recostára-se na sua ampla cadeira almofadada de coiro, pontificára ante os colegas boquiabertos, e dera com a lingua nos dentes o bastante, para que d'ahi a dois dias, voltando á repartição, o continuo, melifluo, lhe segredasse ao ouvido esta coisa inquietante:

—«O chefe quer falar a vossa senhoria...»

E quando Laureano assomára, muito enfiado, á porta do gabinete do chefe, d'este modo, e em tom algo desusado, o chefe lhe falára:

—«Tenho a prevenir o senhor de que ando pouco contente com o seu serviço e me acho muito disposto a propôr superiormente a sua demissão. Esta coisa de só aparecer na repartição ás segundas, quartas e sextas, tem de acabar um dia. Isto é uma troça, e eu não admito troças. O senhor ouviu? Eu não admito troças!...»

Laureano procurava fazer passar uma desculpa, ensaiava um «mas»... O chefe, porém, içára os oculos para a testa, o que era tido por signal de tempestade tão certo, como quando no mastro do Arsenal se iça o camaroeiro; pregára um formidavel murro sobre o processo de recurso extraordinario em que começára a lançar a sua informação, e cobrira com dois berros a conjunção subalterna do amanuense:

—«Aqui não ha *mas*, nem meio *mas!* Já lh'o disse! Irra, que estou farto de o aturar, ao senhor, e não posso, não devo, não quero! ouviu bem? Não quero aturá-lo mais! Ficamos nisto: ou o senhor passa a vir á repartição todos os dias e a horas, ou vae para a rua, d'onde em má hora veiu. Mais nada. Póde retirar-se.»

Mas quando Laureano, atrapalhado com o caso, que parecia sério, ia a dar meia volta á direita para sair por aquella mesma porta por onde havia entrado, o chefe dissera ainda:

—«E olhe lá, ó senhor Laureano! Quero tambem dizer-lhe que já me chegaram aos ouvidos uns zum-zuns a respeito d'essa coisa de critica de costumes que anda p'ra ahi anunciada nas esquinas, com o seu nome por baixo... Ora eu tenho a preveni-lo mais do seguinte: livre-se o senhor de tocar, nem ao de leve, em qualquer assumto que se refira a contribuições directas. Nem directas... nem indirectas! Póde retirar-se!»

Saberás tu que o *Pelourinho* devia, logo ao primeiro numero, atacar de frente este capitulo magno: «De como, muitas vezes, por meios indirectos, se póde fugir aos encargos das contribuições directas...» Laureano foi sempre notoriamente dotado de uma absoluta incapacidade para escrever quatro linguados seguidos. O que do miolo do seu cerebro chegava a transmitir-se ao papel, pela frase escrita, só nos vinha ao cabo de grandes, profundas e aniquiladoras lucubrações d'aquelle talento. Ao contrario de certos escritores que adotaram a divisa de produzir muito para produzir barato, Laureano só queria produzir pouco para produzir — o bom!

Mas passava tormentos; e cada uma das suas producções assumia o carater de um parto laborioso, em que a idéa tinha de ser fatalmente, e depois de haver sofrido verdadeiros tratos de polé, arrancada a ferros.

Laureano realisára, entretanto, e só Deus sabe com que sacrificio, todo o arrojado capitulo I. Passára-o a limpo, enchêra dez linguados, lêra-o á meza, na casa de hospedes, a quem quizera ouvi-lo. E o que elle teria ainda para dizer depois! A seguir ás Contribuições Directas, o que elle teria a dizer a respeito d'Arte, a respeito de Letras, a respeito de Politica—da nossa Politica! E os grandes problemas sociaes, universaes, humanitarios! O *Pelourinho* teria sido um assombro! A' semelhança de quem houvesse conseguido, um dia, essa coisa impossivel de meter o Rocio na Bitesga, elle teria metido no Pelourinho—o Universo!

Entretanto, o que já ninguem podia tirar-lhe, com essa mesma facilidade com que o chefe das Directas o ameaçava de tirar-lhe o emprego, era a fama de homem de genio—*Homo di genio*—que Laureano vira arredondar-se em volta da sua pessoa, como uma aureola.

O triumfo que não podéra realisar pela palavra escrita, e que teria sido o seu mais bello sonho doirado, realisava-o elle, todavia, pela *piada* falada. A piada, que fôra sempre o seu fraco, tornou-se então o seu forte. Laureano foi, principalmente, um piadista; e nesse genero ganhou uma justa reputação de piadista insigne. Foi o temivel, foi o implacavel, foi o execravel Laureano! Citou-se Laureano—*tout court*—como ainda hoje se cita La Bruyère, ou La Rochefoucauld. E as suas piadas

correram, esguicharam, esvoaçaram aos quatro ventos e aos quatro bairros da cidade, já como desopilantes, já como profecias. Laureano atingiu esta coisa maxima: uma das suas frases foi repetida no Parlamento, entre aspas, pelo proprio Fontes!

Actrizes que debutassem, gimnastas que se exibissem, pintores que expozessem, escritores que aparecessem, cantores novos que viessem para S. Carlos, todos iam, reverente e incondicionalmente, implorar de Laureano a benevolencia da sua opinião, a complacencia da sua critica, a brandura do seu azorrague. Porque em muitos d'estes momentos solemnes, quando a opinião publica, posta na presença de algum grande facto, hesitava entre a pateada ruidosa e a glorificação *à outrance*, era para elle que se voltava, aguardando um aceno, uma palavra, um signal, para glorificar o auctor, ou para enterrar a peça.

Admitindo que a opinião publica, na frase d'elle, foi sempre, e ha de ser sempre uma claque, Laureano era, a essa data, o chefe d'essa grande claque. Laureano foi então um estado dentro d'outro estado. Chegado a este ponto, guindado a esta culminancia, Laureano decretou leis. Laureano Houve por Bem! E de toda a parte choviam, sobre aquelle seu chapéo alto branco inseparavel, benesses de toda a especie, contas pagas, bórlas de theatro, diplomas honorificos, convites para jantares, cartas de namoro, ramos de flôres, fatos completos!—Sim, meu amigo, fatos completos! O independente, o altivo, o inexpugnavel Laureano comeu, bebeu, vestiu, teve frascos de perfumes e teve amantes, teve

roupa branca e teve digestões regulares; e tudo isto durante muito tempo, sem passar outro recibo que não fosse o do seu parco vencimento de amanuense com descontos! Vivia a dois carrinhos: á custa d'aquelles que o enchiam de favores para que a sua satira os poupasse, e á custa d'outros que lhe pagavam a ceia, para que elle lhes désse a honra de os descompôr depois!

Pois meu caro amigo: esse laureado Laureano, que Lisboa inteira tomou a sério, admirou e temeu, subitamente caiu em desprestigio, sem se saber porquê, como nunca fôra possivel saber-se porquê, tambem, a tão alto elle subira. Tristemente acabou o seu *tempo de serviço*, na frase com que elle proprio definia a Vida. Como se diz nos romances—Laureano morreu pobre. Pobre de dinheiro, pobre de gloria, pobre de talento. Oh! mas sobretudo pobre de talento! porque na sua carteira esfarrapada encontraram-se ainda algumas cedulas de tostão, ao passo que de toda a sua obra não resta, sequer, uma piada...

Collecção ANTONIO MARIA PEREIRA

VULGARISAÇÃO DOS MELHORES LIVROS

DAS

LITTERATURAS PORTUGUEZA E ESTRANGEIRAS

Romances, Contos, Viagens, Historia, etc., etc.

Volumes publicados

1 — Tristezas á beira-mar, por Pinheiro Chagas.
2 — Contos ao luar, por Julio Cesar Machado.
3 — Carmen, trad. de M. Level.
4 — A Feira de Paris, por Iriel.
5 — O direito dos filhos, por George Ohnet.
6 — John Bull e a sua ilha, trad. de P. Chagas.
7 — Esgotado.
8 — A lenda da meia noite, por M. Pinheiro Chagas.
9 — A joia do vice-rei, por P. Chagas.
10 — Vinte annos de vida litteraria, por A. Pimentel.
11 — Honra d'artista, trad. de P. Chagas.
12 — Esgotado.
13 e 14 — A aventura d'um polaco, trad. de Maria A. Vaz de Carvalho.
15 — Os contos do Tio Joaquim, por R. Paganino.
16 — Esgotado.
17 — Noites de Cintra, por Alberto Pimentel.
18 e 19 — Esgotado.
20 e 21 — A irmã da caridade, por Emilio Castellar, trad. de L. Q. Chaves.
22 — Migalhas de historia portugueza, por P. Chagas.
23 — Esgotado.
24 — Contos, por Affonso Botelho.
25 — Esgotado.
26 — Esgotado.
27 — O naufragio de Vicente Sodré, por Pinheiro Chagas.
28 — Vida airada, por Alfredo Mesquita.
29 — O bacharel Ramires, por Candido de Figueiredo.
30 e 31 — Esgotado.
32 — As netas do Padre Eterno, por A Pimentel.

33 — Contos, por Pedro Ivo.
34 — O correio de Lyão, por Pierre Zaccone.
35 — Vida de Lisboa, por Alberto Pimentel.
36 — Historias de frades, por Lino d'Assumpção.
37 — Obras primas, por Chateaubriand
38 — O exilado, por Mauricia C. de Figueiredo.
39 — Poema da Mocidade, por Pinheiro Chagas.
40 e 41 — A vida em Lisboa, por Julio Cesar Machado.
42 e 43 — Espelho de portuguêses, por Alberto Pimentel.
44 — A fada d'Auteuil, trad. de Pinheiro Chagas.
45 — A volta do Chiado, por E. de Barros Lobo.
46 — Séca e Méca, por Lino d'Assumpção.
47 — Ninho de guincho, por Alberto Pimentel.
48 — Vasco, por A. Lobo d'Avila.
49 — Leituras ao serão, por A. X. Rodrigues Cordeiro.
50 — Luz coada por ferros, por D. Anna A. Placido.
51 — Esgotado.
52 — Relampagos, por Armando Ribeiro.
53 — Historias rusticas, por Virgilio Varzea.
54 — Figuras humanas, por Alberto Pimentel.
55 — Dolorosa, por Francisco Acebal, trad. de Caïel.
56 — Memorias de um fura-vidas, por A. de Mesquita.
57 — Dramas da côrte, por Alberto de Castro.
58 — Os mosqueteiros d'Africa, por Mendes Leal.
59 — A divorciada, por José Augusto Vieira.
60 — Phototypias do Minho, por J. Augusto Vieira.
61 — Insulares, por Moniz de Bettencourt.
62 e 63 — Historia da civilisação na Europa, trad. do Marquez de Sousa Holstein.
64 — Triplice alliança, de Raul de Azevedo.
65 — Retalhos de verdade, por Caïel.
66 — A pasta d'um jornalista, pelo Visconde de S. Boaventura.
67 — Os argonautas, por Virgilio Varzea.
68 — Fitas de animatographo, por Alberto Pimentel.
69 e 70 — Poesias do Abbade de Jazente, annotadas por Julio de Castilho.
71 — Aspectos e sensações, de Raul d'Azevedo.
72 — Contos e narrativas, por P. W. de Brito Aranha.
73 — Quadros e letras, historias e romancetes, por Sanches de Frias.
74 — Individualidades, por Henrique das Neves
75 — Alfacinhas, por Alfredo de Mesquita.
76 — Patria amada, pelo Visconde de S. Boaventura.
77 — Historias e romancêtes, por Sanches de Frias.
78 — Esbocetos individuaes, por Henrique das Neves.
79 — Recordações da mocidade, por Adolpho Loureiro.
80 — Sorrisos, novellas e chronicas, por A. Campos.
81 — Lucta de sentimentos, por Maria O'Neill.
82 — Do Rocio ao Chiado, por P. de Vasconcellos.
83 — A dança do destino, por Luthgarda de Caires.
84 — Um drama de ciume, por Maria O'Neill.
85 e 86 — Resumo da origem de todos os cultos, por C. F. Dupuis.
87 — Vencido, romance por F. A. M. de Faria e Maia.
88 — Elogio da loucura, critica de costumes, por Erasmo.

OUTRAS OBRAS